



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Julia Orié Yamamoto

Tópico, Foco e Construções de Clivagem no Japonês

FLORIANÓPOLIS

2015

Julia Orié Yamamoto

Tópico, Foco e Construções de Clivagem no Japonês

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Linguística, na linha de pesquisa Interfaces da Gramática, da área de concentração Teoria e Análise Linguística.
Orientadora: Profa. Dra. Sandra Quarezemin

Florianópolis

2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Yamamoto, Julia Orié
Tópico, foco e construções de clivagem no japonês / Julia
Orié Yamamoto ; orientadora, Sandra Quarezemin, 2015.
131 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Linguística, Florianópolis, 2015.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Foco. 3. Tópico. 4. Clivagem. 5.
Japonês. I. Quarezemin, Sandra. II. Universidade Federal
de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística.
III. Título.

Julia Orié Yamamoto

Tópico, Foco e Construções de Clivagem no Japonês

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Aquiles Tescari Neto, Dr.
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Izete Lehmkuhl Coelho, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Núbia Saraiva Ferreira, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Linguística.

Prof. Dr. Atilio Butturi Junior
Coordenador do Programa

Prof. Dr.(a) Sandra Quarezemin
Orientadora

Florianópolis, 20 de fevereiro de 2015.

Este trabalho é dedicado à Regina e Carlão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pelo suporte, carinho e dedicação à distância. Aos meus pais pelo cobertor com cheiro do sol da minha terra natal e comidas que alimentaram minha alegria. Ao meu irmão Ryu pelo companheirismo e cuidados especiais, percorridos de longe – Tsukuba, Pelotas e Frei Rogério –, pelos livros do Kuroda, que foram indispensáveis para escrever esta dissertação. Aos meus tios Naoko e Takashi que, mesmo do outro lado do mundo, trazem ao meu coração a alegria de tê-los como se fossem também meus pais.

Agradeço à minha outra família, que me acolheu com um coração enorme e aconchegante desde que vim à Ilha da Magia. Regininha e Carlão, obrigada pelo carinho, pela presença, pelas motivações e por todos os cuidados especiais, nas alegrias e dificuldades. Tenho vocês como minha inspiração e, ao mesmo tempo, meus anjos da guarda. Agradeço também à Mi e ao Paulo, por abrirem espaço para essa pequena mas espaçosa irmã postiça, com bom humor, carinho e alegria.

Agradeço à minha orientadora, professora Sandra Quarezemin, pelo seu sorriso cativante, pela sua paciência com as minhas limitações, pelo seu incentivo e dedicação nos passos finais desta dissertação. Agradeço também ao inesquecível professor Carlos Mito, pai desta minha pesquisa e o responsável pelo meu encanto pela sintaxe formal desde os meus passos iniciais com a Iniciação Científica. Obrigada por me ensinar a entender o essencial para a pesquisa em sintaxe gerativa. Minha sincera gratidão pela sua paciência e sabedoria, pelas palavras econômicas e certeiras, pela sua atenção e, principalmente, pelo seu precioso apoio até o fim.

Agradeço aos professores que participaram da minha banca de defesa Izete Lemhkhul Coelho, Núbia Saraiva Ferreira e Aquiles Tescari Neto. Muito obrigada pela dedicação da leitura minuciosa, pelas valiosas observações para estudos futuros, parte das quais não pode ser acatada aqui mas que está guardada com carinho para me servir de guia no futuro. Obrigada também à Simone Gesser, pelas suas contribuições na ocasião da banca de qualificação.

Agradeço a todos os demais professores, que além de me mostrarem os encantos da pesquisa linguística desde o meu primeiro contato com a área, também são grandes exemplos para mim – dentre eles Emílio Pagotto, Roberta Pires, Maria Cristina Figueiredo e Silva, Maximiliano Guimarães, Mary Kato. Gratidão em especial ao Max, pela sua dedicação e contribuições na sua impecável orientação durante a minha passagem pela UFPR. À minha brilhante colega veterana e “irmã de alma” Mariana Resenes, pela leitura cuidadosa, por cada observação, pelas agradáveis e cativantes “conversas” textuais. Obrigada por me estender sua mão, por estar sempre presente.

Agradeço às grandes amigas e “enfermeiras” Regina, Mari, Carla, Hideko e Karina Zendron, que muito zelaram por mim com paciência, amor e cuidado quando eu mais precisei. Obrigada, meus anjinhos da guarda, por terem me dado todas as forças, todos os cuidados especiais, pelas comidas boas que levantavam meu ânimo, pelas compras e limpezas em meu lugar para que eu descansasse das dores. Gratidão em especial à Regina e Carlão, por me acolherem em seus braços, em seu lar e em seu coração, tão agradáveis e tranquilizantes, sempre. E, por fim, minha sincera gratidão à Mari, esse anjinho que, mesmo à distância, me deu forças emocionais e intelectuais valiosíssimas quando, a cada manhã com dores, eu pensava que já não conseguia mais continuar na luta. Obrigada pela sua sintonia comigo, de dia, de noite e de madrugada.

Agradeço a todos os amigos e amigas extra-acadêmicos, em especial a cada um de meus alunos de língua japonesa, ao casal Takasugi, aos amigos do Kendô e da Colônia Ramos. Obrigada, de coração, por compartilharem comigo a sua energia boa, a sua amizade sincera e, também, pela sua ajuda direta ou indireta durante o período do meu mestrado.

Minha gratidão a todos vocês que foram importantes nesse processo de aprendizagem e que continuam sendo importantes na minha vida pessoal. Obrigada.

Meus agradecimentos ao Conselho Nacional de Pesquisa, pelo qual fui agraciada com a bolsa de pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação busca identificar e descrever as construções de clivagem do Japonês, que é um processo sintático destinado a focalizar constituintes na sentença. Fazemos uma breve investigação sobre o modo como determinadas propriedades da língua interagem com a sintaxe da clivagem. Para que essas propriedades sejam visíveis, lançamos mão da comparação do Japonês com o Português Brasileiro e tomamos como base a Teoria Gerativa. Parte-se da hipótese de que as propriedades do Japonês, tais como a marca morfológica de caso e de tópico, a ordem SOV, a natureza do complementizador e da cópula podem contribuir para estabelecer quais são as estruturas da clivada e da pseudoclivada. A literatura sobre o assunto tem mostrado que o Português Brasileiro apresenta uma rica gama de construções de clivagem, conhecidas como sentenças *clivada*, *pseudoclivada*, *semiclivada*, *clivada reduzida*, *clivada invertida*, *pseudoclivada extraposta* entre outras. Já o Japonês parece não apresentar tanta variedade de clivagem. É consenso que, no Português Brasileiro, a estrutura da sentença clivada canônica apresenta a sequência [Cópula + XP_(foco) + CP_(que+pressuposição)] e, a pseudoclivada, a sequência [CP_(Wh+pressuposição) + Cópula + XP_(foco)]. No Japonês, a literatura considera que a estrutura das sentenças de clivagem no Japonês apresentam a sequência [CP_(pressuposição+no+wa) + XP_(foco) + Cópula], podendo o constituinte foco ser marcado pelo morfema de caso ou não. Essa opcionalidade da marca de caso envolve questões sintáticas e semânticas distintas e, segundo a literatura, é o que define a classificação entre sentença clivada e pseudoclivada no Japonês. Para que possamos identificar e descrever essas sentenças, averiguamos, primeiro, se os morfemas conhecidos como marcador de tópico /-wa/ e de foco /-ga/ são evidências para se postular as projeções de tópico e de foco respectivamente, já que são categorias que aparecem nas construções de clivagem do Japonês. Consideramos que a realização desses morfemas não são suficientes para se postular a projeção das categorias de tópico e foco. Observamos, contudo, que a oração pressuposta marcada por /-wa/ nas construções de clivagem é um tópico e que o morfema /-ga/ não marca necessariamente os constituintes foco nessas construções. Descrevemos ainda que o complementizador /-no/ e a marca (ou ausência) de caso do foco são elementos chave para a identificação do tipo de clivagem e sua estrutura. Do ponto de vista semântico, apresentamos a possibilidade de interpretações predicacional e especificacional dessas construções no Japonês quando da ausência do morfema de caso do foco. Já nos casos em que o foco tem seu caso marcado, a interpretação é apenas especificacional. Quanto à sintaxe, a estrutura proposta para as sentenças clivadas é de que o XP-foco é movido de sua posição inicial para *spec-FocP*, cujo núcleo é a cópula /-da/. E, então, o *remnant nominalized FinP* que contém a oração pressuposta – cujo núcleo é o introdutor de uma proposição finita /-no/, e de onde o foco já sofreu movimento – é topicalizado para *spec-TopP*, e lá recebe a marca de tópico /-wa/. Para as sentenças pseudoclivadas, adotamos parcialmente a análise de Kato e Mito (2009) para o Japonês, porém, algumas lacunas ficam em aberto para estudos futuros – em especial, a explicação sintática para a perda do morfema de caso do foco.

Palavras-chave: Foco. Tópico. Clivada. Pseudo-clivada. Japonês.

ABSTRACT

This thesis aims to identify and describe cleft constructions in Japanese - constructions that use a syntact process to focalize constituents in the sentence. We present a brief investigation on how properties of this language interact with the syntax of clefts. In order to make these properties clearer, we resort to the comparison between Japanese and Brazilian Portuguese and we base this work on the Generative Theory. We take the hypothesis that Japanese properties, as for example, the morphological Case and the topic marker, the SOV order, the nature of the complementizer and of the copula can help to establish what are the structures of clefts and pseudoclefts. The literature on this topic has shown that Brazilian Portuguese has a rich variety of cleft constructions, known as clefts, pseudoclefts, semiclefts, reduced clefts, inverted clefts, extraposed pseudoclefts, etc. On the other hand, Japanese doesn't seem to present such variety in clefting. It's consensus that, in Brazilian Portuguese, the structure of the canonical cleft sentence has the following sequence [Copula + XP_(focus) + CP_(que+presupposition)] and the pseudocleft has the sequence [CP_(Wh+presupposition) + Copula + XP_(focus)]. As for Japanese, the literature considers that the structure of cleft sentences has the sequence [CP_(presupposition+no+wa) + XP_(focus) + Copula], and the focus can be marked by Case morpheme or not. This optionality in Case marking involves distinct syntactic and semantic questions and, according to the literature, this is what defines the classification between cleft and pseudocleft sentences in Japanese. In order to identify and describe these sentences, first of all we investigate if the morphemes known as topic marker /-wa/ and focus marker /-ga/ are, in fact, evidence to postulate topic and focus projection, respectively, since they are categories that appear in cleft constructions in Japanese. We consider that the realization of these morphemes are not enough to one postulate the topic and focus categories. However, we observe that the clause interpreted as presupposition marked by /-wa/ in cleft constructions is a topic and that /-ga/ morpheme doesn't necessarily mark the focus constituent in these constructions. We also show that the complementizer /-no/ and the Case marker (or its absence) in the focus are key elements to identify the clefting type and its structure. From the semantic point of view, we show the possibility of a predicational and specificational interpretation for these constructions in Japanese when there's no Case morpheme in the focus. On the other hand, when the focus is marked for Case, the interpretation is only specificational. As for the syntax, in the structure proposed for the cleft sentences, the XP-focus is moved from its initial position to Spec-FocP, headed by the copula /-da/. Then, the remnant nominalized FinP (from where the focus was moved), that stands for the presupposition clause and whose head, /-no/, introduces a finite proposition, is topicalized to Spec-TopP and there gets the topic marker /-wa/. Finally, for the syntax of Japanese pseudoclefts, we partially follow the analysis of Kato & Mioto (2009); however, there remain some 'gaps' to be filled in future researches, specially the syntactic explanation to the loss or absence of Case morpheme in the focus.

Keywords: Focus. Topic. Cleft. Pseudocleft. Japanese.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACC	Caso acusativo
AP	Sintagma Adjetival
AS	Asserção
ASK	interrogação
C	Compelmentizador
CP	Complementizer Phrase
CÓP.	Cópula
DAT	Caso dativo
F	Foco
FinP	Sintagma de Força
Foc	Foco
FocP	Sintagma Foco
ForceP	Sintagma de Finitude
GEN	Caso genitivo
IP	Sintagma flexional
JP	Japonês
LOC	Partícula locativa
NML	Nominalizador
NML	Nominalizador
NOM	Caso nominativo
NP	Sintagma nominal
O/SVO	Ordem “objeto como tópico, sujeito-verbo-objeto”
OP	Operador
PB	Português Brasileiro
PPA	Conjunto de asserções pragmáticas
PRON	Pronominalizador
RL	Relativa Livre
S/SVO	Ordem “sujeito como tópico, sujeito-verbo-objeto”
SC	Small Clause
SOV	Ordem “sujeito-objeto-verbo”
SVO	Ordem “sujeito-verbo-objeto”

Spec	Especificador
TopP	Sintagma Tópico
TÓP	Tópico
VO/SVO	Ordem “verbo-objeto como tópico, sujeito-verbo-objeto”
VP	Sintagma verbal
Wh	expressão interrogativa
XP	Sintagma de projeção máxima

<i>ec</i>	Categoria vazia
<i>expl.</i>	Expletivo
<i>interrog.</i>	marca de interrogação
<i>neg.</i>	expressão negativa
<i>pass.</i>	Tempo passado
<i>poss.</i>	Possessivo
<i>pro</i>	Prozinho
<i>t</i>	Vestígio (de movimento)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS	17
1 TÓPICO E MORFEMA /-WA/ DO JAPONÊS	21
1.1 INTRODUÇÃO.....	21
1.2 CONCEPÇÃO DE TÓPICO.....	21
1.3 TIPOS DE TÓPICO NO JAPONÊS.....	26
1.4 TÓPICO VS. SUJEITO.....	29
1.5 TODO SINTAGMA MARCADO POR /-WA/ É UM TÓPICO?.....	32
1.5.1 O sintagma /-wa/ que não é tópico	32
1.6 A SINTAXE DO TÓPICO.....	35
1.7 RESUMO DO CAPÍTULO 1.....	40
2 FOCO E MORFEMA /-GA/ DO JAPONÊS	43
2.1 INTRODUÇÃO.....	43
2.2 CONCEPÇÃO DE FOCO.....	44
2.3 TIPOS DE FOCO.....	48
2.4 A POSIÇÃO DO FOCO NA SENTENÇA.....	50
2.5 “MORFEMA DE FOCO” VS. MORFEMA /-GA/.....	52
2.6 FOCO VS. TÓPICO.....	57
2.7 A SINTAXE DO FOCO.....	61
2.7.1 A Sintaxe do Foco de Informação	62
2.7.2 A Sintaxe do Foco Contrastivo e de Identificação	65
2.8 RESUMO DO CAPÍTULO 2.....	67
3 CONSTRUÇÕES DE CLIVAGEM DO JAPONÊS	69
3.1 INTRODUÇÃO.....	69
3.2 CARACTERIZAÇÃO DE CLIVAGEM.....	70
3.3 AS SENTENÇAS CLIVADAS.....	74
3.3.1 Função da Sentença Clivada	77
3.4 AS SENTENÇAS PSEUDOCLIVADAS.....	80
3.4.1 Função da Sentença Pseudoclivada	81
3.4.2 Ambiguidade da Construção Pseudoclivada	83
3.5 O CP (OU FINP) DAS SENTENÇAS CLIVADAS E PSEUDOCLIVADAS DO JAPONÊS.....	90
3.5.1 A Expressão /-no/ das Clivadas e Pseudoclivadas	94

3.5.2 O Estatuto da Oração Encaixada das Clivadas e Pseudoclivadas.....	101
3.6 A SINTAXE DA SENTENÇA CLIVADA.....	104
3.7 A SINTAXE DA SENTENÇA PSEUDOCLIVADA.....	109
3.7.1 A Estrutura da Sentença Predicativa.....	109
3.7.2 A Estrutura da Sentença Especificacional.....	110
3.8 RESUMO DO CAPÍTULO 3.....	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS.....	128

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

A clivagem é um processo gramatical destinado a focalizar constituintes na sentença. A partir de uma sentença simples como (1) no Português Brasileiro (PB), por exemplo, é possível derivar sentenças como (2) e (3) abaixo:

- (1) A Maria comeu o chocolate.
- (2) a. Foi **a Maria** que comeu o chocolate.
b. Foi **o chocolate** que a Maria comeu.
- (3) a. Quem comeu o chocolate foi **a Maria**.
b. O que a Maria comeu foi **o chocolate**.

As sentenças em (2) e (3) são formadas por uma parte da sentença que é foco (informação nova ou não-suposta) e outra parte que é pressuposição (informação compartilhada no discurso). Nota-se que, no Português Brasileiro, essas construções de clivagem fazem uso de elementos específicos, como a cópula *foi* e o complementizador *que* ou um elemento *Wh* (*quem*, *o que* etc). O constituinte focalizado é o que está depois da cópula e, normalmente, são destacados prosodicamente. As sentenças em (2) são chamadas de sentenças clivadas e, em (3), de pseudoclivadas.¹

Neste trabalho pretendemos dissertar sobre as sentenças clivadas e pseudoclivadas do Japonês, através de uma descrição básica da língua e uma investigação sobre o modo como determinadas propriedades do Japonês interagem com a sintaxe da clivagem. Para que essas propriedades sejam visíveis, lançaremos mão da comparação do Japonês com o Português Brasileiro e teremos como base a Teoria Gerativa. Conforme aponta Kato (1989), acreditamos que “uma descrição do mesmo fenômeno dentro de línguas do mesmo parâmetro poderá trazer intravisiões que a análise de uma única língua pode não propiciar” (p.109).

¹ A literatura sobre o assunto tem mostrado que o português brasileiro apresenta uma rica gama de construções de clivagem, conhecidas como sentenças *clivada*, *pseudoclivada*, *semiclivada*, *clivada reduzida*, *clivada invertida*, *pseudoclivada extraposta* entre outras. Já o Japonês parece não apresentar tanta variedade de clivagem como o português. De todo modo, como a construção de clivagem do Japonês que estudamos nesta dissertação é frequentemente relacionada às clivadas e pseudoclivadas pela literatura, focamos apenas nessas construções. Contudo, cabe considerar em estudos futuros uma comparação com as semi-clivadas, como o fazem Kato e Mito (2014).

Parte-se da hipótese de que as propriedades do Japonês, tais como o parâmetro pro-drop parcial (assim como no PB), a marca morfológica de Caso e de tópico, a ordem SOV entre outras, podem contribuir para estabelecer qual é a estrutura da clivada e da pseudoclivada. Para tanto, a metodologia que orientará esta dissertação é de cunho qualitativo. Serão incorporados à discussão do trabalho: dados discutidos na literatura, dados criados por nós e dados observados entre falantes do Japonês².

O Japonês é uma língua de núcleo final, isto é, apresenta ordem Sujeito-Objeto-Verbo (SOV) e faz uso de morfemas marcadores de Caso. Se tomarmos como base a parametrização de que as línguas tendem a generalizar sua ordem de modo que ela não fica restrita ao verbo e seu complemento (MIOTO et al., 2004), é dedutível que os morfemas marcadores de Caso do Japonês sejam de posposição ao NP, diferentemente da preposição no Português Brasileiro.

A sentença simples do Português Brasileiro em (1), por exemplo, pode ser traduzida de duas formas no Japonês, como apresentamos em (4) abaixo:

- (4) a. Maria-wa chokoreeto-o tabe-ta.
(Maria-TÓP chocolate-ACC comer-pass.)
'A Maria comeu o chocolate.'
- b. Maria-ga chokoreeto-o tabe-ta.
(Maria-NOM chocolate-ACC comer-pass.)
'A Maria comeu o chocolate.'

Nota-se que o sujeito pode ser marcado por */-wa/* ou por */-ga/* e o objeto é marcado pelo morfema de acusativo *-o* na sentença simples. Essas e demais propriedades básicas do Japonês serão tratadas no capítulo 1, uma vez que essas marcas morfológicas aparecem (ou desaparecem) nas construções de clivagem.

Muitas vezes, o morfema */-wa/* é definido na literatura como marcador de tópico e */-ga/* como marcador de Caso nominativo ou de foco; sendo este último nem sempre consensual. Já que elas são categorias que aparecem nas construções de

² O dialeto é o considerado padrão (da região de Tóquio), falado por imigrantes que se estabeleceram em uma colônia japonesa de Santa Catarina há 40 anos, e que mantém contatos com amigos e parentes no Japão. Também foram consultados japoneses com idade média de 32 anos que residem no Brasil há menos de cinco anos.

clivagem do Japonês, faremos uma breve descrição sobre essas morfemas e o conceito de tópico e de foco nos capítulos 1 e 2 dessa dissertação. Nosso objetivo é, além de descrevê-las, verificar se essas marcas morfológicas são evidências para se postular projeções sintáticas para tópico e foco. Conforme a proposta cartográfica, tais categorias podem entrar para a computação sintática, mesmo sendo elementos relacionados ao discurso.

No que diz respeito às construções de clivagem, o Português Brasileiro apresenta uma grande variedade de construções. Dentre elas, é conhecido na literatura que a estrutura da sentença clivada canônica (como apresentada em (2) inicialmente) tem a sequência [Cópula + $XP_{(foco)}$ + $CP_{(que+pressuposição)}$] e a pseudoclivada canônica (como em (3)), a sequência [$CP_{(Wh+pressuposição)}$ + Cópula + $XP_{(foco)}$]. Dessa forma, no Português Brasileiro, as clivadas são formadas pela cópula, pelo constituinte focalizado e pela informação pressuposta que é introduzida pelo complementizador *que*. Já as pseudoclivadas são formadas por um elemento *Wh*, que encabeça uma espécie de oração relativa – doravante Oração *Wh* –, pela cópula e pelo constituinte focalizado.

No Japonês, as construções de clivagem (a saber se elas são sentenças clivadas ou pseudoclivadas), apresentam a sequência [$CP_{(pressuposição+no+wa)}$ + $XP_{(foco)}$ + Cópula], conforme (5) abaixo:

- (5) a. [Chokoreeto-o tabe-ta no]-wa Maria da.
 ([Chocolate-ACC comer-pass NML]-TOP Maria CÓP.)
 ‘Quem comeu o bolo foi a Maria.’/‘Foi a Maria que comeu o bolo.’
- b. [Maria-ga tabe-ta no]-wa chokoreeto da.
 ([Maria-NOM comer-pass NML]-TOP chocolate CÓP.)
 ‘O que a Maria comeu foi o bolo.’/‘Foi o bolo que a Maria comeu.’

Ao construir a clivagem a partir da sentença simples em (4), a oração encaixada (pressuposição) é marcada por */-wa/* (e não por */-ga/*) e o sintagma não focalizado interno à oração encaixada conserva sua marcação sufixal de caso nominativo */-ga/* (e não por */-wa/*) quando sujeito. Ao mesmo tempo, os constituintes focalizados (o sujeito em (5.a) e o objeto em (5.b)) parecem perder a marcação sufixal de caso. No

entanto, também há dados em que o constituinte focalizado pode ser marcado por caso:

(6) [Joan-ga keeki-o age-ta no]–wa Maria-ni da.

([João-NOM bolo-ACC dar-pass NML]-TOP Maria-DAT CÓP.)

‘Para quem o João deu o bolo foi para a Maria.’/‘Foi para a Maria que o João deu o bolo’

Com esses pressupostos, dividimos a dissertação em três capítulos. No capítulo 1, apresentamos a noção de tópico, descrevemos a partícula */-wa/* do Japonês, os tipos de tópico que figuram nessa língua e a sintaxe dos constituintes topicalizados. Tomamos como base estudos feitos por Kuroda (1965, 1992, 2005), Kuno (1973), Vermeulen (2009, 2010), Rizzi (1997), Zubizarreta (1998), entre outros.

No capítulo 2 apresentamos a noção de foco, a caracterização do morfema */-ga/*, os tipos de foco no Japonês e sua configuração na sintaxe. Serão considerados, para tanto, Kuroda (1965, 2005), Rizzi (1997), Zubizarreta (1998), Lambrecht (2001), Mito (2003), Quarezemin (2005, 2009), Fuchs (2009), Heycock (1993a), entre outros.

No capítulo 3 identificamos e apresentamos as sentenças clivadas e pseudoclivadas. Veremos que a pura ordem dos constituintes não é suficiente para estabelecer o que é uma sentença clivada e uma sentença pseudoclivada. Consideramos as propriedades semântica e sintática da clivagem, tais como as propriedades do foco, a conectividade sintática, a função temática, dentre outras restrições e apresentamos algumas das propostas da literatura para a sintaxe dessas construções. A ambiguidade entre interpretações predicacional e especificacional das construções no Japonês também será abordada. Neste capítulo também trataremos de elemento */-no/* que aparece tanto como complementizador nas construções clivadas, quanto como nominalizador nas relativas livres. Serão considerados principalmente Belletti (2008), Kato e Mito (2009), Resenes (2009); Kizu (2005), Hiraiwa & Ishihara (2012).

1 TÓPICO e MORFEMA /-WA/ DO JAPONÊS

1.1 INTRODUÇÃO

Muitas das sentenças que produzimos podem ter constituintes destacados como tópico ou como foco de alguma forma. Os constituintes destacados veiculam tanto informação compartilhada no discurso quanto informação nova ou não pressuposta. Os destacados como tópico sentencial veiculam informação compartilhada e se articulam com o resto da sentença numa relação tópico-comentário.

As línguas articulam essa relação de diversas maneiras. Na sintaxe isso pode estar refletido na ordem das palavras, nas retomadas pronominais ou por uma categoria vazia, no uso de partículas para determinar qual é o tópico. Na prosódia, muitas vezes se observa uma pausa descendente entre o tópico e o comentário.

O Português Brasileiro (PB) destaca um tópico posicionando-o, em geral, na periferia esquerda da sentença e retomando-o dentro da sentença com pronomes ou categorias vazias. O que se observa na prosódia dessas construções é uma pausa entre o tópico e o comentário.

No Japonês, não se observa necessariamente uma ordenação especial dos constituintes, mas o tópico é marcado pelo morfema /*wa*/ e, se deslocado à esquerda, é retomado por uma categoria vazia. Com relação à pausa prosódica entre tópico e comentário, parece ocorrer em casos específicos.

1.2 CONCEPÇÃO DE TÓPICO

Nesse pequeno capítulo, tratamos do tópico em Japonês, dada sua importância para a sintaxe e para o estudo do foco. Inicialmente, podemos distinguir dois tipos de tópico: o tópico sentencial e o tópico discursivo. Como sugerido por Reinhart (1981), o primeiro é uma categoria sintática que introduz um referente como assunto dentro de uma dada sentença. O segundo é um tópico de uma unidade maior, um discurso inteiro, por exemplo e, por isso, este pode ser mais abstrato³.

³ Há estudos, na linha da gramática funcionalista, que consideram essa unidade maior como Parágrafo Temático. Ela é percebida conforme a *continuidade do tópico* no discurso (GIVÓN, 1983). O *tópico discursivo* pode ser abstrato porque um *tópico sentencial* pode funcionar como *tópico discursivo* e continuar a fazer o mesmo no discurso

Nos estudos sobre o Japonês, o morfema *-wa* é largamente conhecido na literatura como marcador de tópico, desde o clássico estudo de Kuno (1973)⁴. Contudo, em um estudo prévio feito por Kuroda (1965)⁵, sobre o qual se debruça Kuno (1973), a partícula *wa* já é descrita como um *premise marker* (marcador de premissa/pressuposição).

It seems necessary here to reexamine the semantic significance of particle wa, which, up to this point, has been taken as the premise marker. The premise of a predication is, to be sure, expressed in a wa-phrase, and in this sense one may say that the particle wa serves to mark the premise. But, as has been noted, the status of the wa-phrase as the premise is not established within the phrase structure; rather, the wa-phrase is generated transformationally by attachment. Thus the role of the premise marker is not inherent in the particle wa, but is secondarily imposed on it by the transformational mechanisms of compounding and attachment. [...] (KURODA, 1965, p.64)

De acordo com Reinhart (1981), o tópico ocorre como efeito de uma determinada asserção pragmática no contexto. Cada sentença declarativa simples da ordem SVO do Português Brasileiro, por exemplo, possui um jogo de Asserções Pragmáticas Possíveis (*PPA set*)⁶, como vemos em (7):

- (7) a. SVO O João pescou o peixe.
 b. S/SVO O João, ele pescou o peixe.
 c. O/SVO O peixe, o João pescou ele.
 d. VO/SVO Pescar o peixe, o João pescou (mas não comeu).

O que a sentença veicula semanticamente terá sempre o mesmo conteúdo, mas ela pode ser usada de acordo com o conjunto de asserções PPA em (7) associado a ela. Isto é, ela pode não ter nenhum constituinte como tópico (7a), ou ter um deles (7b-d) (ou mais, no caso de haver mais de um tópico). Um contexto adequado para usar (7a) é dado por uma pergunta como (8):

subsequente, além de nem sempre ser o único tópico daquele Parágrafo Temático. Para mais discussões sobre *tópico discursivo*, ver Givón (1983), Valldúvi (1990), Lambrecht (1994), Vermeulen (2010), entre outros.

⁴ (*Apud.* KATO, 1989). A autora se refere à obra de Susumu Kuno, em uma linha funcionalista, intitulada “The Structure of Japanese Language”.

⁵ Tese intitulada “Generative Grammatical Studies in The Japanese Language”, assume a concepção da Gramática Gerativa Transformacional. No momento de sua publicação (1965), a linguística estava em processo de mudança de paradigma da teoria da Gramática Gerativa Transformacional (Chomsky 1957) para a teoria Padrão (Chomsky 1965).

⁶ Há determinadas propriedades do sintagma NP tópicos, i.e., Restrições e Condições de seleção do jogo de PPA (REINHART, 1981:80-87).

- d. OV/S(O)V *[Sakana-o tsuru]-wa Joan-ga shi-ta (ga tabe-wa-shinaka-tta).
 ([Peixe-ACC pescar]TÓP João-NOM fazer-pass (mas comer-
 TÓP-fazer-neg.-pass.)
 ‘Pescar o peixe, o João pescou (mas não comeu)’.

Ao reproduzir o conjunto de asserções PPA de (7a-d) na versão em Japonês em (10) acima, vemos algumas diferenças entre o Português Brasileiro e o Japonês. Em uma sentença simples, o sujeito no Japonês pode ser marcado por /-wa/ ou por /-ga/. Em (10a) assumimos apenas a forma /-ga/ para ilustrar claramente uma sentença sem nenhum tópico, de modo que responda a uma pergunta como *O que aconteceu?*. As construções em (10b) e (10c) mostram que o Japonês, tal como no Português Brasileiro, pode ter o sujeito ou o objeto como tópico. Elas respondem a um contexto prévio como (11) e (12) respectivamente.

- (11) Joan-ni tsuite hanashi-tekudasai.
 (João-GEN sobre falar-por favor)
 ‘Fale-me sobre o João.’
- (12) Sakana-ni tsuite hanashi-tekudasai.
 (Peixe-GEN sobre falar-por favor)
 ‘Fale-me sobre o peixe.’

O sujeito tido como tópico em (10b), quando responde a um contexto como (11), normalmente não apresenta pausa prosódica significativa. O mesmo ocorre com o tópico objeto em (10c) ao responder a um contexto prévio como (12) acima.

A sentença em (10d), por sua vez, parece sugerir que o Japonês não pode ter um VP como tópico. Ilustramos, contudo, uma construção em que um VP é um constituinte destacado como tópico, sem alterar a interpretação exemplificada no Português Brasileiro em (7d) anteriormente.

- (13) S-OV/S(O)V Joan-wa [sakana-o tsuru]-wa shi-ta (ga tabe-wa-shinaka-tta).
 (João-TÓP [Peixe-ACC pescar]TÓP fazer-pass (mas comer-

TÓP-fazer-neg.-pass.)

‘Pescar o peixe, o João pescou (mas não comeu)’

Para que uma sentença com VP topicalizado e interpretado com contraste seja gramatical no Japonês, o sujeito deve aparecer na primeira posição e deve ser, necessariamente, marcado por */-wa/*. Esse sujeito, embora tenha a mesma morfologia do VP, não tem o mesmo tipo de interpretação. Isso é atestado pelo contraste sobre o VP (entre parênteses) ao final da sentença em (13). Além disso, a prosódia atua com um acento sobre o VP, mais especificamente sobre o verbo *tsur(i)* (pescar), mas não sobre o sujeito. De outra forma⁹, como em (10d) acima e em (14a,b) abaixo, as construções são agramaticais.

(14) a. S-OV/S(OV) *Joan-ga [sakana-o tsuri]-wa shi-ta (ga tabe-wa-shinaka-tta).
(João-NOM [Peixe-ACC pescar]TÓP fazer-pass (mas comer-TÓP-fazer-neg.-pass.)

‘Pescar o peixe, o João pescou (mas não comeu)’

b. OV/S(OV) *[Sakana-o tsuri]-wa Joan-wa shi-ta (ga tabe-wa-shinaka-tta).
([Peixe-ACC pescar]-TÓP João-NOM fazer-pass (mas comer-TÓP-fazer-neg.-pass.)

‘Pescar o peixe, o João pescou (mas não comeu)’.

Os dados negativos em (10d) e (14a,b) e as propriedades do dado positivo em (13) para se ter um VP como tópico, sugerem que o Japonês faz uso de mais de um tipo de */-wa/*. Retomaremos o assunto na próxima seção.

O tópico é, então, o elemento anteposto¹⁰ da sentença que representa a informação pressuposta e, segundo Reinhart (1981), Zubizarreta (1998) e Lambrecht (2001), ele não deve ser definido apenas como informação velha. Isso porque a

⁹ Há, ainda, um modo de o VP ser tópico em uma construção mais complexa, que deverá ser analisado em estudos futuros:

i) – [Sakana-o tsu-tta no]-wa Joan-wa tsu-tta -n’-da-ga tabe-wa-shinaka-tta.
([Peixe-ACC pescar NML]-TÓP João-TÓP pescar-pass -C-CÓP-mas comer-TÓP-fazer-neg.-pass.)
‘(Que) pescou o peixe, o João pescou mas não comeu’

¹⁰ Se se considerar que há mais de um tipo de tópico em uma sentença, com base em exemplos como (13) e na classificação que descrevemos na seção a seguir, então o tópico pode ser o(s) elemento(s) anteposto(s) da sentença – ocupando não somente a primeira posição, mas também a posição seguinte.

topicalidade não pode ser definida por referentes, ou melhor, a interpretação de uma dada expressão não pode ser identificada por meio de checagem das propriedades de seu referente¹¹. Além disso, nem toda informação velha virá a ser o tópico na sentença subsequente. Isto é, o nosso entendimento do que conta como informação velha não é suficiente para explicar como nós identificamos o tópico de uma dada sentença.

1.3 TIPOS DE TÓPICO NO JAPONÊS

A classificação dos tipos de tópico no Japonês é normalmente dividida em dois: *tópico temático*, na terminologia de Kuno (1973) – ou *wa não-contrastivo*, nos termos de Kuroda (1965) –, e *tópico contrastivo*. O *tópico temático* é o sintagma nominal ao qual o morfema /-wa/ está afixado, devendo ele ser genérico ou anafórico (como o que foi exemplificado anteriormente nas sentenças em (10b,c), que respondem a pergunta contextualizada como (11) e (12)) e, ainda, sem acento prosódico. Em geral, eles ocupam a primeira posição da sentença. O *tópico contrastivo*, por sua vez, é o sintagma nominal ao qual o morfema /-wa/ aparece como afixo de modo a contrastá-lo em relação a outro sintagma nominal, porém, sem que os sintagmas sejam genéricos ou anafóricos. Esse tipo de tópico carrega uma ênfase prosódica, pode permanecer opcionalmente *in situ* e gera uma implicatura de contraste com relação a outras entidades semelhantes (Saito 1985, Hoji 1985, Tomioka 2007a,b, Watanabe 2003)¹², como o exemplo em (15):

(15) a. Cadê a torta e o chocolate que estavam aqui?

b. [TARUTO-WA] Joan-ga tabeta (chokoreeto-wa shira-nai).

([A torta – TOPc] João-NOM comer-pass. (o chocolate-TOPc saber-neg.)

‘[A TORTA], o João comeu (e o chocolate, não sei).’

¹¹ O argumento de Reinhart para essa observação está em dados como em (i) abaixo.

i) – A: Quem o Felix elogiou?

– B: Felix elogiou ELE MESMO.

Nesse exemplo em (i-B), o referente do sujeito (informação compartilhada no contexto) e do objeto (informação nova) é o mesmo. Isso significa que NPs com referentes idênticos podem guardar papéis de diferentes informações na mesma sentença. Então, a identificação da função que um determinado NP carrega numa dada sentença não pode ser baseada no que nós conhecemos sobre seus referentes. (Reinhart, 1981, p.72-73)

¹² *apud* Vermeulen (2009), Kizu (2005).

Os tópicos contrastivos, como os que ocorrem em (15b) acima e em (13) anterior, são interpretados como algum tipo de listagem exaustiva, enquanto os tópicos temáticos, como os de (10b,c) não possuem nenhuma implicação desse tipo. Essa distinção semântica entre os tipos de tópico corresponde a uma diferença na sintaxe, como trataremos mais adiante.

Fuchs (2009), em seu estudo de morfologia distribuída sobre os marcadores */-ga/* e */-wa/* do Japonês, considera esses dois tipos de tópico sugeridos por Kuno (1973). Ela afirma que o DP sujeito não focalizado, que recebe a marcação de tópico temático */-wa/*, não contém os traços [+exaustivo] e [+contrastivo], marca DPs (e somente DPs) e tem a periferia esquerda da sentença como posição canônica. Já o marcador de tópico contrastivo */-wa/* pode marcar sintagmas NP e PP, isto é, são compatíveis com sintagmas de sujeito, objeto e adjunto; contém o traço [+contrastivo], e podem ocupar a posição *in situ* ou a periferia esquerda da sentença.

(16) *Watashi-wa sakana-wa sukidesu-ga, niku-wa kirai-desu.*

(Eu-TÓP peixe-TÓP gostar – mas, carne-TÓP odiar.)

‘Eu, (de) peixe, gosto mas, (de) carne, odeio’

(FUCHS, 2009:123)¹³

No exemplo em (16) acima, o primeiro sintagma marcado por */-wa/* corresponde ao tópico temático e, o segundo sintagma, por sua vez, é um sintagma objeto que corresponde ao tópico contrastivo – o *peixe* é contrastado por *carne* na própria sentença.

Frascarelli e Hinterhölzl (2007), ao estudar os tópicos do alemão e do italiano, argumentam que os tópicos não são totalmente recursivos (contra Rizzi 1997), e sugerem que há um terceiro tipo de tópico, além do tópico *aboutness* e do tópico contrastivo: o *familiar topic*. De acordo com a abordagem desses autores, o *familiar topic* é um constituinte pressuposto no discurso, normalmente sem exaustividade prosódica e realizado em uma forma pronominal, com uma projeção funcional específica para ele na sintaxe.

O que é interessante dos dados apresentados por Frascarelli e Hinterhölzl é que no alemão¹⁴ – que tem marca de Caso para identificar a função gramatical do

¹³ Exemplo de Fuchs (2009), tradução nossa.

tópico, tal como o Japonês –, somente um constituinte por sentença pode ter a função *aboutness*.

No exemplo em Japonês de Fuchs (2009) reproduzido em (16) acima, o tópico com a função *aboutness* corresponderia ao tópico temático que aparece na primeira posição.

O Japonês, tanto quanto o Português Brasileiro, é uma língua que permite objeto nulo. No entanto, o objeto não pode ser topicalizado como tópico temático quando este competir com o sujeito da sentença marcado por */-wa/*:

(17) a. Sono-hon-ni tsuite hanashi-tekudasai.

(Esse-livro-GEN sobre falar-por favor)

‘Fale-me sobre esse livro.’

b.*[Kono hon]-wa, Maria-wa Joan-ga katta-toki-ni naita.

([Esse livro]-TÓP, Maria-TÓP João-NOM comprou-momento-GEN chorou)

‘*Esse livro, a Maria chorou quando o João comprou.’

Para muitos falantes essa sentença em (17b) é agramatical. Nesse tipo de sentenças complexas, o sujeito da oração encaixada *Joan* deve necessariamente ser marcada pelo nominativo */-ga/*, e o sujeito da oração principal *Maria* tende a ser marcado como tópico temático – como mostra a morfologia de */-wa/*. Mesmo assim, (17) é agramatical se o sintagma objeto [*kono-hon*] (este livro) e o sujeito [*Maria*] competirem pela interpretação de tópico temático – aquele que recebe a marca de */-wa/* por ser licenciado pela relação de *aboutness* com o restante da sentença. Tal agramaticalidade confere o conceito de Frascarelli e Hinterhölzl (2007) de que somente um constituinte por sentença pode ter a função *aboutness*¹⁴.

¹⁴ Segundo Frascarelli & Hinterhölzl (2007), o italiano apresenta múltiplos tópicos e os constituintes são ordenados conforme as propriedades do discurso dessa língua: usa predominantemente clíticos para identificar tópicos.

¹⁵ Na minha percepção de falante, essa sentença em (17b) seria gramatical se o sujeito *Maria* fosse marcado pelo nominativo */-ga/*. Assim, não haveria a competição pela função *aboutness* com o objeto topicalizado como tópico temático (como mostra (i) abaixo).

i) [Kono hon]-wa, Maria-ga Joan-ga katta-toki-ni naita.

([Esse livro]-TÓP, Maria-NOM João-NOM comprou-momento-GEN chorou)

‘*Esse livro, [a Maria] chorou quando o João comprou.’

Podemos, então, entender que há dois grandes tipos de tópico: o não-contrastivo e o contrastivo. O tópico não-contrastivo pode ser de dois subtipos¹⁶: *familiar topic* e tópico temático (ou de função *aboutness*) – ambos da concepção proposta por Frascarelli e Hinterhölzl (2007).

1.4 TÓPICO VS. SUJEITO

A necessidade de distinguir tópico de sujeito, como o faz Kuno (1973), é comum devido a dados como (17b) da seção anterior e como (13) e (14a) da seção 1.2. Reproduzimos esses dois últimos em (18) abaixo.

- (18) Joan-wa/*ga [sakana-o tsuri]-wa shi-ta (ga tabe-wa-shinaka-tta).
 (João-TÓP/*NOM [Peixe-ACC pescar]TÓP fazer-pass (mas comer-TÓP-fazer-neg.-pass.)
 ‘Pescar o peixe, o João pescou (mas não comeu)’

No exemplo (18) o VP é um constituinte destacado como tópico contrastivo, como confirma a oração final entre parênteses. Para que ela seja gramatical no Japonês, o sujeito deve aparecer na primeira posição e deve ser, necessariamente, marcado por */-wa/*. Esse sujeito, embora tenha a mesma morfologia do VP, não tem a interpretação de contraste como tem o VP. Um dos argumentos é que a prosódia atua com um acento sobre o VP, mas não sobre o sujeito.

Sabemos que *Joan* (o João) é o sujeito da sentença em (18), mas não pode ser marcado pelo caso nominativo e é marcado por */-wa/*. Na classificação dos tipos de tópico, esse sintagma representa o tópico temático ou, até mesmo, o *familiar topic*.

¹⁶ Embora Frascarelli e Hinterhölzl (2007) concebam três tipos de tópico, de modo a propor uma projeção sintática específica para o que os autores chamam de *familiar topic*, nesta dissertação não o tratamos com atenção, pois, como consideramos no início deste capítulo, esse trabalho trata apenas do tópico sentencial, o que, nos termos de Reinhart (1981), deve isolar o tópico discursivo. Ao entendermos *familiar topic* como um tópico discursivo, não entramos em um estudo acurado sobre ele aqui. No entanto, consideramos que ele não é descartável em estudos futuros, uma vez que a sentença em (17b) pode ser julgada como gramatical se interpretássemos o sujeito *Maria* como *familiar topic* (Cf. Os interlocutores falam mal da Maria – de que ela é chorona, mimada etc – a tarde toda, dentre outros assuntos. De repente, à noite, um dos interlocutores olha para um livro, lembra de um caso em que a Maria chorou quando João comprou esse livro e comenta a sentença em (17b)). Nesse caso, parece não haver conflito entre este tópico marcado por */-wa/* e o tópico temático (o objeto) do início da sentença. Outro dado que confirmaria a possibilidade de, em estudos futuros, considerar o *familiar topic* como um dos três tipos independentes de tópico seria a possibilidade de três tipos de */-wa/* em uma mesma sentença:

i) [Kono hon]-wa, Maria-wa kai-wa-shita ga, yoma-naka-tta.
 ([Este livro]-TÓP_{temático}, Maria-TÓP_{familiar} comprar-TÓP_{contrastivo}-fez mas, ler-neg.-pass.)
 ‘Quanto a este livro, comprar, a Maria comprou, mas não leu.’

Kato (1989), para falar do parâmetro do sujeito não temático no Português Brasileiro e no Japonês, apresenta uma visão contrária de distinção de tópico (sintagma em posição não argumental) e sujeito de Kuno (1973). Para ela (e para nós), pode sim haver tópico em segunda posição (como atesta a sentença em (18)). Ela ressalta que o sujeito é uma posição não necessariamente temática e, portanto, pode não ser preenchido por elementos que tenham papel temático selecionado pelo verbo.

Kato (1989), ao estudar a propriedade de proeminência de tópico e sujeito existente tanto no Português Brasileiro quanto no Japonês, ilustra dados do Japonês que a fazem desconsiderar as diferenças das funções de sujeito e tópico.

(19) Maria-wa kuruma-ga koshoo-shita.
(Maria-TÓP carro-NOM quebrar-pass.)
'A Maria, o carro dela quebrou.'

(20) Kono-ie-wa hi-ga ataru.
(Esta-casa-TÓP sol-NOM bater.)
'Essa casa entra sol.'

(KATO, 1989, p.110)

As sentenças em (19) e (20) acima correspondem a “sentenças com sujeito anteposto e de predicação simples sobre uma entidade selecionada pelo verbo” (KATO, 1989, p.111). Para Kuno (1973), as duas categorias, sujeito e tópico, têm características distintas: a função do tópico seria estabelecer um quadro de referência, dentro do qual uma predicação é verdadeira, e a função do sujeito, por sua vez, seria a de fornecer a perspectiva da ação ou do evento em relação ao verbo.

Para Kato (1989), no entanto, as categorias sujeito e tópico não são caracterizáveis de formas distintas. Isso porque, como mostram os dados do Japonês ilustrados por Kato, há sentenças em que sintagmas nominais são marcados por /-wa/ que não ocupam a primeira posição, mas a segunda posição – fato que não poderia ocorrer se considerássemos as diferenças de função de sujeito e de tópico propostas por Kuno. Além disso, Kato defende que a posição do sujeito pode ser ocupada por itens lexicais que não tenham papel semântico associado ao

verbo, ao considerar que o sujeito é uma posição não-temática, “o que significa que ele não precisa ser preenchido por elementos que tenham papel temático selecionado pelo verbo. [...]” (p.113)

Na seção 1.2 apresentamos dados positivos e negativos de uma sentença com VP como tópico no Japonês. Vimos que, para que a sentença seja gramatical, o sujeito João é necessariamente marcado por /-wa/, da mesma forma que o tópico VP, mas que suas interpretações e contornos prosódicos são diferentes. Na sentença (21) abaixo, semelhante àquela discutida na seção 1.2, há dois constituintes marcados por /-wa/ e apenas o segundo é contrastado dentro da sentença.

- (21) Joan-wa [hon-o [yomi]]-wa shi-ta -ga, ronpyou wa shinakatta.
 (João-TÓP_t [livro-ACC [ler]]-TÓP_c fazer-pass -mas, resenha-TÓP_c fez-neg.
 ‘O João ler o livro, (ele) fez, mas não resenhou.’

A sentença em (21) nos leva a crer que há dois tipos de tópico: *Joan-wa* (o João) é tópico temático (um assunto sobre o qual o restante da sentença trata) e o VP [*hon-o yom(u)*] (ler o livro) é o tópico contrastivo (contrasta com o VP [mas a resenha não fez]), como indicam os índices subscritos *t* (temático) e *c* (contrastivo).

Vemos nesse dado que o verbo que compõe o VP tópico é parcial¹⁷. Veja, ainda, que, em construções como (1), o tópico contrastivo é ambíguo: o segundo /-wa/ pode estar marcando somente o verbo /*yomi*-/ (forma parcial do verbo ‘ler’) ou todo o VP [*hon-o yomi*-] (‘ler’ o livro).

De acordo com os dados expostos até aqui, a posição preferida dos tópicos no Japonês parece ser a periferia esquerda, podendo o tópico contrastivo estar antes ou depois do tópico temático¹⁸. Além disso, há exemplos de sintagmas /-wa/ que

¹⁷ Verbo “parcial” porque, enquanto no português tanto o VP topicalizado quanto o verbo da sentença apresentam o verbo em sua forma plena (“completa”) em [Ler o livro, o João leu], o Japonês não mantém a forma plena do verbo *yomu* nem no constituinte que é topicalizado nem no verbo da sentença. O tópico, nesse caso do Japonês, teria a sua forma parcial /*yomi*-/ e ele é “completado” pela forma verbal /-suru/ (no dado exemplificado, este verbo está na sua forma de passado /-shita/ e traduzido na glosa por ‘fazer/fez’), compondo, assim, a concordância [*Yomi-wa-shita*] (Ler, *ec* leu). Cabe ressaltar que esse verbo na forma “parcial” que compõe o tópico não pode ser interpretado como nome, tal como “a leitura do livro”, pois, se fosse esse o caso, [o livro] e [a leitura] seriam relacionados pelo caso genitivo /-no/ e não pelo acusativo /-o/. Para que o verbo seja retomado inteiramente (na forma plena do verbo) na sentença, é necessário adotar uma construção mais complexa (Cf. ver nota 18 a seguir).

¹⁸ Para ilustrar esse fato, apresento construções mais complexas, com a informação de contraste explícita na sentença:

- i) [Hon-o yomu-no]-wa Joan-wa yon-da-n-da ga, ronpyou wa shi-nakatta.
 ([livro-ACC ler-C]-TÓP_c João-TÓP_t ler-pass-C-CÓP mas, resenha-TÓP_c fazer-neg-pass.)
 ‘(Que) leu o livro, o João leu, mas não resenhou.’

- ii) Joan-wa [hon-o yomu-no]-wa yon-da-n-da ga, ronpyou wa shi-nakatta.

podem confundir nosso entendimento de sujeito, como o que apresentamos em (18), cujo sujeito pode ser marcado por /-wa/ mas não pelo nominativo /-ga/. Esse aspecto pode ser um ponto a favor da proposta de Kato (1989), no que diz respeito às semelhanças na caracterização das categorias sujeito e tópico.

1.5 TODO SINTAGMA MARCADO POR /-WA/ É UM TÓPICO?

A classificação semântica dos sintagmas marcados por /-wa/ em apenas dois tipos, tópico temático e tópico contrastivo), e a classificação sintática de que há tópicos *in situ* e os que são movidos para a posição inicial da sentença, parecem ser recorrentes na literatura. Contudo, além de Frascarelli e Hinterhölzl (2007) considerarem um terceiro tipo de tópico, o *familiar topic*, Kuroda (2005) e Vermeulen (2009) defendem que nem todos os sintagmas marcados por /-wa/ são tópicos.

1.5.1 O sintagma /-wa/ que não é tópico

Kuroda (2005) sugere que /-wa/ não é um marcador de tópico, por causa da possibilidade do sintagma-wa ocupar uma posição de foco¹⁹. Contudo, ele não nega que todo tópico é marcado pela partícula /-wa/.

Os argumentos de Kuroda (2005) para não postular a realização de /-wa/ como tópico, dizem respeito, a grosso modo, à existência de sintagmas marcados por /-wa/ que podem ocupar uma posição de foco²⁰:

(22) Dare-ga oogane-moti desuka?

(Quem-NOM muito-dinheiro-possuidor CÓP-ASK?)

‘Quem é milionário?’

(23) [Microsoft-no shatyo-no Gates-san]-wa/#ga oogane-moti desu.

[Microsoft-GEN empresário-GEN Gates-Sr.]-“TOP”/#FOC muito-dinheiro-possuidor CÓP.

‘O dono da Microsoft Sr.Gates é (#o) milionário’

(Kuroda, 2005)

(João-TÓP_t [livro-ACC ler-C]-TÓP_c ler-pass-C-CÓP mas, resenha-TÓP_c fazer-neg-pass.)

‘(Que) leu o livro, o João leu (mas não resenhou).’

¹⁹ (Cf. ver capítulo 2).

²⁰ Ver conceito e descrição do foco no Japonês no capítulo 2.

A pergunta-wh de (22) é uma sentença copular, como apresentamos na sua tradução para o Português Brasileiro. Nesse contexto, uma sentença como (23) é uma resposta cujo sujeito é um foco de informação que, segundo Kuroda, poderia ser marcado tanto por /-wa/ quanto por /-ga/. A diferença entre essas marcações é que a resposta com /-ga/ carregaria uma implicatura de que Gates é a única pessoa milionária²¹ no domínio de indivíduos do contexto discursivo.

Esse dado comprova a condição do sujeito marcado por /-ga/ ser um predicado de *individual-level*, conhecido na literatura sobre o Japonês como um predicado cuja interpretação é de listagem exaustiva. Se considerarmos que há mais do que uma pessoa milionária, entraríamos em conflito com a condição de interpretação de listagem exaustiva. A resposta com /-wa/ nesse contexto, carregaria a implicatura de que há uma outra entidade (que não aquela designada pelo sintagma-wa) que não satisfaz ou pode não satisfazer o predicado. Kuroda chama essa condição de “listagem anti-exaustiva”.

Kuroda considera a resposta com /-ga/ em (23) como inadequada no sentido de que esse morfema pode ser usado somente quando for uma opção carregada pragmaticamente, em um contexto marcado. Mesmo assim, independentemente se o sintagma é marcado por /-ga/ ou por /-wa/, *Gates-san* é um foco, não um tópico (Kuroda, 2005:7). Como argumento para essa descrição, o autor compara (23) com (24) abaixo, mostrando que a interpretação de listagem exaustiva é requerida semanticamente pelo predicado *o mais rico do mundo*.

(24) Microsoft-no shatyo-no Gates-san-ga/#-wa sekai-iti-no kanemoti desu.

[Microsoft-GEN empresário-GEN Gates-Sr]-NOM/#“TÓP” primeiro-do-mundo-GEN rico CÓP.

‘O Sr.Gates, dono da Microsoft, é o mais rico do mundo.’

(Kuroda, 2005)

Assim, do ponto de vista semântico, a resposta com /-ga/ em (24) é uma opção mais natural do que com /-wa/, e ele não é carregado pragmaticamente. Ou melhor, o sintagma-wa na posição de foco em (23) e (24) não são sintagmas de “tópico” wa. Para Kuroda, o sintagma /-wa/ de (23) pode ser não-contrastivo (pois carece de uma

²¹ Traduzimos o termo *oogane-moti* como ‘milionário’; porém, deve-se levar em consideração de que não há um termo no Japonês que diferencie “muito rico” de “milionário” ou “bilionário” nesse caso.

conotação negativa ou indecisa sobre entidades anônimas) e pode não ser marcador de “tópico” sintático. Quanto ao /-wa/ em (24), o autor não considera totalmente agramatical. Ressalta, porém, que se /-wa/ está associado à interpretação de listagem anti-exaustiva, a versão /-wa/ de (24) deve ser inaceitável, já que a interpretação de listagem exaustiva é semanticamente satisfeita pelo predicado superlativo “o mais rico”.

Kuroda (2005) faz, assim, distinção de pelo menos duas funções para sintagma marcado pelo morfema /-wa/: “tópico” *wa* e *wa contrastivo*. Ele sugere que o “tópico” *wa* pode não acarretar a interpretação de listagem anti-exaustiva e que o /*wa*/ *contrastivo* acarreta uma interpretação de listagem exaustiva.

Além de Kuroda, há quem considere que nem todos os sintagmas-*wa* são tópicos. Para Vermeulen (2010), os que são *in situ* não são tópicos, mesmo tendo a marcação de /-wa/ e com interpretação contrastiva. Para a autora, esse sintagma não pode se mover opcionalmente para a periferia esquerda da sentença, segundo ilustram seus exemplos, que reproduzimos em (27) abaixo, contextualizado pela pergunta em (25):

- (25) Mary-wa **ano hon-o** toshokan-de kari-ta no?
(Mary-TÓP aquele livro-ACC biblioteca-LOC emprestar-pass ASK.)
'A Mary emprestou aquele livro da biblioteca?'
- (26) Ie, Mary-wa ano hon-wa hon'ya-de kaimashi-ta.
(Não, Mary-TÓP aquele livro-TÓP livraria-LOC comprar-pass.)
'Não, a Mary comprou aquele livro na livraria.'
- (27) #Ie, ano hon_i-wa Mary-wa hon'ya-de e_i kaimashi-ta.
(Não, aque livro-TÓP Mary-TÓP livraria-LOC comprar-pass.)
'Não, aquele livro, a Mary comprou na livraria'

A sentença em (27) é explicada como agramatical pela autora pelo fato de não haver quem acione o deslocamento de *ano-hon-wa* (aquele livro). Na visão dela, isso ocorre porque embora o constituinte seja marcado por /-wa/, ele não é um tópico. Para ela, o sintagma *Mary-wa* (a Mary) é um tópico discursivo introduzido por (25) e *ano-hon-wa* (aquele livro) não. Assim, para Vermeulen (2009) somente os

sintagmas /-wa/ contrastivos em posição inicial de sentença, e não os *in situ*, são tópicos contrastivos de fato. Contudo, nesta dissertação, não consideramos seu argumento válido pois, para nós, a sentença em (27) é gramatical.

De fato, o argumento de Vermeulen (2010) estaria a favor de Frascarelli e Hinterhölzl (2007), para os quais, somente um constituinte por sentença pode ter a função *aboutness*. Entretanto, podemos considerar que, em (11), *Mary-wa* (a Mary) é um *familiar topic* (da terminologia de Frascarelli e Hinterhölzl), pois é um constituinte pressuposto no discurso, sem exaustividade prosódica e perfeitamente possível de ser realizado em forma pronominal. Nesse caso, o constituinte *ano-hon-wa* (aquele livro) assume o papel de tópico temático com função *aboutness*; afinal, é sobre ele que a sentença fala a respeito, estabelecendo um contraste na informação – de que ele foi comprado em livraria e não emprestado da biblioteca.

Ademais, tomamos como relevante a observação de Kuroda (2005) com relação ao “tópico” *wa* que pode não ser um tópico em termos sintáticos, por poder ocupar uma posição que não é de tópico, mas de foco. Esse sintagma /-wa/ cuja interpretação é de “listagem anti-exaustiva” (que carrega a implicatura de que há uma outra entidade que não satisfaz ou pode não satisfazer o predicado) merece uma classificação mais acurada e deve ser mencionada ao lado dos tipos de tópico, já que é comum considerar que /-wa/ é um marcador de tópico e somente de tópico.

1.6 A SINTAXE DO TÓPICO

De acordo com o modelo X-barra, proposto pela Teoria Gerativa, a representação da estrutura de uma sentença é formada pelos domínios CP – IP – VP. Rizzi (1997) propõe a expansão do domínio CP para acomodar constituintes com funções discursivas distintas, como a de tópico e foco, por exemplo. Nesta seção vemos como o tópico se manifesta na sintaxe, de acordo com as diferentes posições tomadas na literatura. A noção de tópico apresentada na seção anterior pincela uma concepção padrão de que a realização do tópico no Japonês pode ocorrer por movimento (do sintagma tópico para a periferia esquerda da sentença e não gerado na base). Como apresentaremos abaixo, grande parte da literatura atual

sugere que o Japonês apresenta topicalização²² mas alguns defendem que também há tópicos gerados na base.

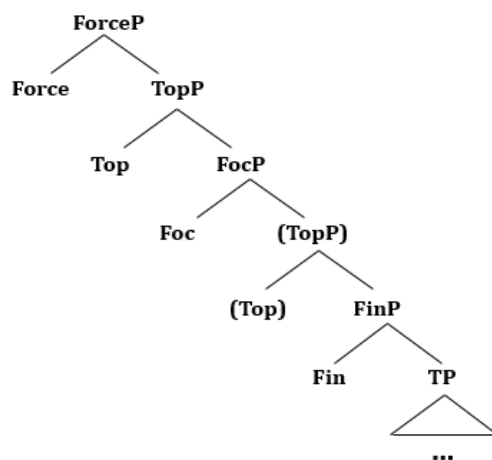
Segundo a proposta de Rizzi (1997), a camada funcional CP é formada por tópico, foco, operadores, entre outros, constituindo, assim, a periferia esquerda da sentença. Rizzi expande o CP para ForceP e FinP, capturando a relação de força e finitude. ForceP diz respeito ao tipo de sentença no discurso, isto é, se a sentença é relativa, interrogativa, etc. FinP é o que especifica a finitude da sentença. Dessa forma, o sistema força-finitude estabelece relações entre o sistema C e as estruturas acima, o discurso, e abaixo dele, a sentença finita. Ao CP é destinada a função de articular, entre outras coisas, a relação entre o tópico e o comentário de uma sentença.

Ainda de acordo com Rizzi, essa relação tópico/comentário é capturada em uma representação no esquema X-barra, atendendo ao “Critério Top”:

- i) um tópico deve estar em configuração Spec/núcleo com um núcleo Top marcado pelo traço [+Top];
- ii) um núcleo Top marcado pelo traço [+Top] deve estar em configuração Spec/núcleo com um tópico.

A camada do tópico (TopP) se posiciona dentro do CP postulado por Rizzi (1997), como na representação arbórea em (28):

(28)



²² Envolve movimento A-barra e estabelece uma relação entre operador e variável. A topicalização, assim como a focalização, é sensível à minimalidade relativizada (do conceito de RIZZI, 1990), mais especificamente à ilha-wh, segundo a qual não se pode mover um constituinte que está dentro da ilha-wh.

Levando em conta a proposta de Watanabe (2002) para o Japonês clássico, Hiraiwa e Ishihara (2012) afirmam que a camada TopP entre FocP e FinP proposta por Rizzi é uma posição não “ativa” no Japonês moderno. Os autores defendem que, se o tópico pode ser movido ou não, se apresenta sensibilidade à restrição de ilha ou não, pode depender da configuração sintática do restante da sentença²³.

Hoji (1985)²⁴ defende que, enquanto o tópico temático pode ser gerado na base sendo licenciado pela relação *aboutness* com o resto da sentença (como vimos nos exemplos acima), um tópico contrastivo na posição inicial de sentença é sempre derivado por movimento.

(29) Montreal ni wa Taroo ga nandomo itta. = *Tópico Contrastivo*
 (Montreal-GEN-TÓP Taroo-NOM quantas-vezes-exaustiv foi).
 ‘Para Montreal, o Taro foi muitas vezes.’

(30) Montreal wa Taroo ga nandomo itta. = *Tópico Temático*
 (Montreal-TÓP Taroo-NOM quantas-vezes-exaustiv foi).
 ‘Quanto a Montreal, o Taro foi muitas vezes.’

(Kizu, 2005:12)

Contudo, veremos que a concepção padrão nos estudos do Japonês é de que o tópico é movido para a periferia esquerda e não gerado na base.

Kuroda (1970b) defende que nenhum tópico que seja digno desse nome é gerado na base, considerando o significado do termo *sujeito maior*²⁵, na sintaxe do Japonês. O conceito de *major subject* está relacionado a construções de múltiplo nominativo no Japonês que consiste de mais de um sintagma nominativo e alguns

²³ Os dados e discussões de Hiraiwa e Ishihara (2012) serão apresentados no capítulo 3, visto que a discussão envolve propriedades específicas das construções de clivagem (sentenças clivadas e pseudoclivadas).

²⁴ *apud* Kizu (2005).

²⁵ A construção de *sujeito maior* (*major subject*) é uma das construções de múltiplos nominativos que o Japonês apresenta. Nela, um dos constituintes marcados por */-ga/* não recebe o papel temático do predicado da sentença. No exemplo abaixo de Tateishi (1994), *apud* Kizu (2005), o primeiro constituinte diz respeito ao *major subject*:

(i) [_{major subject} Nihon-no-tabemono]-ga [sakana]-ga umai.
 ([Japão-GEN-comida]-NOM [peixe]-NOM saboroso)
 ‘É a culinária japonesa que o peixe é saboroso

Diferentemente de um sintagma nominativo, o *sujeito maior* e o segundo constituinte (que é nominativo) não podem ter uma relação de genitivo (*[Nihon-no-tabemono]-no [sakana]-ga umai). Isso sugere que o primeiro sintagma nominativo de (i) não pode ser argumento do segundo NP nem um argumento do predicado. Em outros casos de múltiplos nominativos (ver dados 20 e 21, p.20, KIZU, 2005), em que a relação de genitivo é possível, significam que o(s) primeiro(s) sintagma(s) nominativo(s) são argumentos do último sintagma nominativo e precisam de um tratamento sintático diferenciado das sentenças como em (i).

dos quais não recebe papel temático do predicado da sentença ou no NP seguinte (Kuroda, 1987; Tateishi, 1994). Kuroda (1987) propõe que *major subjects* são gerados na base internamente a IP, mas movem para a posição adjungida ao IP.

Tateishi (1994) propõe que *major subjects* são gerados em spec de IP ou em spec de CP ou ainda em spec de M(odal)P e não sofrem movimento. Kizu (2005) não toma nenhum partido, mas assume que *major subjects* são gerados em spec de IP ou em uma posição adjungida ao IP.

Kuno (1973) e Saito (1985)²⁶ consideram, contudo, que os tópicos não precisam estar necessariamente ligados a uma variável; esses sintagmas marcados por /-wa/ seriam licenciados por uma relação de *aboutness* com o restante da sentença (i.e., o tópico é um assunto e o restante da sentença trata ‘sobre’ ele). Essas observações levam Saito a considerar que o tópico não precisa necessariamente ser derivado por movimento, mas pode ser gerado na base em início de sentença – uma posição adjungida ao IP. As evidências apontadas pelos autores para defender que o tópico pode não envolver qualquer operação de movimento são:

- (i) Construções de tópico no Japonês parecem não obedecer a restrições de ilha;
- (ii) Há sintagmas tópico que parecem não estar ligados a qualquer posição argumental na sentença;

Kizu (2005) adota parcialmente a visão de Saito (1985) e, ao mesmo tempo, defende que quando há topicalização, esta envolve movimento de um operador nulo e movimento A-barrado, tal como propõem as teorias da gramática gerativa. No caso do tópico “genuíno”²⁷, ele é gerado na base, licenciado pela condição de *aboutness*. Contudo, no caso da topicalização, há um movimento e esse movimento não ocorre de dentro de ilha – o sintagma tópico que, para a visão de Saito (1985), estaria na posição adjungida de IP, na visão de Kizu, contém um operador nulo e é ele que se

²⁶ (*apud.* KIZU, 2005:10)

²⁷ Exemplos como o que apresentamos em (32) são instâncias de tópicos “genuínos” para Kizu (2005), os quais não envolvem lacunas na sentença (p.33). Para Kizu, construções de tópico como (32) não podem ser fontes derivacionais de construções clivadas.

move para Spec de CP. Para a autora, o mesmo ocorre com a oração pressuposta das construções de clivagem²⁸.

Kizu apresenta dados de Kuno (1973), que reproduzimos em (31) abaixo, no qual há um tópico que parece não obedecer à restrição de ilha, e acrescenta, ainda, outro dado (como mostra (32)) para fortalecer seus argumentos com relação às evidências apontadas em (i) e (ii) acima.

- (31) a. Sono hito_i-wa [[e_i shin-da noni] daremo kanashim-ana-katta].
 (Essa pessoa-TOP[[morrer-pass. embora] ninguém entristecer-neg-pass.]]
 ‘Quanto à essa pessoa, morreu mas ninguém ficou triste.’
- b. Sono shinshi_i-wa [[[e_i e_j kiteiru] yoofuku_j]-ga yogoreteiru.]
 [Esse cavalheiro-TOP[[[vestir-estar] roupa]-NOM sujo-estar.]
 ‘Quanto a esse cavalheiro, a roupa que está vestindo está suja.’

(KUNO 1973: 249)²⁹

- (32) a. Sakana-wa [tai-ga oishii]
 Quanto a peixe, o dourado é gostoso.
- b. Hana-wa [sakura-ga ii].
 Quanto a flor, a flor-de-cerejeira é melhor.

Nas sentenças em (31a) e (31b), nota-se que o tópico *Sono hito-wa* (essa pessoa-TOP) não obedece à restrição de ilha. Já os exemplos em (32a) e (32b), o sintagma tópico *Sakana-wa* (o peixe-TOP) parece não ter relação com qualquer posição argumental na sentença.

Nessa perspectiva, o tópico temático e o contrastivo não correspondem diretamente às diferentes posições sintáticas para o sintagma tópico. Para resolver o problema da aparente violação de restrições de ilha das construções de tópico, Kizu (2005) defende que tópicos como os que aparecem em (31) são derivados por movimento, mas (32) não. Ela propõe que construções de tópico no Japonês

²⁸ Ver Capítulo 3.

²⁹ Os exemplos são de Kuno (1973), *apud*. Kizu (2005), tradução minha.

envolvem basicamente movimento para o Spec de CP, ou alguma categoria funcional para a checagem de traço.

Para garantir que o tópico movido não viola restrições de ilha, Kizu afirma, na esteira de Sakai (1994), que o sintagma tópico desses tipos de sentença é derivado de uma outra construção, como mostram (33) – segundo a autora, (33a) é derivado de (33b):

- (33) a. Sono shinshi_i-wa [[[e_i e_j kiteiru] yoofuku_j]-ga yogore-teiru.]
 (Esse cavaleheiro-TÓP [[[vestir-estar] roupa]-NOM sujo-estar].)
 ‘Quanto ao cavalheiro, a roupa que (ele) está vestindo está suja.’

(Kuno 1973. *Apud* Kizu 2005:18)

- b. Sono shinshi-ga_i [[*pro*_i e_j kiteiru] yoofuku_j]-ga yogore-teiru.
 (Esse cavaleheiro-NOM [[vestir-estar] roupa]-NOM sujo-estar.)
 ‘É esse cavalheiro que a roupa que (ele) está vestindo está suja.’³⁰

A sentença em (33b) é uma construção de múltiplos nominativos. O primeiro sintagma *sono shinshi* (esse cavalheiro) marcado por *-ga* em (33a) não é derivado da oração relativa nem gerado na base na posição de tópico, mas vem de uma posição de *sujeito maior* – o primeiro constituinte nominativo de (33b) – que segundo Kizu (na esteira de SAKAI, 1994), tal posição é licenciada pela condição de *aboutness*.

Dessa forma, Kizu (2005) defende que não ocorre nenhum movimento de dentro de uma ilha, o que a faz considerar que o tópico movido não viola restrição de ilha.

1.7 RESUMO DO CAPÍTULO 1

Neste capítulo 1, vimos o conceito de tópico através da comparação do Português Brasileiro com o Japonês e verificamos os diferentes usos do morfema */-*

³⁰ Construções de múltiplos nominativos em Japonês são muitas vezes traduzidas na forma de uma clivada ou uma sentença com *major subject*, dependendo da sentença. Mantemos em português a mesma forma de tradução sugerida para o inglês por Kizu – uma sentença clivada (*It is the gentleman whose suit which he is wearing is dirty*) –, porém ela afirma em nota que isso não implica nenhuma análise particular de clivada. (KIZU, 2005:211)

wa/ conhecido como marcador de tópico no Japonês. Consideramos a possibilidade de o tópico ser discutido em termos de tópico sentencial e tópico discursivo, sendo que o primeiro é uma categoria sintática que introduz um referente como assunto dentro de uma dada sentença e, o segundo, refere-se a um tópico de uma unidade maior, um discurso inteiro, por exemplo. Nesta dissertação, tratamos o tópico em termos de tópico sentencial.

Em seguida, tratamos o tópico como um elemento que representa a informação pressuposta da sentença e se articula numa relação tópico-comentário. Apresentamos o conjunto de asserções pragmáticas (PPA) de Reinhart (1981) para explicar o modo como ocorre o tópico em Português Brasileiro e em Japonês. Identificamos que uma sentença pode não ter nada como tópico, ter o sujeito, o objeto ou um sintagma verbal como tópico. Nessa fase da descrição, vimos que o Português Brasileiro destaca um tópico posicionando-o, em geral, na periferia esquerda da sentença e retomando-o dentro da sentença com pronomes ou categorias vazias. A prosódia atua nessa língua com uma pausa entre o tópico e o comentário. No Japonês, não se observa necessariamente uma ordenação especial dos constituintes, mas o tópico é marcado pelo morfema /-wa/ e, se deslocado à esquerda, é retomado por uma categoria vazia. Vimos que quando um VP é tópico, o Japonês se configura de forma diferente do Português Brasileiro e percebemos que pode haver mais de um sintagma marcado por /-wa/.

A partir disso, apresentamos três discussões: a classificação dos tipos de tópico, o entendimento dos tipos de /-wa/ e a relação (ou distinção) entre sujeito e tópico – visto que há dados com dois constituintes /-wa/, sendo que um deles é um sujeito que não pode ser marcado pelo nominativo /-ga/. Com relação à classificação do tópico em termos de interpretação, optamos por dividir em dois grandes tipos: o não-contrastivo (adotando-se a terminologia de Kuroda 1965) e o contrastivo (Kuroda 1965; Kuno 1973; Frascarelli e Hinterhölzl 2007, entre outros). Subdividimos o tópico não-contrastivo em dois, levando em consideração o *familiar topic* e o tópico temático (ou de função *aboutness*) da concepção de Frascarelli e Hinterhölzl (2007). Vimos que a prosódia do Japonês parece não atuar sobre o *familiar topic*, diferentemente do tópico contrastivo, sobre o qual recai um acento ascendente, e do tópico temático, que pode ter uma leve pausa entre ele e o comentário. Quanto à relação/distinção entre sujeito e tópico, vimos que um sintagma tópico pode ter uma caracterização categorial semelhante ao de sujeito (KATO, 1989). E, por fim, no que

se refere aos diferentes tipos de /-wa/, vimos (além das três instâncias de tópico) que pode haver um constituinte marcado por /-wa/ que ocupa a posição (e recebe a interpretação) de foco e, portanto, do ponto de vista sintático e discursivo, não é um tópico. Esse constituinte tem interpretação de “listagem anti-exaustiva”, na terminologia de Kuroda (2005) (supõe que há uma outra entidade que não satisfaz ou pode não satisfazer o predicado).

Apresentamos, também, uma breve discussão de como a literatura sobre o Japonês trata o tópico na sintaxe. Desde Kuroda (1970), postulou-se que um tópico que é digno desse nome não é gerado na base, mas é movido de dentro do IP para uma posição mais alta, antes mesmo da proposta do CP explodido de Rizzi (1997). Hoji (1985)³¹, Saito (1985), Kizu (2005) e Hiraiwa & Ishihara (2012) sugerem que pode haver tópico gerado na base, sendo este licenciado pela relação de *aboutness*. Para muitos deles, somente o tópico contrastivo realizado na primeira posição é derivado por movimento.

³¹ *Apud.* Kizu (2005).

2 FOCO E MORFEMA /-GA/ DO JAPONÊS

2.1 INTRODUÇÃO

No capítulo anterior, apresentamos o tópico como uma das formas de destacar um constituinte na sentença em Japonês. Neste capítulo trataremos da outra forma de destacar um constituinte na sentença: o foco. Diferentemente do tópico, o foco normalmente veicula uma informação não pressuposta no discurso e se articula com o resto da sentença numa relação foco-pressuposição. Assim, foco e tópico veiculam propriedades distintas em uma sentença.

A relação entre o foco e a parte pressuposta pode ser articulada na sentença de formas distintas conforme a língua. Às vezes, a sintaxe pode preparar uma posição especial para o foco na sentença e isso pode ou não envolver expressões específicas para as quais é designada a função de introduzir um constituinte como foco. No Japonês, por exemplo, é bastante comum a concepção de que há um morfema específico que marca o foco, tal como há para o tópico. Neste capítulo veremos que essa generalização não é adequada. A prosódia, por sua vez, pode operar com algum acento que recai sobre o constituinte foco.

O Português Brasileiro possui uma rica gama de estratégias para destacar o foco em uma sentença, seja ela simples ou complexa. Nessa língua, o foco pode aparecer em sua posição *in situ* combinado com uma prosódia especial, na periferia esquerda da sentença ou, ainda, em uma posição baixa de foco – a periferia de VP. As construções complexas que são específicas de foco – as construções de clivagem – são, em geral, providas de determinados elementos aos quais são destinados a função de introduzir um constituinte como foco dentro da sentença: uma cópula focalizadora e um complementizador ou uma expressão *wh*. O contorno prosódico das sentenças com foco pode variar de acordo com o tipo de foco e a sua posição, mas, em geral, o pico entoacional recai sobre o foco.

No Japonês, o foco pode aparecer *in situ*, na periferia esquerda da sentença ou em uma construção mais complexa que também usa como recurso de focalização uma cópula e um complementizador ou nominalizador. Para ter a interpretação de foco, há constituintes que podem ser marcados pelo morfema /-ga/ mas não sempre. A proeminência do acento prosódico sobre o foco no Japonês parece ocorrer em casos específicos de interpretação.

Neste capítulo, nos concentramos em tratar apenas das construções simples, com foco *in situ* ou deslocado à esquerda, para poder ilustrar o foco, conceituá-lo e apresentar como figuram o foco no Japonês. As sentenças complexas relacionadas ao foco, conhecidas como construções de clivagem, serão tratadas separadamente no capítulo 3, por envolver propriedades gramaticais específicas.

2.2 CONCEPÇÃO DE FOCO

O conceito de foco é elaborado pragmaticamente. Zubizarreta (1998) define o foco como informação não pressuposta de uma sentença, isto é, a parte que o falante e o ouvinte compartilham. Na esteira da teoria proposta por Chomsky (1971, 1976) e Jackendoff (1972), a autora apresenta o teste de pergunta-resposta, usado para determinar como uma declaração é dividida em termos de foco e pressuposição. De acordo com esse teste pragmático, uma sentença como (1) abaixo pode ser multiplamente ambígua em termos de foco. A sua interpretação dependerá da pergunta feita previamente, como as exemplificadas em (2):

- (1) O João comeu a torta.
- (2) a. Quem comeu a torta?
 b. O que o João fez?
 c. O que o João comeu?

No contexto em (2a) a sentença (1) terá *O João* como foco e *comeu a torta* como pressuposição. Já em (2b), *O João* é a parte pressuposta, e *comeu a torta* é o foco. E, por fim, para uma pergunta como em (2c) a resposta terá *a torta* como foco, e *O João comeu* como pressuposição. Desse modo, a pressuposição que está em relação complementar com o foco é de nível pragmático, pois é dependente de contexto.

Em Japonês, a sentença em (1) pode ser traduzida de duas maneiras, de modo que o sujeito *João* pode ser marcado por */-wa/* ou por */-ga/*, como já vimos no capítulo 1. Contudo, as perguntas em (2) acima (reproduzidas em (3a), (4a) e (5a) abaixo) explicitam a pressuposição pragmática e, conseqüentemente, a diferença desses usos, como mostram as sentenças em (3b), (4b) e (5b):

- (3) a. Quem comeu a torta?
- b. [_F Joan-ga] taruto-o tabeta.
 ([_F João-NOM] a torta-ACC comeu.)
 ‘O João comeu a torta.’

- (4) a. O que o João fez?
- b. Joan-wa [_F taruto-o tabeta].
 (João-TÓP [_F a torta-ACC comeu].)
 ‘O João comeu a torta.’

- (5) a. O que o João comeu?
- b. Joan-wa [_F taruto-o] tabeta.
 (João-TÓP [_F a torta-ACC] comeu.)
 ‘O João comeu a torta.’

Quando o sujeito *Joan* (o João) é informação nova, como contextualizado em (3a), ele é necessariamente marcado pelo morfema */-ga/*, o que sugere que essa seja a marcação para o foco. No entanto, notamos nos contextos subsequentes, (4) e (5), que este mesmo morfema não marca o que seria o foco. Cada um dos constituintes foco, nesses exemplos, são marcados pelo morfema de Caso, cuja função é ditada pelo verbo. A prosódia, por sua vez, se encarrega de destacar o foco com um acento proeminente.

O mesmo ocorre com os sintagmas adjuntos, como em (6), ou com argumentos beneficiários, como em (7), nesse tipo de contexto pergunta-resposta:

- (6) a. Quando o João comeu a torta?
- b. Joan-wa [_F san-ji-ni] taruto-o tabeta.
 (João-TÓP [_F três horas-GEN] torta-ACC comeu.)
 ‘O João comeu a torta [_F às 3 horas].’

(7) a. Para quem o João deu o presente?

b. Joan-wa [Maria-ni] purezento-o ageta.

(João-TÓP [Maria-DAT] presente-ACC deu.)

‘O João deu o presente para a Maria.’

O adjunto *sanji-ni* (às três horas) em (6) e o argumento *Maria-ni* (para Maria) em (7) são ambos focos de informação e não são marcados pelo morfema */-ga/*. Enquanto isso, o sujeito *Joan* (João) nessas sentenças é marcado pelo morfema de tópico temático */-wa/* por ser um assunto previamente compartilhado e por ser sobre ele que o restante da sentença trata.

Quando há múltiplas perguntas-wh, suas respostas correspondentes têm necessariamente uma interpretação ligada, da mesma forma que quando verbo faz parte do foco, como em (8) abaixo, este foco é um evento:

(8) a. O que aconteceu com a torta?

b. Taruto-wa [_F Joan-ga tabeta].

(Torta-TÓP [_F João-NOM comeu.]

‘A torta, o João comeu (ela).’

A pressuposição existencial fornecida pela pergunta contextualizada em (8a), terá uma asserção como em (9) e, portanto, *Taruto* (a torta) é marcado pelo morfema de tópico temático */-wa/*. Zubizarreta³² propõe que a interpretação da sentença com foco seja capturada por meio de uma estrutura de asserção (*Assertion Structure – AS*). No caso de (9), o evento para o qual a relação comparativa (relação entre uma variável definida e um valor) fornece um valor, não corresponde a um constituinte sintático.

(9) – AS₁: há um x, tal que x aconteceu com a torta.

– AS₂: x, tal que x aconteceu com a torta_i = [*João comeu*] *ela*_i.

³² Nos moldes de Zubizarreta (1998), a *Asserção 1* se refere à parte pressuposta (asserção de contexto da declaração), enquanto a *Asserção 2* se refere à asserção principal da declaração.

Em (9), é ao conteúdo do predicado e seu agente é que é designado um valor, através da relação comparativa. Em outras palavras, o foco não forma um constituinte sintático porque o valor fornecido para a variável é formado pelo sujeito e o verbo: [João comeu]. O valor de [a torta], por sua vez, é especificado através da pressuposição na pergunta contextualizada e, como resposta, é melhorado se retomado pelo pronome *ela* ou por uma categoria vazia, no caso do Português Brasileiro.

Em Japonês a segunda asserção representada em (9-AS₂) acima, seria como (10-AS₂) a seguir:

- (10) – AS₁: há um x, tal que x aconteceu com a torta.
 – AS₂: x, tal que x aconteceu com a torta_i = [Joan-ga ec_i tabeta].
 ([João-NOM ec_i comer-pass])
 ‘João comeu ec_i.’

Na asserção principal da declaração no Japonês, portanto, o sujeito *Joan* (João) é marcado pelo morfema de nominativo */-ga/*, pois ele é parte da informação nova. Já o valor de [a torta], especificado na pressuposição, é retomado por uma categoria vazia *ec*.

Neste contexto, como mostrou o exemplo em (8b) em Japonês, se a expressão *Taruto* (a torta) for retomada na resposta, ela aparecerá como tópico (que deve ser marcado pelo morfema */-wa/* e aparecer na primeira posição)³³, uma vez que se trata

³³ Cf. Para um contexto similar como ‘O que aconteceu com a torta que estava aqui?’ as respostas possíveis seriam (i) e (ii):

- (i) Taruto-wa/#o [F Joan-ga tabeta].
 (Torta-TÓP/#ACC [F João-NOM comeu.])
 ‘A torta, o João comeu (ela).’
- (ii) Sore-wa/#o [F Joan-ga tabeta].
 (Torta-TÓP/#ACC [F João-NOM comeu.])
 ‘Isso, o João comeu.’
- (iii) [F Joan-ga [taruto-**wa/#o*] tabeta].
 ([F João-NOM [torta-**TÓP/#ACC*] comeu.])
 ‘O João comeu a torta.’
- (iv) [F Joan-ga [sore-**wa/#o*] tabeta].
 ([F João-NOM [isso-**TÓP/#ACC*] comeu.])
 ‘O João comeu ela.’

de informação pressuposta. O restante da sentença [*Joan-ga tabeta*] (João comeu) é o foco, pois é ele que especifica o valor da variável.

Às vezes, contudo, a sentença inteira pode ser informação não pressuposta, isto é, o foco. Em um contexto como (11a), por exemplo, toda a resposta em (11b) seria o foco.

- (11) a. O que aconteceu?
- b. [_F Joan-ga taruto-o tabeta.]
 ([_F João-NOM a torta-ACC comeu.])
 ‘O João comeu a torta.’

Nesse caso em que o constituinte foco é a sentença inteira no Japonês, o sujeito é sempre marcado pelo morfema */-ga/*. Nota-se ainda que, aqui, *taruto* (a torta) ocupa sua posição de objeto e seu Caso gramatical */-o/* (acusativo), enquanto no dado apresentado em (8), *taruto* (a torta) é uma informação pressuposta, como mostra a marca de tópico */-wa/*, ocupa a posição inicial da sentença e o seu morfema de Caso gramatical não é realizado.

Vimos acima que o foco pode ser ou um constituinte dentro da sentença ou uma sentença inteira – a literatura chama-os de foco estreito e foco amplo, respectivamente. Esses dois “tipos” dizem respeito à forma do foco: sintagma ou sentença. A seguir, trataremos dos tipos de foco em termos de interpretação.

2.3 TIPOS DE FOCO

A literatura corrente classifica o foco em termos de exaustividade e contraste. Destacamos Zubizarreta (1998), Kiss (1998) e Mito (2003).

Zubizarreta (1998), com base no traço de contraste, classifica o foco em dois tipos. O primeiro é aquele que presume uma interrogativa como base discursiva para se estabelecer e é representado pela parte da sentença que ocupa o lugar da expressão *Wh*, como nos exemplos de (3) a (9) apresentados na seção anterior. Esse tipo de foco é chamado por Zubizarreta de foco não-contrastivo.

O segundo tipo de foco é aquele que introduz um novo valor à informação contextualizada. Zubizarreta o chama de foco contrastivo. Em uma afirmação prévia

como (12) abaixo, (13), (14) e (15) fazem a correção da informação anterior através do elemento focalizado, de modo que envolve contraste. Assim, o que constituirá a interpretação de foco contrastivo é o sintagma que destacamos em letras maiúsculas abaixo:

- (12) Maria-wa teeburu-ni zasshi-o oita.
(Maria-TÓP mesa-GEN revista-ACC colocar-pass.)
'A Maria pôs a revista na mesa.'
- (13) [_F SARA-GA] teeburu-ni zasshi-o oita. (Maria-janai)
([_FA Sara-NOM] mesa-GEN revista-ACC colocar-pass. (Maria-neg.))
'[_F A SARA] pôs a revista na mesa. (não a Maria)'
- (14) Maria-wa teeburu-ni [_F HON-O] oita. (zasshi-janai)
(Maria-TÓP mesa-GEN [_F livro-ACC] colocar-pass.(revista-neg.))
'A Maria pôs [_F O LIVRO] na mesa. (não a revista)'
- (15) Maria-wa [_F ISU-NI] zasshi-o oita. (teeburu-(ni)-janai)
(Maria-TÓP [_F cadeira-GEN] revista-ACC colocar-pass.(mesa-(GEN)-neg.))
'A Maria pôs o livro [_F NA CADEIRA]. (não na mesa)'

Nas sentenças (13), (14) e (15) acima, o foco corresponde à informação não pressuposta pelos interlocutores e, mais do que isso, carrega traços de contrastividade. Contudo, isso não significa que o foco possa ser definido apenas como informação nova: pode haver contextos, como (16) abaixo, em que o referente do constituinte foco já foi mencionado no discurso (RESENES, 2009:19):

- (16) a. Maria-wa paatii-de shiroi-doeresu-o tsukattano, aoi-no o tsukattano?
(Maria-TÓP festa-LOC branco-vestido-ACC usou, azul-PRON-ACC usou?)
'A Maria usou o vestido branco ou o azul na festa?'
- b. Maria-wa [_F shiroi-doeresu-o] tsukatta.
(Maria-TÓP [branco-vestido-ACC] usou.)
'A Maria usou [_F o vestido branco].'

No exemplo em (16b) acima, *shiroi-doresu* (o vestido branco) é o foco – e ele não é uma informação inteiramente nova, pois já consta no discurso precedente. Por isso, é inapropriado definir o foco como a informação nova na sentença.

Kiss (1998), com base no traço da exaustividade, classifica o foco em de informação, aquele que é [-exaustivo], e de identificação, aquele que é [+exaustivo]. Há dois tipos de *foco que não respondem a uma pergunta wh*: o foco contrastivo (que vimos acima nas sentenças (13), (14) e (15)) e o foco de identificação, que realiza uma identificação por exclusão (tal como em (16b) acima) e, portanto, carrega uma propriedade adicional de exaustividade ao foco de informação.

Com base nas propostas de Zubizarreta (1998) e Kiss (1998), Mito (2003) apresenta a distribuição de traços de exaustividade e contrastividade relacionados aos tipos de foco, que reproduzimos em (17) abaixo:

(17) Tipos de foco

a. [-contrastivo, -exaustivo]	de informação (Kiss), não-contrastivo (Zubizarreta)
b. [-contrastivo, +exaustivo]	de identificação (Kiss) ³⁴
c. [+contrastivo, -exaustivo]	*
d. [+contrastivo, +exaustivo]	contrastivo (Kiss e Zubizarreta)

(MIOTO, 2003:175)

A impossibilidade de (17c), marcada por *, é explicada pelo fato de que todo foco que é contrastivo é também exaustivo; então, não há como interpretar um foco com traços [+contrastivo] e [-exaustivo] ao mesmo tempo.

Levando-se em conta as descrições feitas pela literatura que apresentamos brevemente nesta seção, consideramos, então, três tipos de foco em termos de interpretação: foco de informação, foco de identificação e foco contrastivo.

2.4 A POSIÇÃO DO FOCO NA SENTENÇA

³⁴ O foco de identificação proposto por Kiss (1998) é, segundo ela, associado a diferentes subconjuntos de um determinado conjunto de traços semânticos, e podem não apresentar uniformidade entre uma língua e outra. O que é interessante nessa proposta é que, no inglês, “o foco identificacional é realizado como um constituinte clivado” (KISS, 1998:245).

O foco pode figurar *in situ* (quando está em sua posição temática, como nos exemplos vistos nas seções anteriores, de (3) a (16b)) ou pode, ainda, aparecer deslocado na sentença. Nas seções anteriores, vimos que o constituinte foco *in situ* pode veicular tanto foco não-contrastivo (de informação e de identificação) quanto foco contrastivo.

No caso do foco deslocado à esquerda, não há a interpretação de foco de informação no Português Brasileiro. Mito (2003) afirma que “ao foco deslocado na periferia esquerda está associado pelo menos um valor positivo dos traços [exaustivo] e [contrastivo]” (p.177). O mesmo parece ocorrer no Japonês. Reproduzimos abaixo as diferenças entre foco *in situ* e foco deslocado à esquerda dos exemplos de Mito, traduzido para o Japonês, seguindo a sua pergunta contextualizada em (18):

- (18) Joan-wa nani-o kai-mashita-ka?
 (João-TÓP o que-ACC comprar-pass.-ASK)
 ‘O que o João comprou?’
- (19) Joan-wa [_F ano kuruma-o] kai-mashita.
 (João- TÓP [_F aquele carro-ACC] comprar-pass.)
 ‘O João comprou [_F aquele carro].’
- (20) #[_F Ano kuruma-o] Joan-wa kai-mashita.
 ([_F Aquele carro-ACC] João-TÓP comprar-pass.)
 ‘[_F Aquele carro] o João comprou.’

O Japonês parece não ter uma ordem tão rígida dos constituintes quanto o Português Brasileiro (com exceção do núcleo que deve ficar sempre em sua posição final). Mesmo assim, dentre as sentenças (19) e (20), a resposta mais apropriada para uma pergunta wh como (18) é (19), na qual o foco de informação aparece *in situ*.

O constituinte deslocado à esquerda em (20) acima, como aponta Mito (2003) para o Português Brasileiro, é interpretado como foco de identificação ou como foco contrastivo, também no Japonês. Se, em um contexto discursivo prévio, conter a simples pressuposição de que ‘João comprou um carro’, sem haver espaço para

contraste, o foco da sentença em (20) terá apenas traços de exaustividade e, portanto, será um foco de identificação, como mostra o exemplo (21) abaixo.

- (21) a. Joan-wa kuruma-o kat-ta-soudesu-ne.
 (João-TÓP carro-ACC comprar-pass-dizem-CÓP)
 ‘Soube que o João comprou um carro’
- b. Hai. [_F Ano kuruma-o] Joan-wa kai-mashi-ta.
 (Sim. [_F Aquele carro-ACC] João-TÓP comprar-pass.)
 ‘Sim. [_F Aquele carro] o João comprou.’

Já se o contexto discursivo fornecer, por exemplo, uma informação errada sobre qual carro João comprou, o constituinte da periferia esquerda em (20) terá a interpretação de foco contrastivo, como mostra a correção da informação ilustrada em (22b).

- (22) a. Joan-wa kimi-no-kuruma-o kat-ta-soudesu-ne.
 (João-TÓP você-poss-carro-ACC comprar-pass-dizem-CÓP)
 ‘Soube que o João comprou seu carro’
- b. [_F Ano kuruma-o] Joan-wa kai-mashi-ta. (Watashi-no janai-desu)
 ([_F Aquele carro-ACC] João-TÓP comprar-pass. (Eu-poss/NML neg-CÓP.))
 ‘[_F Aquele carro] (que) o João comprou. (Não o meu.)’

Enquanto em (21b) o constituinte [*Ano kuruma-o*] (Aquele carro) tem apenas traços [+exaustivo] para dar um valor adicional à informação contextualizada, em (22b) o mesmo constituinte tem traços [+exaustivo, +contrastivo] pois corrige a informação sugerida [*kimi-no-kuruma-o*] (o seu carro) em (22a). Por isso, o primeiro é foco de identificação e o segundo é foco contrastivo.

2.5 “MORFEMA DE FOCO” VS. MORFEMA /-GA/

O morfema /-ga/ é muitas vezes confundido como um morfema marcador de foco no Japonês. Nesta pequena seção apresentamos dados que comprovam o

contrário: */-ga/* não é marcador de foco, embora ele possa aparecer em alguns sintagmas interpretados como foco.

Vimos que o foco pode ser um constituinte (foco estreito) ou a sentença inteira (foco amplo). Nos casos de foco amplo do Japonês, o sujeito será sempre marcado por */-ga/*, como mostra o exemplo a seguir:

(23) O que aconteceu?

(24) a. Haha-ga nihon-e itta.

(Mãe-NOM Japão-LOC ir-pass.)

‘Minha mãe foi ao Japão.’

b. #Haha-wa nihon-e itta.

(Mãe-TÓP Japão-LOC ir-pass.)

‘Minha mãe foi ao Japão.’

(25) a. Ani-ga denwashi-ta.

(Irmão-NOM telefonar-pass.)

‘Meu irmão telefonou.’

b. #Ani-wa denwashi-ta.

(Irmão-TÓP telefonar-pass.)

‘Meu irmão telefonou.’

(26) a. Felipe-ga Mari-ni ran-o age-ta.

(Felipe-NOM Mari-DAT orquídea-ACC dar-pass.)

‘O Felipe deu uma orquídea para a Mari.’

b. #Felipe-wa Mari-ni ran-o age-ta.

(Felipe-TÓP Mari-DAT orquídea-ACC dar-pass.)

‘O Felipe deu uma orquídea para a Mari.’

Como já apresentamos, o sujeito no Japonês é sempre marcado por */-wa/* ou por */-ga/*. Contudo, ao responder uma pergunta contextualizada como (23), cada uma das

sentenças em (24), (25) e (26) acima, tem a sentença inteira como resposta e, portanto, será foco amplo. Em todos os casos de foco amplo no Japonês, portanto, o sujeito aparece marcado por */-ga/*. As respostas com o sujeito marcado por */-wa/* seriam impróprias nesse contexto.

No que se refere ao foco estreito, observaremos o foco conforme sua posição na sentença. Vejamos a morfologia de Caso do foco (contrastivo ou não-contrastivo) *in situ*:

- (27) a. [_F Sara-ga] teeburu-ni zasshi-o oita (Maria-janai).
 ([_F A Sara-NOM] mesa-GEN revista-ACC colocar-pass (Maria-neg))
 '[_F A Sara] pôs a revista na mesa (não a Maria).'
- b. #[Sara-wa] teeburu-ni zasshi-o oita (Maria-janai).
 ([A Sara-TÓP] mesa-GEN revista-ACC colocar-pass (Maria-neg))
 '[A Sara] pôs a revista na mesa (não a Maria).'
- (28) Maria-wa teeburu-ni [_F hon-o] oita (zasshi-janai).
 (Maria-TÓP mesa-GEN [_F livro-ACC] colocar-pass.(revista-neg))
 'A Maria pôs [_F o livro] na mesa (não a revista).'
- (29) Maria-wa [_F isu-ni] zasshi-o oita (teeburu-(ni)-janai).
 (Maria-TÓP [_F mesa-GEN] revista-ACC colocar-pass.(mesa-(GEN)-neg))
 'A Maria pôs o livro [_F na cadeira] (não na mesa).'

Quando *in situ*, sendo o foco contrastivo ou não, sua morfologia de caso é preservada. Em especial, o foco quando sujeito, é necessariamente marcado por */-ga/*: o sujeito marcado por */-wa/* em (27b) é impróprio, seja para responder uma pergunta *wh*, seja para corrigir uma informação prévia. Em (28) o foco (objeto do verbo) permanece marcado pelo acusativo */-o/* e, em (29), o foco adjunto de *V'* (ou sujeito de *vP*) permanece marcado pelo seu caso genitivo */-ni/*.

O mesmo ocorre com a morfologia de Caso do foco movido para a periferia esquerda, cuja interpretação é de foco contrastivo/exaustivo:

- (30) a. Joan-wa kimi-no-kuruma-o kat-ta-soude-su-ne.

(João-TÓP você-poss-carro-ACC comprar-pass-dizem-CÓP)
 ‘Soube que o João comprou seu carro’

b. [_F Haha-no kuruma-o] Joan-wa kai-mashi-ta. (Watashi-no janai-desu)
 ([_FMinha mãe-GEN carro-ACC] João-TÓP comprar-pass. (Eu-GEN neg-CÓP.))
 ‘[_F O carro da minha mãe] (que) o João comprou. (Não o meu.)’

(31) a. Joan-ga/wa kimi-no-kuruma-o kat-ta-soudesu-ne.
 (João-NOM/TÓP você-poss-carro-ACC comprar-pass-dizem-CÓP)
 ‘Soube que o João comprou seu carro’

b. [_F Mario-ga/#wa] boku-no-kuruma-o kai-mashi-ta. (Joan- janai-desu)
 ([_F Mario-NOM/#TÓP] Eu-poss.-carro-ACC comprar-pass. (João neg-CÓP.))
 ‘[_F O Mário] comprou meu carro. (Não o João.)’

(32) a. Joan-ga/wa kimi-ni keeki-o age-ta-soudesu-ne.
 (João-NOM/TÓP você-DAT bolo-ACC dar-pass-dizem-CÓP)
 ‘Soube que o João deu um bolo pra você.’

b. [_F SARA-NI] Joan-wa keeki-o age-mashita. (Watashi-ni janai-desu.)
 ([_F SARA-DAT] João-TÓP bolo-ACC dar-pass. (Eu-DAT neg-CÓP.))
 ‘[_F Para a Sara] o João deu o bolo. (Não para mim.)’

Nos exemplos em (30b), (31b) e (32b) acima, vemos que a morfologia do constituinte foco, mesmo quando o constituinte é deslocado para a posição inicial da sentença, apresenta o Caso gramatical preservado. Em especial, (31b) mostra que o sujeito, se marcado por */-wa/*, é impróprio para a interpretação de foco contrastivo.

Os dados apresentados até aqui parecem sugerir que, se somente quando o sujeito é foco (ou quando o sujeito faz parte do foco, como em casos de foco amplo) há a marca do morfema */-ga/*, então este morfema é marcador de foco sujeito.

Contudo, as orações encaixadas mostram que */-ga/* é marcador de nominativo. Vejamos abaixo dados em que apenas o sujeito da oração matriz é interpretado como foco.

(33) a. Quem comeu o bolo que o João fez?

b. [_F Sara-ga] [Joan-ga/*wa tsuku-tta keeki]-o tabemashita.

([Sara-NOM] [João-NOM/*TÓP fazer-pass. bolo]-ACC comer-pass.)

‘[_F A Sara] comeu o bolo que o João fez.’

(34) [_F MARIA-GA] [Joan-ga/*wa tsuku-tta keeki]-o tabemashita. (Sara janai-desu)

([Maria-NOM] [João-NOM/*TÓP fazer-pass. bolo]-ACC comer-pass. (Sara neg-CÓP))

‘[_F A Maria] comeu o bolo que o João fez. (não a Sara)’

As sentenças acima têm o sujeito *Sara* como foco de informação em (33b) e como foco contrastivo em (34). Em ambas, o sujeito da oração encaixada *Joan* (o João) faz parte da pressuposição e, portanto, não há margem para interpretá-lo como foco. Mesmo assim, esse sujeito deve ser marcado por */-ga/*, mas não por */-wa/*, para ser gramatical.

Essa propriedade que o Japonês apresenta no sujeito da oração encaixada parece mostrar que o morfema */-ga/* é marcador de nominativo e que quando o sintagma sujeito é interpretado como foco, sua morfologia de caso é preservada, assim como ocorre com os demais constituintes. Contudo cabe ressaltar que, se o constituinte sujeito marcado por */-ga/* está na oração matriz, ele é necessariamente interpretado como foco (foco estreito ou foco amplo). Kuroda (1965) descreve que */-ga/* é marcador de foco quando se trata de oração matriz com individual-level e, em outros casos, um marcador de Caso nominativo.

Com os dados acima, vemos que a língua parece figurar o foco de formas distintas, conforme sua função sintática na sentença. Embora o sujeito marcado pelo morfema */-ga/* que está em oração matriz seja necessariamente foco, neste trabalho, não o consideramos como marcador de foco, pois ele não é evidência para a projeção do foco.

Nos casos em que */-ga/* marca o foco, consideramos que o que ocorre não é tão diferente dos demais casos: o objeto quando foco preserva seu Caso acusativo, o segundo argumento do verbo preserva o seu Caso dativo quando foco, os adjuntos preservam seu Caso genitivo (quando têm)³⁵ e, da mesma forma, o sujeito preserva seu Caso nominativo quando é eleito para ser o foco. Mas há uma ressalva – quando o sujeito não é eleito para ser o foco (foco estreito ou foco amplo), a morfologia que marca este constituinte depende se se trata de oração matriz ou encaixada, podendo ser */-wa/* no primeiro caso, ou */-ga/*, no segundo caso. Assim, a discussão de Kato (1989) apresentada na seção 1.4 do capítulo 1 é bastante pertinente nos casos em que o sujeito não-foco é marcado por */-wa/*: são casos em que as categorias sujeito e tópico não são caracterizáveis de formas distintas.

2.6 FOCO VS. TÓPICO

Nos estudos sobre o Japonês, as categorias foco e tópico são muitas vezes confundidas. Deduzimos que isso pode ocorrer devido à extrema frequência com que mais de um tipo de tópico (temático ou contrastivo) pode compor uma mesma sentença e, também, porque um deles (o tópico contrastivo) carrega traços [+contrastivo, +exaustivo], o que o aproxima em algum nível da interpretação do foco. Nesta dissertação, porém, defendemos que foco e tópico são categorias distintas que devem ser analisadas separadamente.

Mioto (2003), com base em Zubizarreta (1998), afirma que foco e tópico não devem ser confundidos, devido às diferenças de propriedades entre as relações foco/presuposição e tópico/comentário. Como vimos no capítulo 1, a relação tópico/comentário é uma relação de sujeito e predicado. A relação foco/presuposição, por sua vez, é uma relação de quantificação na qual o foco é o valor atribuído à variável.

Segundo Mioto (2003), o foco pode fazer parte desse predicado, mas não compete com o tópico da sentença. Nessa perspectiva, é considerado que o tópico é aquele constituinte que possui a relação de *aboutness* com o restante da sentença, o que o faz ocupar a posição de sujeito da sentença.

³⁵ No Japonês, há adjuntos que não têm realização de Caso, mesmo em sentença matriz e isento de qualquer interpretação pragmática. São os casos de alguns advérbios temporais, como *kinou* (ontem), *kyou* (hoje), *ashita* (amanhã), *senshuu* (semana passada), *kyonen* (ano passado) etc.

Vimos no capítulo 1, contudo, que uma sentença pode conter ao mesmo tempo um tópico temático e um tópico contrastivo. Alguns dos estudos que consideram o morfema /-wa/ como um marcador de foco apontam dados em que o constituinte é interpretado com traços de contraste. Vejamos alguns exemplos.

Fuchs (2009) afirma que “em situação de focalização contrastiva, -wa é marcador morfológico que acompanha o sintagma adjunto[...]” (p.104). Vejamos o seu exemplo, que reproduzimos, junto à glosa e tradução da autora, em (35) e (36):

(35) Uma amiga comenta que a Maria vai para a igreja todo sábado. E eu corrijo:

(36) a. [Nitiyoobi-ni]_F -wa Maria-wa kyookai-e ikimasu.

Domingo em Foco Maria-TÓP igreja-para vai

- [No domingo]_F a Maria vai para a igreja.

b. #Nitiyoobi-ni Maria-wa kyookai-e ikimasu.

Domingo em Maria-TÓP igreja-para vai

- No domingo a Maria vai para a igreja.

Para Fuchs (2009), (36a) responde ao contexto em (35) e a autora faz duas afirmações: que o sintagma marcado por /-wa/ é um foco, e, que (36b) não é uma resposta adequada para o contexto por não conter o morfema que indica os traços [+contrastivo, +exaustivo].

Quanto a esses dados, assumimos um julgamento de gramaticalidade diferente de Fuchs (2009), como reformulamos nos dados abaixo. A sentença em (37) é o contexto prévio e as sentenças em (38) são respostas que visam corrigir a informação dada em (37):

(37) Maria-wa mai-shuu doyoubi-ni kyookai-e iku-soudesu.

(Maria-TÓP toda-semana sábado-GEN igreja-GEN ir-dizem.)

‘Dizem que a Maria vai todos os sábados à igreja.’

(38) a. *[? Nitiyoobi-ni]-wa Maria-wa kyookai-e iki-masu, doyoobi ja-arimasen.

([Domingo-GEN]-TÓP_c Maria-TÓP_t igreja-LOC ir-*default*, sábado CÓP-neg)

‘No domingo, a Maria vai para a igreja, não sábado.’

- b. ✓ [_F Nityoobi-ni] Maria-wa kyookai-e iki-masu, doyoobi ja-arimasen.
 ([_F Domingo-GEN] Maria-TÓP igreja-LOC ir-*default*, sábado CÓP-neg.)
 ‘[_F No domingo] a Maria vai para a igreja, não sábado.’
- c. ✓ [Nityoobi-ni]-wa Maria-wa kyookai-e iki-masu ga, doyoobi-ni-wa iki-masen.
 ([Domingo-GEN]-TÓP_c Maria-TÓP_t igreja-LOC ir- *default* mas, sábado-
 GEN-TÓP_c ir-neg.)
 ‘No domingo, a Maria vai para a igreja mas, no sábado não vai.’

Enquanto para Fuchs, a seleção das sentenças adequadas de (36) para o contexto em (35) é explicada apenas pela presença ou não do morfema /-wa/, os dados em (38a,b,c) mostram, através do contraste adicionado ao final da sentença, a agramaticalidade da sentença (38a) em que o constituinte destacado na periferia esquerda recebe a morfologia de /-wa/, mesmo sem considerar o contexto em (37).

O constituinte destacado na periferia esquerda das sentenças em (38a,b,c) é, incontestavelmente, um constituinte movido de sua posição estrutural, pois é um sintagma adjunto cuja posição canônica no Japonês é depois do sujeito e antes do verbo. Em (38a,b,c) ele é realizado antes do sujeito e, além disso, há um contraste adicionado ao final da sentença – fatos esses que sugerem ao sintagma destacado uma interpretação de contraste e exaustividade, independentemente de sua marca morfológica.

Se considerarmos o sintagma inicial de (38a) marcado por /-wa/ como foco, tal como faz Fuchs, a oração adicional de contraste ao final da sentença deverá ser constituída de [sintagma de contraste ao foco + cópula + negação]. Essa característica do Japonês é observável em todas as sentenças desta dissertação que mostram a contrastividade do foco. Em (38a), é justamente essa oração adicional que torna incompatível a presença de um sintagma /-wa/ contrastivo. Isto é, a agramaticalidade de (38a) pode ser explicada pela incompatibilidade de categorias: o sintagma /-wa/ inicial é um tópico contrastivo (como sugerimos na legenda da sentença), enquanto o contraste ao final da sentença é destinado a um foco.

Além disso, os dados positivos em (38b) e (38c) reforçam essa explicação: (38b) é gramatical porque a mesma oração de contraste ao final da sentença é compatível com o sintagma foco (sem a marca de /-wa/) na periferia esquerda da sentença. E, em (38c) o sintagma inicial marcado por /-wa/ é gramatical porque ele é um tópico e, portanto, compatível com a oração adicional ao final da sentença que tem a propriedade de contrastar com um tópico, através dos componentes [sintagma de contraste + verbo de contraste].

Como mostraremos na seção 2.4, o foco, *in situ* ou deslocado, mantém sua marca estrutural de caso e não recebe nenhuma morfologia específica³⁶ de foco.

Outro estudo sobre o Japonês que considera que o sintagma /-wa/ possa ser foco e não tópico é o de Nakamura (2011). Ao descrever que há três tipos de morfema /-wa/ no Japonês, Nakamura defende que dois deles correspondem a tópico (temático e contrastivo) e um deles a foco. Na verdade o autor sugere que há dados ambíguos entre foco contrastivo e tópico contrastivo, como mostram os dados reproduzidos em (40) abaixo:

(39) Quem passou no exame?

(40) a. Mary-wa uka-tta.

(Mary-TÓP_c aprovar-pass.)

‘(No mínimo) a Mary passou, mas não sei se alguém mais passou.’

b. Mary-ga uka-tta.

(Mary-NOM aprovar-pass.)

‘(Só) a Mary passou.’

c. Mary-wa uka-tta.

(Mary-F_c aprovar-pass.)

‘A Mary, e não a Lisa, que passou.’

(Nakamura, 2011: 35)

³⁶ Com a exceção do sujeito que, quando foco (estrito ou amplo), é necessariamente marcado por /-ga/, o foco, *in situ* ou deslocado, não recebe nenhuma morfologia específica de foco, como mostramos na seção 2.4. Porém, ressaltamos que não há consenso na literatura, uma vez que /-ga/ também pode marcar o sujeito que não é foco (quando sujeito de oração encaixada), como apresentamos na seção 2.5 anteriormente.

Na descrição de Nakamura (2011), as legendas e traduções dos dados do autor reproduzidos em (40) acima explicariam a diferença de interpretações. O que Nakamura quer defender é que, num contexto como esse de pergunta-wh, o sintagma /-wa/ é ambíguo, podendo ser interpretado tanto como tópico contrastivo (40a) quanto como foco contrastivo (40c). De fato, o referido sintagma é um constituinte destacado de uma listagem exaustiva, nos termos de Kuroda (1965), e a construção é perfeitamente gramatical no contexto apresentado.

Julgamos, entretanto, que tanto (40a) quanto (40c) se tratam de um sintagma/-wa/ em posição de foco, com interpretação de listagem anti-exaustiva (da terminologia de Kuroda (2005), como apresentamos no capítulo 1.

Embora Mioto (2003) afirme que o foco não compete com a interpretação de tópico, este é um caso excepcional que merece estudos mais detalhados a serem feitos futuramente. Kuroda (2005) defende que o sintagma/-wa/ que responde a um contexto como (39) acima é um constituinte que ocupa a posição de foco, já que responde a um elemento wh. Porém o autor nota que, mesmo observando funções de /-wa/ e /-ga/ em termos de construções sentenciais, é difícil determinar exatamente suas diferenças quando se trata de resposta para uma pergunta-wh, pois as duas construções têm funções diferentes para cada contexto discursivo.

2.7 A SINTAXE DO FOCO

Nas seções anteriores caracterizamos os tipos de foco de acordo com a interpretação, mencionamos as respectivas realizações prosódicas e a sua posição na sentença. Nesta, elaboramos uma descrição sobre o modo como o foco se manifesta na sintaxe do Japonês.

Da mesma forma que fizemos para o tópico no capítulo 1, consideramos o CP expandido de Rizzi (1997), sendo que o foco pode ocupar a periferia esquerda da sentença. Esse CP possui a função de articular também a relação entre o foco e a pressuposição. Tal como o critério postulado para o tópico, a relação foco/pressuposição também deve ter uma representação no esquema X-barra, de modo que obedeça ao “Critério Foc” postulado por Rizzi:

- i) um foco deve estar em configuração Spec/núcleo com um núcleo Foc marcado pelo traço [+ Foc];

- ii) um núcleo Foc marcado pelo traço [+Foc] deve estar em configuração Spec/núcleo com um constituinte focalizado.

De acordo com esse critério Foc, a relação Spec/núcleo expressa a compatibilidade de traços, o que explica o movimento do constituinte interpretado como foco para o Spec de FocP.

Rizzi propõe que o tópico e o foco devem ser considerados como estratégias distintas do discurso (de função semântica) que devem entrar na categoria de CP. ForceP e FinP, por sua vez, entram na mesma categoria, porém por razões estruturais: uma que marca o tipo da sentença encaixada e outra que marca a finitude da sentença através de um complementizador, por exemplo.

Seguindo os estudos de Rizzi, Belletti (2004) propõe uma periferia para a parte baixa da sentença. A periferia VP também apresenta posições de foco e tópico. De acordo com a abordagem cartográfica, cada tipo de foco deve ocupar uma posição distinta: se for contrastivo, figura na periferia esquerda da sentença; se for não contrastivo/de informação, deve ocupar uma posição mais baixa, na periferia de VP.

Na esteira de Rizzi (1997), muitos autores estudaram o modo como cada tipo de foco se comporta na estruturação da sentença. Veremos a seguir como eles ocorrem no Japonês.

2.7.1 A Sintaxe do Foco de Informação

Na seção anterior, vimos que o foco *in situ* pode ser interpretado como foco de informação ou como foco contrastivo. Dentre esses, o foco de informação não passa por uma reordenação sintática da sentença, isto é, diferentemente dos outros tipos de foco, o foco de informação permanece *in situ* (cf. KISS, 1998; BELLETTI, 2001; MIOTO, 2003, entre outros).

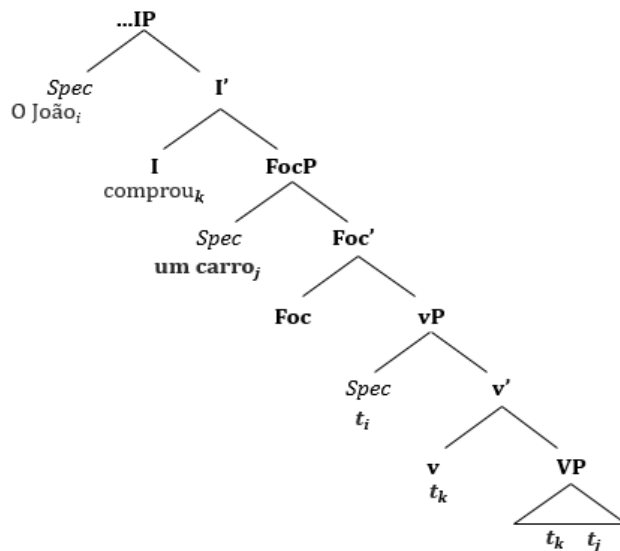
Para descrever o comportamento sintático do constituinte focalizado *in situ* no Português Brasileiro, Mito (2003) segue a proposta de Belletti (2001) de que há uma categoria FocP interna a IP. Essa categoria FocP domina vP, e o seu especificador é destinado ao foco. Conforme mencionamos sobre a proposta de Rizzi (1997) na seção anterior, a interpretação de um constituinte como foco ocorre do fato de ele estar em configuração Spec/núcleo com Foc.

Ilustramos abaixo, em (42), a configuração sintática dos constituintes de uma sentença do Português Brasileiro que tem como constituinte destacado um foco objeto que deve ser interpretado como foco de informação. E, a fim de comparar as semelhanças e diferenças trans-linguísticas, fazemos o mesmo para o Japonês em (43). O contexto está em (41) abaixo, tal como exemplificada por Mioto (2003).

(41) O que o João comprou?

(42) O João comprou [_F um carro].

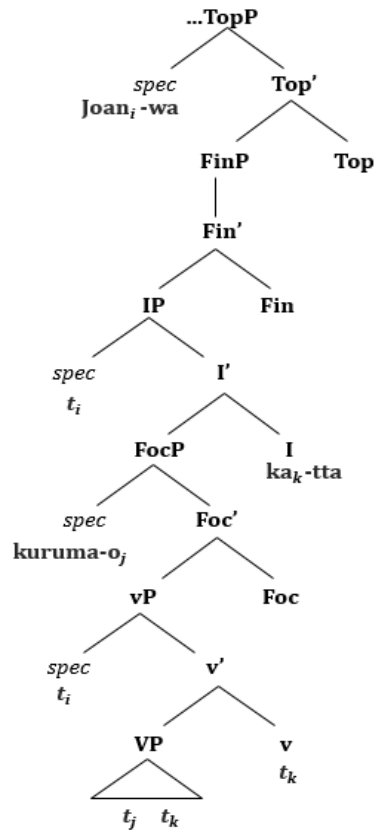
(42')



A sentença (42) do Português Brasileiro, representada em (42'), terá o seu foco [um carro] em Spec de FocP, posição destinada ao foco de informação, da mesma forma que o Japonês, como mostra (43) e sua representação em (43'):

(43) Joan-wa [_{Foc} kuruma-o] ka-tta.
 (João-TÓP [_{Foc} carro-ACC] comprar-pass.)
 'O João comprou [_{Foc} um carro].'

(43')



Nas sentenças em (42) do Português Brasileiro e (43) do Japonês, representadas em (42') e (43') respectivamente, os constituintes objeto focalizados *um carro / kuruma-o* (um carro-ACC) têm a interpretação de foco de informação, pois responde à expressão interrogativa “O que”, contextualizado em (41).

Este constituinte foco é considerado um foco *in situ* por não sofrer movimento para a periferia esquerda da sentença. Este foco é gerado em VP como argumento, onde recebe o seu papel temático, e, de lá é movido para uma posição baixa de foco, dentro do domínio IP. Essa posição estrutural, de acordo com a proposta cartográfica, corresponde a função discursiva de foco de informação.

Em ambas as línguas, o sujeito e o verbo se movem para Spec de IP e I respectivamente – no nível acima de onde está alojado o constituinte foco (objeto do verbo) – para a checagem de caso. Em Japonês, ocorre uma operação adicional: o sujeito João é movido de Spec de IP para Spec de TopP para receber o morfema de tópico temático */-wa/*, licenciado pela função *aboutness*.

O Japonês não apresenta inversão livre de sujeito, mas como argumenta Mito (2003), a proposta de FocP interna a IP, de Belletti (2004), é interessante porque

consegue dar conta também de fenômenos de determinadas línguas (como o italiano, o espanhol, e até mesmo o Português Brasileiro) que podem ter sujeito focalizado ou topicalizado em posição pós-verbal.

2.7.2 A Sintaxe do Foco Contrastivo e de Identificação

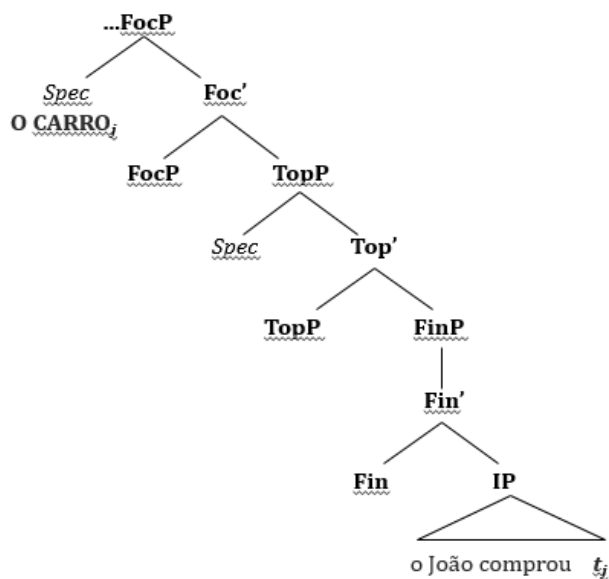
Os focos constrastivo e identificacional são constituintes que expressam contraste e identificação exaustiva e, na sintaxe, este foco se move ciclicamente: sai de onde ele é originado (na sentença encaixada) para ir a uma posição mais alta em CP, no Spec de FocP (cf. RIZZI, 1997).

Para ilustrar o processo de focalização no domínio CP no Português Brasileiro, Mioto (2003) apresenta exemplos de constituinte foco deslocado à esquerda e aponta que ele só pode ter a interpretação de foco constrastivo ou de identificação. Reproduzimos esse exemplo em Português Brasileiro e Japonês abaixo:

(44) O João comprou uma bicicleta?

(45) [_{Foc} UM CARRO] o João comprou. (não uma bicicleta)

(45')

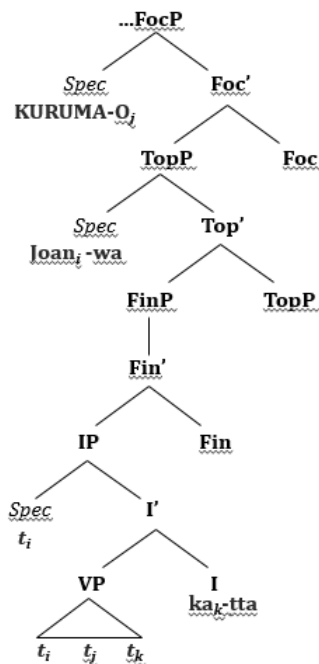


Em (45') acima, o constituinte que é interpretado como foco com traços de constrastividade e/ou exaustividade é movido de sua posição interna ao IP e ocupa a periferia esquerda, o Spec de FocP.

Seguindo os passos de Mioto (2003) para o Japonês, a representação arbórea do movimento do foco constrastivo ou exaustivo será como em (46') abaixo.

- (46) [_{Foc} KURUMA-O] Joan-wa ka-tta. (jitensha ja-nai)
 ([_{Foc} carro-ACC] João-TÓP comprar-pass. (bicicleta CÓP-neg.)
 '[_{Foc} UM CARRO] o João comprou. (não uma bicicleta)'

(46')



Na sentença em (46), representada em (46'), o constituinte focalizado *KURUMA-O* (um carro-ACC) tem a interpretação de foco de identificação ou contrastivo, pois essa sentença não responderia à expressão interrogativa “O que”, contextualizado em (41) da seção anterior (cf. *O que o João comprou?*). Ao invés disso, ele é um constituinte que carrega traço de exaustividade, podendo, também, carregar traço de contraste, no caso de uma pergunta contextualizada como (44) e o contraste entre parênteses em (45) para o Português Brasileiro e (46) para o Japonês.

Mioto (2003) afirma que “o deslocamento visível na sintaxe implica uma interpretação de foco com pelo menos um valor positivo dos traços exaustividade e

contraste” (p.185). Esse constituinte é considerado um foco deslocado à esquerda pois ele é movido para CP, mais especificamente para Spec de FocP. No Japonês, ocorre uma operação a mais do que no PB: o sujeito João, que é informação pressuposta, é movido para Spec de TopP para receber o morfema de tópico temático /-wa/.

2.8 RESUMO DO CAPÍTULO 2

Neste capítulo estudamos o foco a partir de exemplos do Português Brasileiro e do Japonês, observando apenas as construções simples. Definimos o foco como um elemento que representa a informação não-pressuposta de uma dada sentença e se articula numa relação foco-pressuposição. Essa pressuposição é dependente de contexto e, portanto, de nível pragmático. Vimos que, quando o foco responde a um elemento *wh* da pergunta contextualizada, ele pode ser de dois tipos, em termos de forma do foco: foco estreito e foco amplo. O primeiro é quando apenas um constituinte dentro da sentença é interpretado como foco e o segundo é quando a sentença inteira é interpretada como foco. Em termos de interpretação semântica do foco, vimos que a literatura classifica três tipos: foco de informação, foco de identificação e foco contrastivo. O foco de informação é aquele que responde a um elemento *wh* da pergunta contextualizada e, portanto, carrega os traços [-contrastivo, -exaustivo]. O foco de identificação é aquele que realiza uma identificação por exclusão e, portanto, carrega uma propriedade adicional de exaustividade ao foco de informação (i.e., apresenta traços [-contrastivo, +exaustivo]). E, por fim, o foco contrastivo é aquele que introduz um novo valor à informação contextualizada através do contraste. Este foco carrega traços [+contrastivo, +exaustivo].

Em termos de posição do foco na sentença, estudamos os casos em que o foco pode aparecer em sua posição *in situ* (que pode corresponder a periferia de VP) ou, ainda, aparecer deslocado na periferia esquerda da sentença. O foco *in situ* pode veicular tanto foco não-contrastivo (de informação e de identificação) quanto foco contrastivo. No caso do foco deslocado à esquerda, apenas o foco que contém traço de exaustividade podem ocupar essa posição destacada. Mostramos que, na periferia esquerda, não há a interpretação de foco de informação no Japonês, tal como no Português Brasileiro.

Nos dados do Japonês, observamos que o morfema /-ga/ não é um marcador de foco, como se costuma postular. A rigor, esse morfema é a marca de nominativo e acompanha um constituinte cuja função é de sujeito apenas quando o sujeito é o foco da sentença ou quando a sentença inteira é o foco. Nos demais casos, o constituinte foco é marcado pelo seu morfema de Caso gramatical (acusativo, dativo, genitivo etc). Também vimos que, em Japonês, há uma possibilidade de se confundir foco com tópico. Através de exemplos, procuramos traçar distinções entre essas categorias. As relações tópico-comentário e foco-suposição apresentam propriedades distintas – de modo que, na primeira, a relação é de sujeito e predicado e, na segunda, a relação é de quantificação na qual o foco é o valor atribuído à variável. Contudo, mostramos exemplos (do mesmo tipo que foi problematizado no capítulo1) em que um constituinte marcado pelo morfema /-wa/ (que costuma ser entendido como marcador de tópico) responde a uma pergunta-wh – ocupando, portanto, uma posição de foco.

Do ponto de vista sintático, levamos em conta o CP expandido de Rizzi (1997) e o seu Critério Foc, segundo o qual o constituinte interpretado como foco é movido para o Spec de FocP, atendendo à compatibilidade de traço [+Foc] na relação Spec/núcleo. Mostramos em representação arbórea que isso ocorre de modo distinto, conforme a realização do foco na sentença, no Português Brasileiro e no Japonês. O foco de informação não passa por uma reordenação sintática da sentença e permanece *in situ*, isto é, este constituinte foco ocupa a posição de especificador da categoria FocP internamente ao IP via movimento (cf. BELLETTI, 2004; MIOTO, 2003). Já o foco contrastivo e o foco de identificação, que possuem o traço [+exaustivo] em comum, e que são deslocados à esquerda, são movidos de dentro do IP encaixado para Spec de FocP (cf. RIZZI, 1997). Sugerimos que no Japonês, ocorre uma operação a mais do que no Português Brasileiro: o sujeito, quando faz parte da informação pressuposta, é movido para Spec de TopP para receber o morfema de tópico temático /-wa/.

3 CONSTRUÇÕES DE CLIVAGEM DO JAPONÊS

3.1 INTRODUÇÃO

Nos dois primeiros capítulos desta dissertação apresentamos duas formas de destacar constituintes em uma sentença: o tópico e o foco. Este capítulo é dedicado a um tipo de construção sintática que reserva um lugar especial para o foco dentro da sentença: são as chamadas clivadas. Veremos que tanto o foco quanto o tópico são categorias que aparecem nas construções de clivagem do Japonês.

As construções de clivagem têm por função focalizar constituintes via processo sintático e podem ser de dois grandes tipos: sentenças clivadas (CL) e pseudoclivadas (PCL). Por exemplo, a partir de uma sentença simples como (1), é possível derivar sentenças como (2) e (3) no Português Brasileiro:

- (1) A Maria comeu o chocolate.
- (2) a. Foi **a Maria** que comeu o chocolate.
b. Foi **o chocolate** que a Maria comeu. (CL)
- (3) a. Quem comeu o chocolate foi **a Maria**.
b. O que a Maria comeu foi **o chocolate**. (PCL)

As sentenças em (2) e (3) são formadas por uma parte da sentença que é foco (informação não pressuposta) e outra parte que é pressuposição (informação que está previamente compartilhada no discurso). O constituinte focalizado é o que está depois da cópula, destacado, e o restante da sentença é a informação pressuposta. As construções em (2) são chamadas de sentenças clivadas e as sentenças em (3) de pseudoclivadas.

Nesta dissertação abordamos as construções de clivagem ditas canônicas para identificar como as sentenças clivada e pseudoclivada se constituem no Japonês. Para tanto, faremos uma caracterização básica sobre essas sentenças e investigaremos sobre o modo como determinadas propriedades da língua – em especial o foco, a marca morfológica de Caso e o complementizador /-no/ – interagem com a sintaxe da clivagem. Para que essas propriedades se tornem

visíveis, lançaremos mão da comparação do Japonês com o Português Brasileiro, com base nos estudos de Kato e Mito (2009), Resenes (2009), Kizu (2005), Hiraiwa e Ishihara (2012) entre outros, além dos estudos clássicos como os de Akmajian (1970), Higgins (1973) e Lambrecht (2001) sobre clivagem.

Dividimos o capítulo em seções que abordam a caracterização de clivagem (3.2), as sentenças clivadas (3.3) e as sentenças pseudoclivadas (3.4). Subdividimos, ainda, cada uma das construções de clivagem para tratar das funções e interpretações do foco, nas clivadas e pseudoclivadas. Nessa última, abordamos brevemente a ambiguidade das construções entre interpretações predicacional e especificacional. Em seguida, na subseção (3.5) tratamos dos CPs dessas construções de clivagem no Japonês e da expressão /-no/, e, por fim na subseção (3.6), apresentamos algumas das propostas da literatura para a estrutura das sentenças clivada e pseudoclivada.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DE CLIVAGEM

O termo clivagem significa o ato de clivar, dividir, separar. Na linguística, essa terminologia é usada para designar um recurso sintático que as línguas têm de separar uma parte da sentença para nela abrigar – e, assim, destacar – um constituinte. Esse constituinte destacado é o elemento escolhido para ter a interpretação de foco.

Lambrecht (2001), através de exemplos do inglês, define as sentenças que passam pelo processo de clivagem como uma estrutura complexa que consiste de uma oração matriz, encabeçada por uma cópula, e uma oração relativa (ou um tipo de relativa), que tem um constituinte co-indexado com o argumento predicativo localizado depois da cópula. Essa oração matriz e a oração relativa, juntas, formam uma construção de clivagem.

Para Lambrecht, essa construção expressa, em termos lógicos, uma proposição simples. Construções de clivagem como (5a,b,c) abaixo, por exemplo, expressam a mesma condição de verdade de uma oração simples como (4).

(4) I like champagne.

(5) a. It is champagne I like.

- b. What I like is champagne.
- c. Champagne is what I like.

(LAMBRECHT, 2001)

Para cada uma das sentenças complexas em (5a), (5b) e (5c), que possuem o constituinte *champagne* clivado para ser interpretado como foco, há uma sentença simples relacionada como (4), e o valor de verdade entre essas sentenças não sofre alteração.

A construção do inglês iniciada com *it is* em (5a) é considerada uma *it-cleft* ou sentença clivada; a construção em (5b), iniciada por uma oração do tipo relativo (doravante oração *wh*), é uma sentença pseudoclivada; e a sentença em (5c), em que a oração *wh* aparece na posição pós-copular, é conhecida como uma sentença pseudoclivada extraposta.

Lambrecht afirma que, nas sentenças complexas em (5a,b,c), uma das funções do predicado da oração relativa é marcar o argumento compartilhado pelas duas orações com um papel semântico (temático), e que a função do predicado matriz é atribuir um papel pragmático (foco) ao sintagma pós-cópula. Desse modo, a construção de uma sentença clivada reserva a posição pós cópula *is* para o elemento que vai ser destacado como foco.

Estudando o Português Brasileiro, Resenes (2009) introduz a noção de clivagem como um recurso sintático de focalizar constituintes, e que as sentenças produzidas por esse processo apresentam itens específicos para cumprir essa função: a cópula (verbo *ser*) e o complementizador *que* ou um elemento *wh* (*quem, o que, quando, etc*). Com esses elementos, alguns dos quais são pouco especificados semanticamente (a maioria carrega algum traço: [+humano], [+tempo], [+lugar] ...), a sintaxe do Português Brasileiro constrói uma estrutura em que é reservada uma posição especial para o foco.

O Português Brasileiro apresenta uma rica gama de construções de clivagem. Citamos alguns dos exemplos apresentados por Resenes (2009) para ilustrar essa variedade. Destacamos o constituinte foco entre colchetes e, em negrito, os itens gramaticais que desempenham a função da clivagem:

- (6) **É** [a Maria] **que** caiu. = *Clivada*
- (7) [A Maria] **é que** caiu. = *Clivada Invertida*

- (8) [A Maria] **que** caiu. = *Clivada Reduzida*
 (9) [A Maria] **que é que** caiu. = ?³⁷
 (10) **O que** eu comprei **foi** [uma caneta e um caderno]. = *Pseudoclivada*
 (11) **É** [a Maria] **quem** quer namorar. = *Pseudoclivada Extraposta*
 (12) [A Maria] **é quem** quer namorar. = *Pseudoclivada Invertida*
 (13) Telefonou **foi** [o Pedro]. = *Semiclivada*

No Japonês, grande parte da literatura a qual tivemos acesso³⁸ mostra que a variedade das construções de clivagem é pequena. Vejamos alguns dos exemplos apresentados por Hiraiwa & Ishihara (2012), quanto aos tipos de clivagem no Japonês:

- (14) Naoya-ga tabeta-**no**-wa [ringo-o mittsu] **da**. = *Clivada*
 (Naoya-NOM comer-pass.-**C**-TÓP [maçã-ACC três-unid.]**CÓP**.)
 ‘**Foram** [três maçãs] **que** Naoya comeu.’
- (15) Naoya-ga tabeta-**no**-wa [ringo mittsu] **da**. = *Pseudoclivada*
 (Naoya-NOM comer-pass.-**C**-TÓP [maçã três-unid.] **CÓP**.)
 ‘**O que** Naoya comeu **foram** [três maçãs].’

Desse modo, trataremos apenas da clivada e a pseudoclivada ditas canônicas nesta dissertação.

Além da aparente semelhança na ordem linear dessas construções (clivadas e pseudoclivadas) no Japonês, há outra similaridade intrigante. Enquanto no Português Brasileiro os itens específicos que cumprem a função de focalizar são diferentes nas sentenças clivadas e nas pseudoclivadas (a primeira apresenta a cópula e o complementizador *que* e, a segunda, a cópula e um elemento *wh*), no Japonês esses elementos parecem ser os mesmos (a cópula */-da/* e o complementizador-nominalizante³⁹ */-no/*). A diferença é que há uma opcionalidade da realização da marca de caso do foco e, segundo a literatura, é ela que pode

³⁷ A autora apresenta esse e demais dados para testar as possibilidades de diversas formas da cópula e complementizador aparecerem mais de uma vez nas sentenças clivadas. Neste dado específico, Resenes (2009) sugere que se trata de uma estrutura semelhante a de uma clivada reduzida, com a presença de um complementizador *que* a mais.

³⁸ Cf. Kizu (2005), Hiraiwa e Ishihara (2001, 2012), Saito (2003), Watanabe (2002), Komagata (1996), Endo (2007).

³⁹ Kuroda (1976) chamou esse item *no* de “nominalizing complementizer”.

indicar se a sentença é clivada ou pseudoclivada por envolver questões sintáticas e semânticas distintas. Essas e demais propriedades serão descritas nas seções subsequentes.

Em termos de derivação das construções em questão, Kuroda (1965) menciona brevemente as construções de clivagem⁴⁰ em sua tese intitulada “*Generative Grammatical Studies in The Japanese Language*”. Ele considera essas construções como derivações de sentenças simples.

the cleft sentence: *It is John who bought that book.* is translated by *Ano-hon-o kat-ta-no-wa John-da.*⁴¹ which in turn is considered to be derived from the characterizational reading of: *John-ga ano-hon-o kat-ta*⁴². Compare, further, sentences like *God is just.* and *It is God who is just.*⁴³

As construções de clivagem são, nessa perspectiva de Kuroda (1965), sentenças derivadas de construções simples que têm por finalidade gerar a interpretação do foco. Não é consenso, contudo, que as construções de clivagem sejam necessariamente derivadas de sentenças simples.⁴⁴

O fato de uma construção de clivagem ser uma sentença designada para focalizar levanta uma questão imediatamente: qual é o tipo de foco que as sentenças clivadas e pseudoclivadas veiculam. Trataremos dessas e demais diferenças entre clivadas e pseudoclivadas nas seções a seguir. Veremos também que a pura ordem dos constituintes não é suficiente para estabelecer o que é uma clivada e o que é uma pseudoclivada. Devem ser consideradas as propriedades

⁴⁰ Embora as versões das sentenças em inglês citadas pelo autor sejam de *it-clefts*, a menção é breve, então, não se sabe se o autor relaciona “*cleft sentences*” às ‘construções de clivagem’ ou às ‘sentenças clivadas’ de fato. Não raro, a literatura que não quer entrar no mérito de uma determinada construção do Japonês ser uma clivada ou uma pseudoclivada (tal como o autor faz aqui), utiliza, na versão da sentença traduzida para o inglês, as estruturas em *it-clefts* (que chamamos de *clivadas* nesta dissertação). Vale notar que a construção de clivagem em Japonês ilustrada pelo autor é daquela em que o foco não aparece marcado pelo seu caso gramatical (construção essa que chamamos de *pseudoclivada* nesta dissertação). Mais tarde, em Kuroda (1986), o autor denomina essas construções de “Postcyclically Transformed forms”.

⁴¹ c.f. *Ano-hon-o kat-ta -no-wa John-da.*
([Aquele-livro-ACC comprar-pass. C]-TÓP John CÓP.)
‘Foi John que comprou aquele livro.’ / ‘Quem comprou aquele livro foi John.’

⁴² c.f. *John-ga ano-hon-o kat-ta.*
(John-NOM aquele-livro-ACC comprar-pass.)
‘O João comprou aquele livro.’

⁴³ “a sentença clivada *It is John who bought that book.* é traduzido por *Ano-hon-o kat-ta-no-wa John-da.* que, por sua vez, é considerado por ser derivado de uma leitura caracterizacional de: *John-ga ano-hon-o kat-ta.* Compare-se, também, sentenças como *God is just.* e *It is God who is just*”. (p.75. Tradução minha.)

⁴⁴ Na clássica proposta de Akmajian (1970), por exemplo, a sentença clivada é derivada sintaticamente da sentença pseudoclivada.

semânticas e sintáticas da clivagem, tais como as propriedades do foco, a função temática, a conectividade sintática, dentre outras restrições.

3.3 AS SENTENÇAS CLIVADAS

Sendo a sentença clivada um dos tipos de construções que passaram pelo processo gramatical de focalizar um constituinte, o elemento escolhido para ser interpretado como foco (e somente ele) nessa sentença deve ocupar a posição sintática reservada para ele. Na sentença clivada do Português Brasileiro, essa posição é pós-cópular (como mostra (16a)) e, no Japonês, que é uma língua de núcleo final, é pré-cópular – isto é, a posição imediatamente anterior à cópula (como mostra (16b)).

(16) a. **Foi** [_F para a Camila] **que** eu dei uma flor.

b. [Watashi-ga hana-o age-ta-**no**]-wa [_F Camila-ni] **da**.

([Eu-NOM flor-ACC dar-pass-**C**]-TÓP [_F Camila-DAT]**CÓP**)

‘**Foi** [_F para a Camila] **que** eu dei uma flor.’

A sentença clivada do Português Brasileiro (como em (16a)), então, apresenta a sequência [Cópula + XP_(foco) + CP_(que+IP)]. No Japonês, por sua vez, a sequência que vemos em (16b) acima é [CP_(IP+no+wa) + XP_(foco) + Cópula], o que é esperado pela sua tipologia de núcleo final e da presença do morfema de tópico /-wa/ na oração encaixada – por ela se referir a uma informação pressuposta.

Mas para que uma construção seja uma sentença clivada, a simples sequência dos constituintes não é suficiente. Há sentenças, como (17) abaixo, que apresentam uma sequência semelhante a uma clivada, na qual aparecem os itens cópula é e o complementizador *que* ensanduichando um constituinte, mas que não são sentenças clivadas (o exemplo é de RESENES, 2009):

(17) É verdade que o funcionário do João passou no concurso.

No exemplo anterior apresentado em (16), as funções gramaticais do constituinte foco (XP) são estabelecidas dentro do IP encaixado e não na posição de foco. Isso é

confirmado pela preposição *para* do constituinte foco do Português Brasileiro e o morfema de posposição *l-ni/* do Japonês. Há uma categoria vazia (*ec*) que está dentro do IP, para o qual o verbo *dar* (e não a cópula) designa o papel semântico [*para a Camila*] / [*Camila-ni*]. O mesmo não ocorre em (17).

A sentença em (106) não forma uma sentença clivada porque, mesmo apresentando a sequência linear idêntica à de uma clivada, não há uma *ec* dentro do IP [*O funcionário do João passou no concurso*] à qual deveria ser atribuída a função do XP pós-copular “*verdade*”. Resenes (2009) fortalece o argumento de que o XP que sucede a cópula no Português Brasileiro é interpretado dentro do IP encaixado, valendo-se do exemplo que reproduzimos em (18) abaixo:

- (18) a. É [_F **sua** bolsa] que **cada** aluno tem que trazer.
- b. [**Kaku**-seito-ga motteko-nakerebanaranai-no]-wa [_F **sorezore**-no-nimotsu (-[?]o)] da.
 ([Cada-aluno-NOM trazer-te de-C]-TÓP [_F cada um-poss.-bolsa (-ACC)] CÓP.)
 ‘É [_F sua bolsa] que cada aluno tem que trazer.’

O XP foco de (18) contém um pronome (*sua*) interpretado como variável e, segundo Resenes, seu significado é obtido no escopo do quantificador *cada*. O mesmo é observável no Japonês, na versão traduzida em (18b)⁴⁵: a expressão *sorezore* (cada um), na qual é afixado o morfema pronominal (*no*), é interpretada sob o escopo do quantificador *Kaku* (cada) que aparece marcando o sujeito *seito* (aluno) internamente ao IP.

Uma vez expostas as versões traduzidas para o Japonês dos exemplos de uma sentença clivada e comprovado que a função gramatical do foco é estabelecida dentro do IP encaixado, chamamos a atenção para o que afirmamos anteriormente sobre a marca de caso do foco. No capítulo 2, vimos que o foco preserva sua marca de caso quando ele é realizado em sua posição *in-situ* ou em posição deslocada na periferia esquerda da sentença. Já na seção anterior deste capítulo afirmamos que,

⁴⁵ Essa construção pode ser considerada agramatical para alguns falantes. Mas, nesse caso, a agramaticalidade seria causada pela marca explícita do Caso acusativo do foco objeto.

em um processo de clivagem, o constituinte foco pode ou não manter sua marca de caso.

Na literatura que discute o assunto, tais como Hoji (1990)⁴⁶, Kizu (2005), Hiraiwa & Ishihara (2002, 2012), é postulado que a construção de clivagem cujo constituinte foco tiver sua marca de Caso realizado, é uma clivada; caso não tenha, é uma pseudoclivada. Embora essa concepção não seja consensual⁴⁷, seguiremos o raciocínio desses autores quanto à forma da sentença clivada do Japonês, pois o fato de a morfologia comprovar a sua função gramatical estabelecida pelo verbo parece ser um argumento forte⁴⁸.

Ainda com relação a essa observação da função gramatical do foco ser estabelecida dentro da sentença encaixada, Resenes (2009) explica, na esteira de Mito e Negrão (2007), que, na sintaxe, o lugar reservado para o constituinte foco na sentença clivada é uma posição A-barrado (não argumental).

A sentença clivada deve, então, atender ao Critério Temático e ao Princípio de Projeção. Abaixo, reproduzimos as sentenças clivadas, com a categoria vazia (*ec*) dentro do IP encaixado, que corresponde ao XP foco, como mostram (19a,b) e (20a,b):

(19) a. Foi [_F para a Camila]_i que [_{IP} eu dei a orquídea *ec*].

b. [[_{IP} Watashi-ga ran-o *ec* age-ta]-no]-wa [_F Camila-ni]_i da.
 ([[Eu-NOM orquídea-ACC *ec* dar-pass]-C]-TÓP [_F Camila-DAT]_i CÓP.)
 ‘Foi para a Camila que eu dei a orquídea.’

(20) a. É [_F sua bolsa]_i que [_{IP} cada aluno tem que trazer *ec*].

b. [[_{IP} **Kaku**-seito-ga *ec* motteko-nakerebanaranai]-no]-wa [_F **sorezore**-no-nimotsu-[?]o]_i da.

⁴⁶ *Apud.* Kizu (2005).

⁴⁷ Na verdade, há alguns autores (a exemplo de KOMAGATA, 1996) que consideram qualquer construção de clivagem (tanto as que têm o foco marcado pelo Caso quanto as que não têm) como ambíguas entre clivada e pseudoclivada. Além disso, há autores (a exemplo de KURODA, 1965) que assumem não se preocupar em adotar uma distinção para essas sentenças (na superfície, são muito parecidas). Eles se referem a essas construções como *cleft constructions* ou, ainda, como *cleft sentences*, adotando a tradução dos dados para o inglês na forma de *it-cleft* (sentença clivada). Mas não raro há uma nota mencionando que tal tradução não envolve uma análise específica de clivada.

⁴⁸ A literatura também apresenta como diagnósticos para essa distinção entre clivada e pseudoclivada no Japonês, fenômenos como *múltiplos focos*, *sensibilidade de ilha*, *substituição de NP* e *conversão nominativo-genitivo* (Cf. HIRAIWA & ISHIHARA, 2012), propriedades essas que deverão ser tratadas em estudos futuros.

(([[Cada-aluno-NOM *ec*, trazer-ter de]-C]-TÓP [_F cada um-poss.-bolsa-ACC]_i
CÓP.))

‘É sua bolsa que cada aluno tem que trazer.’

No exemplo em (19a,b), o constituinte foco é um PP que corresponde ao papel semântico de objeto do verbo *age-(ru)* (dar). Em (20a,b), por sua vez, o constituinte foco é um DP objeto do verbo *motteku-(ru)* (trazer). No primeiro, o foco do Japonês está marcado pelo morfema correspondente ao seu Caso gramatical (o dativo */-ni/*), embora, no segundo, o foco parece preferir a ausência da marca de Caso correspondente a sua função gramatical (acusativo */-o/*)⁴⁹.

Outras propriedades das sentenças clivadas (e pseudoclivadas) serão tratadas no item 3.5. Antes, trataremos dos usos apropriados da sentença clivada em termos de tipo de foco que essa sentença pode veicular e, em seguida, introduziremos as sentenças pseudoclivadas.

3.3.1 Função da Sentença Clivada

A literatura acerca da função das sentenças clivadas (KISS, 1998; BELLETTI 2008, entre outros) tem procurado estabelecer o tipo de foco que essas sentenças veiculam. Listamos rapidamente as descrições feitas a respeito do Português Brasileiro, para então analisar o que acontece com o Japonês.

Para Kiss (1998), o foco da clivada é necessariamente exaustivo, podendo ou não ser contrastivo, conforme a variação paramétrica das línguas quanto ao foco de identificação. Em outras palavras, a função da sentença clivada, nesse ponto de vista, é fazer uma identificação por exclusão (x e apenas x) 50.

Para Belletti (2008), Guessier (2007) e Quarezemin (2009; 2014), a clivada que tem como foco um sujeito pode ser tanto um foco contrastivo quanto um simples foco de informação, ao contrário de quando o foco é um objeto que só pode ser foco contrastivo no Português Brasileiro. Para fazer essa observação sobre o Português Brasileiro, Belletti considera dados da língua que manifestam comportamento semelhante às línguas de sujeito não-nulo, através do *pro* expletivo.

⁴⁹ A sentença em (109) é estranhado por muitos falantes do Japonês. Nessa língua as construções de clivagem com foco objeto e, principalmente, foco sujeito marcados morfologicamente pelo seu Caso gramatical (acusativo e nominativo, respectivamente) são consideradas inaceitáveis.

⁵⁰ *Apud* Resenes (2009).

Já Mioto & Negrão (2007) defendem que a sentença clivada tem como função veicular foco contrastivo ou de identificação, mas não foco de informação. Para eles, o elemento clivado está sempre associado à interpretação contrastiva/exaustiva.

Reproduzimos em (21) e (22) abaixo os exemplos que ilustram a (im)possibilidade de uma sentença clivada responder a uma pergunta Wh – contexto esse que gera somente foco de informação, como vimos no capítulo 2.

- (21) a. Quem comprou as flores?
b. Foi [F a Maria] que comprou as flores.

(QUAREZEMIN, 2014)

- (22) a. O que o menino comeu?
b.*Foi o bolo que o menino comeu.

(MIOTO & NEGRÃO, 2007)

Os dados acima confirmam a afirmação de Belletti (2008) de que, no Português Brasileiro, uma sentença clivada com foco sujeito responde a uma pergunta wh e, portanto, veicula um foco de informação, mas a clivada com foco objeto não.

Os dados do Japonês, por sua vez, parecem não contribuir para essa específica discussão. Se tomarmos como verdade que para ser uma sentença clivada o foco marcado por Caso, a assimetria entre sujeito e objeto observadas na clivada do Português Brasileiro não é verificada no Japonês. Construções com sujeito e objeto marcadas pelo morfema de caso são agramaticais no Japonês, tanto em contextos de pergunta-resposta (foco de informação), quanto em contextos de correção ou reafirmação da informação prévia (foco contrastivo ou exaustivo), como sugerem os três tipos de contextos em (23) e (25) e as respectivas respostas em (24) e (26):

- (23) a. Quem comprou as flores?
b. Disseram que foi a Joana que comprou as flores.
c. Foi a Maria que comprou as flores?

- (24) *[Hana-o ka-tta –no]-wa [F Maria-ga] da.
([Flor-ACC comprar-pass C]-TÓP [F Maria-NOM] CÓP.)
'Foi [F a Maria] que comprou as flores.'

- (25) a. O que o menino comeu?
 b. Disseram que o menino comeu as frutas.
 c. Foi o bolo que o menino comeu?
- (26) *[Bouya-ga tabeta no]-wa [_F keeki-o] da.
 (Menino-NOM comeu C)-TÓP [_F bolo-ACC] CÓP.
 ‘Foi [_F o bolo] que o menino comeu.’

O constituinte foco clivado em (24) é um sujeito marcado pelo nominativo /-ga/ e em (26) é um objeto marcado pelo caso acusativo /-o/. Para qualquer um dos contextos introduzidos em (23) e (25), a marca de caso do foco das construções de clivagem tornam as sentenças em (24) e (26) agramaticais⁵¹.

Apesar dos dados do Japonês não mostrarem a assimetria entre sujeito e objeto clivados (por serem ambos agramaticais), retomamos o exemplo mencionado na seção anterior e mostramos, através do Japonês, que a construção da clivada com o segundo argumento do verbo como foco é gramatical. A sentença clivada com esse foco, reproduzida em (28) abaixo, responde a qualquer um dos contextos fornecidos em (27):

- (27) a. Para quem você deu a orquídea?
 b. Disseram que você deu a orquídea para a Maria.
 c. Foi para a Camila que você deu a orquídea?
- (28) [Watashi-ga ran-o age-ta-no]-wa [_F Camila-ni] da.
 ([Eu-NOM orquídea-ACC dar-pass-C]-TÓP [_F Camila-DAT]CÓP)

⁵¹ Os motivos que levam à agramaticalidade dessas sentenças em que o sujeito e o objeto têm suas marcas de caso realizados, ao contrário da maioria dos adjuntos, deverão ser investigados em trabalhos futuros, verificando se há algum Caso *default* em Japonês. Hiraiwa & Ishihara (2002, 2012) fornece um exemplo em que o objeto pode aparecer com Caso marcado, mas somente se acompanhado por um predicado:

- i) [Naoya-ga tabe-ta -no]-wa [_F ringo-o mittsu] da.
 (Cleft)
 ([Naoya-NOM comer-pass C]-TÓP [_F maçã-ACC-três unidades] CÓP.)
 ‘Foram [_F três maçãs] que o Naoya comeu.’
- ii) [Naoya-ga tabe-ta -no]-wa [_F ringo mittsu] da.
 (Pseudocleft)
 ([Naoya-NOM comer-pass C]-TÓP [_F maçã-três unidades] CÓP.)
 ‘O que Naoya comeu foram [_F três maçãs].’

‘Foi [_F para a Camila] que eu dei a orquídea.’

Tanto no Português Brasileiro quanto no Japonês, o XP foco [*para a Camila*] / [*Camila-ni*] é interpretado como foco de informação⁵² se responde a (27a), como foco contrastivo se corrige (27b) ou, ainda, como foco de identificação se responde a (27c).

3.4 AS SENTENÇAS PSEUDOCLIVADAS

A sentença pseudoclivada, assim como as clivadas, são sentenças complexas designadas para focalizar constituintes via processo sintático. No Português Brasileiro, os elementos que auxiliam nessa construção sintática são diferentes das clivadas, assim como a sequência dos constituintes. Já o Japonês parece ter sua versão pseudoclivada semelhante à da clivada. A sentença em (29a) mostra uma construção pseudoclivada do Português Brasileiro e, em (29b), do Japonês:

- (29) a. [Quem_i comeu o chocolate] foi [_F a Maria]_i.
 b. [Chokoreeto-o tabe-ta no]_i-wa [_F Maria]_i da.
 ([Chocolate-ACC comer-pass. NML]-TÓP Maria CÓP.)
 ‘Quem comeu o chocolate foi a Maria.’

Conforme mencionamos na descrição das clivadas, grande parte da literatura – tais como Hoji (1990)⁵³, Kizu (2005), Endo (2007), Hiraiwa & Ishihara (2002, 2012)) – considera que a sentença pseudoclivada no Japonês é uma construção de clivagem no qual o constituinte foco aparece sem sua marca de caso realizado.

No Português Brasileiro, então, a pseudoclivada apresenta a sequência [CP_(wh...) + Cópula + XP_(foco)]. E, no Japonês, a sequência que vemos em (29b) acima é [CP_(IP+no+wa) + NP_(foco) + Cópula]. Como se nota, a sequência da sentença pseudoclivada do Japonês é idêntica à que apresentamos nas clivadas. Para ilustrar

⁵² Em Japonês, a interpretação do foco nessa construção clivada com objeto indireto carrega um traço [+exaustivo] podendo, assim, ser foco de identificação ou foco contrastivo.

⁵³ *Apud.* Kizu (2005).

a diferença entre essas construções a literatura adota para o foco das pseudoclivadas do Japonês, a categoria NP e não XP.

Da mesma forma que as sentenças clivadas, a pura ordem dos constituintes não é suficiente para estabelecer o que é uma pseudoclivada. A literatura sobre o assunto no Português Brasileiro vem apresentando muitas discussões sobre essas propriedades, das quais vamos discutir algumas que são relevantes para estudar as pseudoclivadas do Japonês.

3.4.1 Função da Sentença Pseudoclivada

É largamente conhecido na literatura que a função das sentenças pseudoclivadas é veicular todos os tipos de foco em termos de interpretação: o foco contrastivo, o foco de informação e o foco de identificação, como mostram os dados em (31) e (33), contextualizados respectivamente em (30a,b,c) e (32a,b,c) abaixo:

- (30) a. Quem comprou as flores?
 b. Disseram que foi a Joana que comprou as flores.
 c. Foi a Maria que comprou as flores?
- (31) [Hana-o ka-tta –no]-wa [_F Maria] da.
 ([Flor-ACC comprar-pass C]-TÓP [_F Maria] CÓP.)
 ‘Quem comprou as flores foi [_F a Maria].’
- (32) a. O que o menino comeu?
 b. Disseram que o menino comeu as frutas.
 c. Foi o bolo que o menino comeu?
- (33) [Bouya-ga tabeta no]-wa [_F keeki] da.
 ([Menino-NOM comeu C]-TÓP [_F bolo] CÓP.)
 ‘O que o menino comeu foi [_F um bolo].’

Os contextos exemplificados em (30a,b,c) e (32a,b,c) comprovam o tipo de foco que as pseudoclivadas podem veicular. Se uma pseudoclivada responde a uma pergunta wh como (30a) ou (32a), o foco da resposta é um foco de informação. Se a

pseudoclivada introduzir um novo valor à informação anterior (como ocorre em contexto como (30b) e (32b)), o seu foco é um foco contrastivo. E, por fim, se uma pseudoclivada veicular uma informação apenas exaustiva, respondendo a contextos como (30c) ou (32c), o foco é identificacional.

Além disso, as sentenças em (31) e (33) mostram que tanto sujeito quanto objeto podem formar uma pseudoclivada no Japonês (tal como no Português Brasileiro), diferentemente da assimetria/agramaticalidade que ocorre com as sentenças clivadas.

Além do sujeito e do objeto, o objeto indireto e os adjuntos também formam uma pseudoclivada nessa língua, nas três funções aqui mencionadas: foco de informação, foco contrastivo e foco de identificação:

- (34) [Watashi-ga a-tta no]-wa Tanaka-san da.
 ([Eu-NOM encontrei C/pessoa]-TÓP Tanaka-Sr. CÓP.)
 ‘Quem eu encontrei foi o Sr. Tanaka.’
- (35) [Joan-ga hana-o age-ta no]-wa Tanaka-san da.
 ([João-NOM flor-ACC dar-pass C/pessoa]-TÓP Tanaka-tratam. CÓP.)
 ‘(Para) quem o João deu a flor foi para a Sra. Tanaka.’
- (36) [Watashi-ga Miwa-ni a-tta no]-wa san-ji da.
 ([Eu-NOM Miwa-GEN encontrar-pass C/tempo]- TÓP três-horas CÓP.)
 ‘Quando eu encontrei a Miwa foi (às) três horas.’
- (37) [Watashi-ga Miwa-ni a-tta no]-wa Kyoto da.
 ([Eu-NOM Miwa-GEN encontrar-pass C/lugar]-TÓP Kyoto CÓP.)
 ‘Onde eu encontrei a Miwa foi (em) Kyoto.’

Os dados acima mostram que uma pseudoclivada também pode ter como foco objeto indireto ou adjunto, sem marca de Caso gramatical. Em (34), o foco *Tanaka-san* (Sr. Tanaka) atribui um valor para a variável interpretada como objeto indireto do verbo *a-tta* (encontr-ou). Em (35) o mesmo foco atribui um valor para a variável interpretada como argumento beneficiário do verbo *age-ta* (d-eu). Em (36), *san-ji* (três horas) atribui um valor para a variável interpretada como adjunto que

caracteriza tempo, da mesma forma que em (37), na qual *Kyoto* atribui um valor para a variável interpretada como adjunto que caracteriza lugar.

Cabe ressaltar, contudo, que, nas situações em que a pseudoclivada responde a uma pergunta *wh*, a presença da cópula */-da/* causa incômodo para alguns falantes. Segundo eles, essa cópula parece carregar algum traço de exaustividade. Isso sugere a necessidade de estudos acurados sobre a cópula */-da/* e suas variantes */-de-arul/*, */-desul/* em estudos futuros.

3.4.2 Ambiguidade da Construção Pseudoclivada

Akmajian (1970) mostrou que uma sequência de construção pseudoclivada pode ter duas interpretações: as leituras predicacional e especificacional. Como indicam os índices subscritos nos exemplos em (38a) e (38b) abaixo, o XP pós-copular pode predicar sobre toda a oração *wh* inicial ou apenas sobre o sujeito dessa oração.

- (38) a. [O que o João é]_i é importante_i. = *Predicacional*
 b. O que o João_i é é importante_i. = *Especificacional*

Quando o XP pós-copular predica sobre toda a oração *wh*, a interpretação é predicacional: o João é alguma coisa e ser essa coisa é importante. Neste caso, *importante* predica sobre um argumento que é a relativa livre. Quando o foco predica sobre o *João*, e não sobre toda a oração encaixada, a leitura é especificacional. Ou seja, enquanto em (38a) o adjetivo *importante* é um atributo daquilo que o João é, em (38b), o mesmo adjetivo é um atributo do João.

Tendo como base os estudos de Akmajian (1970) e Higgins (1973) sobre essa ambiguidade das pseudoclivadas, Mito & Negrão (2007), Resenes (2009), entre outros, apontam uma série de propriedades do Português Brasileiro que contribuem para desfazer essa ambiguidade. Essas estratégias estão relacionadas à função temática do foco, conectividade sintática, uso de advérbios, harmonia temporal e verbos de alçamento. Destas, destacamos algumas para descrever como se configuram as pseudoclivadas no Japonês.

Mito & Negrão (2007) mostram que a concordância de gênero do adjetivo desambigüiza uma seqüência que seria ambígua no Português Brasileiro:

- (39) a. O que a Maria é é escandalosa. = *Especificacional*
 b. O que a Maria é é escandaloso. = *Predicacional*

A sentença (39a) só pode ser interpretada como especificacional, pelo fato de o adjetivo concordar com *a Maria*; e a sentença (39b) só pode ser predicacional, pelo fato de o adjetivo concordar com a relativa livre [RL *o que a Maria é*].

No Japonês, essa estratégia não seria verificada, pois trata-se de uma língua que não tem marcas morfológicas de gênero e número para esta concordância. Esse parâmetro, então, não possibilita a verificação de concordância entre cópula e foco, nem entre o foco e o sujeito⁵⁴ da sentença, como o que foi proposto por Mito e Negrão (2007) para o Português Brasileiro.

Além disso, sequências de construções copulares de clivagem como (38) ou (39) no Japonês geram sentenças agramaticais, como mostram (40a,b):

- (40) a. *[Maria-ga –da no]-wa [F kenkouteki] da.
 ([Mania-NOM –CÓP C]-TÓP [F saudável] CÓP.)
 ‘O que a Maria é é saudável’
- b. *[Maria-ga –da no]-wa [F daiji] da.
 ([Mania-NOM –CÓP C]-TÓP [F importante] CÓP.)
 ‘O que a Maria é é importante.’

Diversas restrições da cópula do Japonês, que não sabemos afirmar o que as motivam, parecem estar envolvidas tornando as sentenças em (40a,b) agramaticais. Por ora, afirmamos apenas que a agramaticalidade das construções ilustradas acima já ocorre dentro da oração encaixada e há pelo menos duas restrições não atendidas: i) a posição anterior à cópula deve ser preenchida por um NP predicado (sem marca de Caso gramatical); ii) para que a cópula possa ser seguida pelo

⁵⁴ Entretanto, há um exemplo de sentença clivada de Resenes (2009), já apresentado na seção das clivadas, que é aplicável no Japonês – não somente na versão clivada mas também na versão pseudoclivada (sem marca de caso gramatical do foco). Nele, nota-se a concordância entre o foco e o sujeito, através da inserção pronominal nos respectivos constituintes:

[[_{IP} **Kaku**-seito-ga *ec*; motteko-nakerebanaranai]-no]-wa [F **sorezore**-no-nimotsu]_i] da.
 ([Cada-aluno-NOM *ec*; trazer-ter de- C]-TÓP [F cada um-poss.-bolsa]_i CÓP.)
 ‘O que cada aluno tem que trazer é a sua bolsa.’

complementizador/nominalizador */-no/*, ela não deve estar na forma *default /-da/*, como aparece no exemplo em (40), mas no tempo passado */-datta/* – como mostram (41) e (127) abaixo.

- (41) [Kenkouteki-*da/da-tta no/hito]-wa [Maria]-da.
 ([saudável-*ser-*default*/ser-pass. C/pessoa]-TÓP [Maria] CÓP.)
 ‘Quem era saudável é a Maria.’
- (42) [Daiji-*da/da-tta no/hito]-wa [Maria]-da.
 ([importante-*ser-*default*/ser-pass C/pessoa]-TÓP [Maria] CÓP.)
 ‘Quem era importante é a Maria.’

Nas sentenças em (41) e (42) acima, o predicado da oração matriz é um NP, um sujeito semântico da sentença. Somente nesses casos e, ao mesmo tempo, nos casos em que a cópula da oração encaixada está no passado, é que parece ser possível uma construção pseudoclivada com oração encaixada copular. Já se o constituinte que aparece na posição de predicado da oração matriz for um AP, como em (43), essas construções terão a interpretação de simples predicação (portanto, sem clivagem) pois, nesse contexto, o elemento */-no/* deve ser interpretado como um mero nominalizador.

- (43) [Maria-ga kyouikusha-da-tta no/koto]-wa [daiji]-da.
 ([Maria-NOM educador-ser-pass. NML/fato]-TÓP [importante] CÓP.)
 ‘O fato de a Maria ter sido uma educadora é importante.’

A posição pós-cópula internamente à oração encaixada que é ocupada por uma expressão */-no/* em (43) tem, como na maioria das vezes, interpretação de nominalizador, mas não complementizador⁵⁵. Essas e outras propriedades da cópula */-da/* e de suas variantes⁵⁶ deverão ser tratadas em trabalhos futuros. Elas

⁵⁵ Para ambiguidade da expressão */-no/*, ver seção 3.5.1 deste capítulo.

⁵⁶ A cópula pode ser de pelo menos três formas no Japonês: */-da/*, */-de-arul/*, */-desul/*, utilizadas de acordo com o nível de linguagem em termos de formalidade (hierarquia social), tanto em língua oral quanto escrita. A partir delas seriam derivadas a forma da cópula no tempo passado: */-da-ttal/*, */-de-a-ttal/*, */-de-shital/*, respectivamente. Essas formas da cópula do Japonês merecem ser estudadas em pesquisas futuras pois elas nem sempre se comportam de modo uniforme. Cabe ressaltar que a cópula *da* que tratamos nesta dissertação costuma ser considerada como a cópula informal de *desu*

podem envolver questões sintáticas e discursivas diferentes⁵⁷ da cópula do Português Brasileiro.

Akmajian (1970a,b) e Higgins (1979), para os dados do inglês, e, Kato & Mito (2009) e Resenes (2009), para os dados do Português Brasileiro, demonstram a relevância da harmonia temporal entre a cópula e o verbo para se obter uma pseudoclivada de interpretação especificacional. Reproduímos os dados dos autores em (44a-d) abaixo:

- (44) a. O que a Maria é foi escandaloso. = *Predicacional*
 b. O que a Maria é é escandaloso.
- c. *O que a Maria é foi escandalosa = *Especificacional*
 d. O que a Maria é é escandalosa.

Os dados em (44a-d) mostram que, no caso do Português Brasileiro, a concordância temporal entre a cópula e o verbo da oração encaixada é facultativa na interpretação predicacional e obrigatória nas especificacionais, como indicam os dados (44a,b) e (44c,d) respectivamente.

Ao aplicar esse teste no Japonês, com verbo não-copular na oração encaixada, como mostramos em (45a,b) abaixo, as construções de clivagem do Japonês também preferirem a harmonia temporal entre a cópula e o verbo:

(i.e., uma cópula variante de *da*). No entanto, no julgamento desses falantes (no qual me incluo) *da* tem um caráter mais assertivo do que *desu*. Além disso, há construções de predicação em que um é agramatical e outro não:

a) *John-wa/ga kashikoi (*da)*. = ‘O João é esperto’

b) *John-wa/ga kashikoi desu*. = ‘O João é esperto’

⁵⁷ Komagata (1996) arrola argumentos semânticos para defender que nem todas as construções “XP-wa/ga XP-da” são copulares. Por exemplo, as sentenças (a) e (b) abaixo parecem não se tratar do mesmo tipo de construção:

a. Ken –wa/ga [_{NP} gorufaa]-da.

Ken – TOP/-NOM golfista -COP.

‘O Ken é um golfista’

b. Ken –wa/ga [_{AdjP} kuuru-da].

Ken – TOP/-NOM legal.

‘O Ken é legal.’

(a) é uma sentença copular. Mas, para o autor, (b) não é. Ele não considera que *kuuru* (legal) de (b) seja um NP livre como *gorufaa* (golfista). Komagata afirma que a construção de adjetivo final no Japonês é usado para apresentar um sentido predicativo. Os adjetivos predicativos do JP são como verbos de um lugar, como em *Ken-wa/-ga aruku* (O Ken caminha).

Talvez isso ajude a justificar a agramaticalidade que encontramos em uma construção como (c) abaixo:

c. *John-wa/-ga [_{AdjP} kashikoi]-(*da)*

(John-TOP/-NOM [_{AdjP} esperto]-COP.

‘O John é esperto’

- (45) a. [Keeki-o tabe-ru no]-wa [_F Maria] da-tta. = *Predicacional*
 ([Bolo-ACC comer-*default* C]-TÓP [Maria] CÓP-pass.)
 ‘Quem come o boloera a Maria!’
- b. [Keeki-o tabe-ru no]-wa [_F Maria] da. = *Especificacional*
 ([Bolo-ACC comer-*default* C]-TÓP [Maria] CÓP.)
 ‘Quem come o bolo é a Maria’

Em (45a,b), o verbo da oração encaixada está na forma *default*. Quando a cópula está no passado, */-da-tta/*, como em (45a), a interpretação da sentença é predicacional. Já quando a cópula está em sua forma *default*, */-da/*, como em (45b) e, portanto, em harmonia com o tempo do verbo, a sentença é uma pseudoclivada especificacional. A cópula */-da/* parece ressaltar a interpretação de exaustividade da sentença⁵⁸.

Seguindo Resenes (2009), consideramos que somente a leitura especificacional dessas construções, como (44c,d) do Português Brasileiro e (45b) no Japonês, é uma sentença pseudoclivada genuína, uma vez que a clivagem é uma construção complexa que tem como função destacar sintaticamente um foco, isto é, atribuir um valor a uma variável, identificá-la. Nessa perspectiva, a leitura predicacional, como (44a,b) e (45a), forma uma sentença copular simples cuja função é apenas de predicação (se predica sobre algo, sem identificar o que é esse algo) – o que não condiz com o papel das construções de clivagem.

De acordo com Akmajian (1970), para que uma sentença tenha a interpretação especificacional, o elemento escolhido para ser o foco na construção de clivagem deve especificar um valor para a variável que compõe a oração encaixada.

The essential feature that distinguishes pseudo-cleft sentences from other copula constructions is that the initial clause of the pseudo-cleft contains what is essentially a semantic variable, a semantic ‘gap’ which must be ‘filled’ or specified by the focus item. In this respect, pseudo-cleft sentences are related to WH questions and their answers, which also enter into a relation of specification. [...] The focus item must specify a value for the variable of the clause, and it thus follows that the focus item

⁵⁸ Julgamentos de falantes do Japonês.

must belong to the appropriate semantic class, i.e., the class represented by the variable.⁵⁹

Em adição a essa definição de Akmajian (1970a), Resenes (2009) defende que a relação entre a variável e o valor especificado para ela (foco) deve ser também de congruência categorial.

Com essas observações, excluiremos a sentença como (46) abaixo da classificação das construções de clivagem do Japonês, embora apresente a sequência idêntica dos constituintes de uma (pseudo)clivada⁶⁰:

- (46) [Maria-ga ka-tta no]-wa kirei da.
 ([Maria-NOM comprar-pass NML]-TÓP bonito CÓP.)
 ‘O que a Maria comprou é bonito.’

Se a sentença (46) acima fosse uma (pseudo)clivada, haveria uma categoria vazia, interna à oração inicial, que seria preenchida semanticamente pelo constituinte foco. Não é o que ocorre, pois o constituinte foco *kirei* (bonito) não tem uma *ec* correspondente a ele dentro do IP encaixado, mas predica toda a oração encaixada. Além disso, ocorre uma violação do critério temático: o verbo *ka(tta)* (comprar) dita o papel semântico dos seus argumentos – e, no caso dessa sentença, a *ec* interna ao IP (que corresponderia ao XP foco) recebe o papel de objeto do verbo; entretanto, o constituinte realizado na suposta posição de foco, que deveria ser semanticamente correspondente à *ec*, é um adjetivo (*kirei* / bonito).

Assim, a sentença (46) acima, embora tenha a mesma sequência linear de uma sentença pseudoclivada, não pode ser interpretada como tal. Contudo, ela é gramatical. Isso porque a oração inicial dessa sentença é interpretada como oração relativa cujo núcleo é um nominalizador */-no/*⁶¹ que é necessariamente interpretado

⁵⁹ “O traço essencial que distingue sentenças pseudoclivadas de outras construções copulares é que a oração inicial da pseudoclivada contém o que é essencialmente uma variável semântica, um ‘gap’ semântico que deve ser ‘preenchido’ ou especificado pelo item focal. Nesse sentido, as sentenças pseudoclivadas estão relacionadas a perguntas *wh* e suas respostas, que também entram na relação de especificação. [...] O item foco deve especificar um valor para a variável da oração, e portanto resulta que o item foco deve pertencer para a classe semântica apropriada, i.e., a classe representada pela variável.” (p.19. Tradução minha.)

⁶⁰ Os adjetivos no Japonês não têm morfema de função gramatical, salvo a terminação em */-i/* da forma *default* dos adjetivos considerados genuínos.

⁶¹ Neste exemplo, a expressão */-no/* pode ser substituído por *mono* (coisa; a coisa que), sem alterar o valor de verdade da sentença. Outras propriedades dessa expressão serão apresentadas em uma seção 3.5.1.

como *mono* (coisa / a coisa que). Essa sentença é, então, uma simples sentença de predicação e não uma construção de clivagem.

Ainda sobre a ambiguidade, Higgins (1973) postulou que quando o foco das pseudoclivadas é um DP, há uma ambiguidade causada pelo DP indefinido. No caso do Japonês, além da ambiguidade da expressão /-no/ descrita acima, os NPs também são ambíguos em termos de definitude: o Japonês não possui artigo (in)definido.

(47) a. O que eu estou vendo é um canguru.

b. [Watashi-ga mite-iru no]-wa [kangaruu] da.

([Eu –NOM ver-estar C/NML]-TÓP [canguru] CÓP.)

'[O que eu estou vendo] é [(um) canguru]'

As sentenças acima em Português Brasileiro e Japonês apresentam, cada qual, duas possíveis interpretações. Uma delas é 'Eu estou vendo um canguru' (interpretação especificacional) e, a outra é 'O que quer que seja o que eu estou vendo, isso é igual a um canguru' ou ainda 'Aquilo é um canguru' (interpretação predicacional). Em Japonês, a versão predicacional tem a expressão /-no/ entendida como pronome relativo *mono* (a coisa/ a coisa que).

Outra questão bastante discutida na literatura é a observação do efeito conhecido como conectividade sintática, que está relacionada à noção de c-comando e, portanto, da teoria da vinculação: a anáfora deve ser c-comandada pelo seu antecedente em um domínio de vinculação, ao contrário do pronome, que não pode ser vinculado no mesmo domínio.

Maria, em (48), liga a anáfora *si mesma* e, em (49) liga o pronome *dela*.

- (48) a. *O que a Maria é é indigno de si mesma_i. = *Predicacional*
 b. O que a Maria_i é é indigna de si mesma_i. = *Especificacional*
- (49) a. O que a Maria_i é é indigno dela_i. = *Predicacional*
 b. *O que a Maria_i é é indigna dela_i. = *Especificacional*

um foco de informação como resposta), ou de uma afirmação prévia que necessite de uma correção ou confirmação exaustiva (nesse caso a clivada terá um foco contrastivo ou um foco de identificação, respectivamente). Mostramos que, nas sentenças clivadas, há algumas restrições de gramaticalidade quanto ao tipo e categoria do foco (mais especificamente a categoria de sujeito e objeto, interpretados como foco de informação, em uma sentença clivada), dependendo da língua.

Para unificar a discussão em torno do CP das clivadas e pseudoclivadas, observamos um dado gramatical, cujo foco é um objeto não-acusativo. Para qualquer uma das possíveis interpretações do tipo de foco da construção de clivagem em (52) abaixo, a sentença pressupõe, no mínimo, que *há um x, tal que eu encontrei com x*. – pressuposição essa que é sugerida pelos contextos em (51a,b,c) e que, na resposta em (52), aparece na oração encaixada da construção de clivagem:

- (51) a. Com quem você encontrou?
 b. Disseram que você encontrou com a Maria.
 c. Foi com a Camila que você encontrou?
- (52) [Watashi-ga a-tta -no]-wa [_F Camila-(ni)] da.
 ([Eu-NOM encontrar-pass- C]-TÓP [_F Camila-(GEN)] CÓP.)
 ‘Foi [_F (com) a Camila] que eu encontrei.’

A oração encaixada que contém a informação pressuposta na sentença clivada ou pseudoclivada em (52) é um CP que, no Japonês, é marcado morfologicamente pelo morfema /-wa/. Essa morfologia também sugere que a oração relacionada seja interpretada como tópico sentencial. Como discutiremos no capítulo 1, todo sintagma que é tópico, seja de interpretação contrastiva ou não, é marcado por /-wa/ no Japonês.

Kuroda (1965) já mencionava que, no Japonês, há uma regra de afixação-wa (*wa-Attachment rule*) à qual a oração encaixada da construção de clivagem se submete:

Various constituents can be brought to the primary position in so-called cleft sentences, and one might then assume that the cleft sentence transformation corresponds to the wa-Attachment rule. However, it seems that the cleft sentence expresses a characterizational judgement rather than a predicational one.⁶²

Vemos que essa afixação do morfema /-wa/ que ocorre na oração encaixada da construção de clivagem veicula um tipo de tópico específico. Trata-se do tópico temático, uma vez que o predicado da sentença clivada ou pseudoclivada, que abriga sempre um foco, fala sobre esse tópico.

Do ponto de vista sintático, Hoji (1990)⁶³ defende que a oração encaixada da construção de clivagem do Japonês é um CP gerado na base, isto é, em *spec-TopP*. O autor toma como base a proposta de Kuno (1973) sobre a condição de *aboutness* (que licencia o morfema /-wa/ e a interpretação de tópico) para defender a favor do tópico gerado na base.

Já Kizu (2005), trata da construção de clivagem do Japonês e defende que esse CP-tópico, assim como qualquer topicalização no Japonês, envolve movimento. Na verdade, trata-se de um tipo de topicalização em que há um movimento de operador nulo dentro do constituinte tópico – esse constituinte, por sua vez, é gerado em *Spec de TopP*. Com esse movimento, Kizu (2005) justifica que não ocorre a violação de restrição de ilha na topicalização. Nas construções de clivagem, então, um operador nulo se move de dentro do IP para uma posição mais alta dentro do CP que ocupa a posição de tópico. A autora se baseia em Sakai (1994) para defender que a violação de restrição de ilha na topicalização é apenas aparente e que o mesmo ocorre com a oração encaixada das construções clivadas.

Para Kizu, que parece não assumir a diferença entre o que nesta dissertação chamamos de clivadas e pseudoclivadas, há um paralelismo em termos de efeito ilha em três tipos de construção: topicalização, clivagem e oração relativa de núcleo externo.

(53) a. Gengogaku-ga hakaseronbun-ga taihen da. = *múltiplos nominativos*
(Linguística-NOM dissertação-mestrado-NOM custoso CÓP)

⁶² “Vários constituintes podem ser trazidos para a primeira posição nas assim-chamadas sentenças clivadas, e poderíamos, então, assumir que a transformação da sentença clivada corresponde à regra de Afixação-wa. Entretanto, parece que a sentença clivada expressa um julgamento caracterizacional do que um julgamento predicacional.” (p.75. Tradução minha.)

⁶³ *Apud.* Kizu (2005).

‘(Escrever) uma dissertação em Linguística é difícil.’

b. Gengogaku-wa hakaseronbun-ga taihen da. = *Topicalization*

(Linguística-TÓP dissertação-mestrado-NOM custoso CÓP)

‘Quanto à Linguística, (escrever) uma dissertação é difícil.’

c. [Hakase-ronbun-ga taihenna no]-wa gengogaku da. = “*Cleft*”⁶⁴

(Dissertação-de-mestrado-NOM custoso C-TÓP Linguística CÓP)

‘É (em) Linguística que (escrever) uma dissertação é difícil.’

d. [Hakaseronbun-ga taihen-na] gengogaku da. = “*HERC*”⁶⁵

(Dissertação-de-mestrado-NOM custoso-COP Linguística)

‘A Linguística que a dissertação de mestrado é difícil’

(KIZU 2005:28)

A partir de uma construção de múltiplos nominativos em (53a), Kizu afirma que é possível topicalizar o primeiro constituinte *gengogaku-ga* (linguística-NOM) em diversos tipos de construção, sem alterar o valor de verdade da sentença, como mostram (53b), (53c) e (53d). Contudo, o mesmo não ocorre com o segundo constituinte *hakaseronbun-ga* (dissertação de mestrado-NOM): nenhuma das construções que topicalizar esse constituinte serão bem formadas. Mesmo que o julgamento de agramaticalidade dessas construções não seja unânime entre os falantes, Kizu sugere que essa semelhança de propriedades sintáticas existente entre as diferentes construções corrobora com a análise de topicalização nas construções de clivagem.

Para Kizu (2005), então, o CP-tópico das “clivadas” (sentenças que apresentam o foco marcado por Caso) apresenta a seguinte configuração:

⁶⁴ A versão traduzida para o inglês por Kizu (2005) é ‘*It is linguistics where (writing) a dissertation is hard*’. Contudo, vale ressaltar que em sua obra, a autora assume como clivada (*it cleft*) do Japonês somente a sentença em que o foco é marcado por Caso (p.26) e não faz menção às pseudoclivadas. Aqui, no entanto, o exemplo em que o foco não tem sua marcação de nominativo /-ga/ é traduzido para o inglês na versão de uma sentença clivada (p.28), o que dá a entender que a autora considera qualquer das construções (com ou sem Caso marcando o foco) como clivada. Em nota para esses e outros dados, Kizu afirma que não é sua preocupação questionar a (a)gramaticalidade das sentenças decorrentes da presença ou não da marca de caso do XP-foco nos seus exemplos. A autora, contudo, assume como “degradadas” as sentenças em que o XP foco é marcado pelo nominativo /-ga/ ou acusativo /-o/. (p.212)

⁶⁵ Na visão de Kizu (2005), construções clivadas e HERC (oração relativa de núcleo externo) compartilham a mesma propriedade sintática da topicalização, isto é, o operador nulo nas orações pressupostas e relativas contém uma propriedade idêntica de um sintagma tópico.

(54) [_{CP} Op_i [_{IP} ...*t*_i...] no]]-wa NP_i-(CASE) da.

Na configuração da clivagem de Kizu (2005) em (54) acima, o CP-tópico envolve um movimento da categoria vazia interna ao IP (um operador nulo) que vai para a posição de Spec desse CP.

Em contrapartida, Hiraiwa & Ishihara (2012) sugerem que no Japonês, o CP das construções de clivagem⁶⁶ é movido para a posição de Spec de TopP, via *remnant topicalization* (*remnant* porque o XP-foco se move previamente para *spec-FocP*, cujo núcleo do foco é a cópula */-da/*). Assim, o *nominalized FinP* é topicalizado para *spec-TopP* e acrescido do marcador de tópico */-wa/*.

3.5.1 A Expressão */-no/* das Clivadas e Pseudoclivadas

Tendo apresentado as propostas da literatura sobre o CP das clivadas como tópico, trataremos agora do elemento núcleo desse CP: o que conhecemos como complementizador. No Português Brasileiro, é consenso que o complementizador do CP das clivadas é realizado pelo elemento *que*, que ocupa o núcleo do CP. Na literatura do Japonês, esse elemento está normalmente relacionado ao chamado *nominalized FinP*.

Kuroda (1976, 1999) atribui ao elemento */-no/* a terminologia *nominalizing complementizer* e afirma que esse elemento introduz orações relativas. Atualmente, na literatura sobre as construções de clivagem e de relativas do Japonês, é comumente assumido que a expressão */-no/* se posiciona como núcleo Fin (núcleo mais baixo de CP) pois é um elemento que introduz uma proposição finita (cf. HIRAIWA e ISHIHARA 2012, SAITO 2012).

Kizu (2005), inclusive, considera que o CP das construções clivadas do Japonês é semelhante a uma relativa de núcleo externo (HERC) – como a que apresentamos em (53d) anteriormente.

No início desta seção, assumimos, seguindo Mioto e Negrão (2007) e Resenes (2009), que o CP da sentença clivada não é do tipo relativo. Contudo, o CP das clivadas contém um */-no/* como núcleo. Para verificar o estatuto dessa expressão na

⁶⁶ Cabe ressaltar que o trabalho dos autores se concentra nas sentenças clivadas (foco com Caso marcado).

sentença clivada, e na pseudoclivada vemos primeiro as diferentes funções que ela assume no Japonês. Além dos casos em que a expressão /-no/ aparece nas construções de clivagem, ela pode ser um marcador pronominal ou um marcador pré-nominal, segundo Kizu (2005), como mostram seus exemplos reproduzidos em (55) e (56) respectivamente.

- (55) a. *Hanako-no hon*
 (Hanako-GEN livro)
 'livro da Hanako'
- b. *Mishima-no jisatsu*
 (Mishima-GEN suicídio)
 'o suicídio de Mishima'
- c. *Gengogaku-no kenkyuu*
 (Linguístia-GEN pesquisa)
 'a pesquisa em Linguística'
- d. *Gakusee-no Taroo*
 (Estudante-GEN Taroo)
 'o estudante Taroo'
- e. *Gakkai-de-no happyo*
 (Congresso-LOC-GEN apresentação)
 'a apresentação em congresso'
- (56) a. *Akai-no*
 (Vermelho-GEN)
 'o/aquele vermelho'
- b. *Akai-(*no) kuruma*
 (Vermelho-(GEN) carro)
 'o carro vermelho'

c. *Hanako-no*

(Hanako-GEN)

‘o/aquele da Hanako’

d. *Hanako-no ronbun*

(Hanako-GEN artigo)

‘o artigo de Hanako’.

(KIZU, 2005)

A expressão /-no/ também aparece nas orações relativas, casos em que ela pode ser interpretada como um pronome relativo, como mostra a substituição de /-no/ por um nome correspondente:

(57) a. Maria-wa [João-ga tanonda no]-o katta.

b. Maria-wa [João-ga tanonda mono]-o katta.

(Maria-TÓP [João-NOM pediu NML/coisa]-ACC comprou.)

‘A Maria comprou **o que/a coisa que** o João pediu.

(dado meu)

(58) a. [Musume-ga umareta no]-wa Hokkaido-no-chiisana-machi desu.

b. [Musume-ga umareta tokoro]-wa Hokkaido-no-chiisana-machi desu.

(Filha-NOM nasceu NML/lugar]-TÓP Hokkaido-GEN-pequeno-cidade CÓP.)

‘**Onde/o lugar que** a minha filha nasceu é uma pequena cidade de Hokkaido’

(59) a. [Itiban daijina no]-wa kazoku-no-kenkou desu.

b. [Itiban daijina koto]-wa kazoku-no-kenkou desu.

(Primeiro importante NML/fato]-TÓP família-GEN-saúde CÓP)

‘**O que é/a coisa** mais importante é a saúde da família’

(Minna No Nihongo, 1998)

(60) a. Wakai-no-ga oozei iru.

b. Wakai-seito-ga oozei iru.

(Jovem-que/aluno-NOM numeroso estar)

‘Tem muitos **(que são)/alunos** jovens.’

(KIZU, 2005)

Nos dados (57-60) acima, /-no/ pode assumir um papel equivalente ao de um pronome relativo. Em (57a), /-no/ é interpretado como *mono* (coisa / a coisa que); em (58a), como *tokoro* (lugar / o lugar que) ou como complementizador⁶⁷; em (59a), como *koto* (fato / ato) e; por fim, em (60a), o mesmo item é interpretado como *seito* (aluno). Contudo, nem sempre a expressão /-no/ interpretado como pronome relativo de pessoa é gramatical, como vemos em (61) abaixo.

Apresentamos a seguir, casos de agramaticalidade, no qual o uso da expressão /-no/ é imprópria ou agramatical para ser substituído pelo nome correspondente em (61b), (62b) e (63b):

- (61) a. #Wakai-no-ga oozei or-areru.
 b. Wakai-sensei-ga oozei or-areru.
 (Jovem professor-NOM numeroso estar-honorífico)
 ‘Tem muitos ***(que são)/professores** jovens.’

(KIZU, 2005)

- (62) a. Taro-wa [ringo-ga sara-no-ue-ni a-tta no]-o to-tte, poketto-ni ire-ta.
 b. *Taro-wa [ringo-ga sara-no-ue-ni a-tta mono]-o to-tte, poketto-ni ire-ta.
 (Taro-TÓP [maçã-NOM prato-GEN-cima-GEN estar-pass NML/coisa]-ACC pegar-, bolso-GEN colocar-pass.)
 ‘Taro pegou [uma maçã ***coisa/que** estava sobre um prato] e colocou no bolso.’

(KURODA, 1976)

- (63) a. *Musume-ga umareta no-e i-tta.
 b. Musume-ga umareta tokoro-e i-tta.
 (Filha-NOM nasceu NML/lugar]-LOC ir-pass.)
 ‘Fui para ***onde/o lugar que** a minha filha nasceu’

(dado meu)

A agramaticalidade de (61a), (62a) e (63b) tem motivos distintos. O dado positivo em (58) e o dado negativo em (61) indicam que há uma espécie de seleção semântica para que a expressão /-no/ possa ser interpretada como um pronome relativo de

⁶⁷ Na verdade, a sentença em (13) é ambígua entre uma sentença copular predicacional e uma sentença pseudoclivada especificacional.

pessoa: deve haver um traço [-honorífico] relacionado à pessoa em questão que concorda com a forma do verbo, também [-honorífico].

Já (62b) é agramatical porque a interpretação da expressão /-no/ em (62a) é apenas de complementizador, mas não nominalizador. De acordo com Kuroda (1976), a oração encaixada em (62a) se trata de uma oração relativa sem núcleo⁶⁸. Os dados positivos em (57) e o dado negativo em (62b) sugerem que /-no/ pode, às vezes, ser ambíguo entre complementizador e nominalizador (o que/ a coisa que).

A sentença (63a) é agramatical, mas não sabemos explicar o motivo. Contudo, o dado negativo em (63) e o dado positivo em (58) sugerem que /-no/ pode, às vezes, ser ambíguo entre complementizador e nominalizador (onde/ o lugar que). (58a) pode ser ambígua entre uma construção simples de predicação (no qual a oração encaixada é uma oração relativa com núcleo) e uma construção de clivagem (mais especificamente uma pseudoclivada, no qual a expressão /-no/ é um complementizador).

No que diz respeito a construções de clivagem, apresentamos dados (nossos) que podem contribuir para propor um estatuto da expressão /-no/ do CP das construções de clivagem, diferenciando-a na clivada e na pseudoclivada. As sentenças (64a) e (66a) abaixo são construções em que o elemento que ocupa a posição de foco aparece sem a sua marca de caso gramatical e, portanto, sentenças pseudoclivadas. Já as sentenças (65a) e (67a) são clivadas, pois apresentam marca de caso.

- (64) a. [Watashi-ga o-aishi-ta no]-wa Tanaka-sensei da.
 b. [Watashi-ga o-aishi-ta kata]-wa Tanaka-sensei da.
 (Eu-NOM honorífico-encontrar-pass que/pessoa]-TÓP Tanaka-professor CÓP.)
 ‘**Quem/a pessoa que** eu encontrei é (com)o professor Tanaka.’
- (65) a. [Watashi-ga o-aishi-ta no]-wa Tanaka-sensei-ni da.
 b. *[Watashi-ga o-aishi-ta kata]-wa Tanaka-sensei-ni da.
 ([Eu-NOM honorífico-encontrar-pass que/*pessoa]-TÓP Tanaka-professor-GEN CÓP.)
 ‘É com o professor Tanaka **que/*a pessoa que** eu (me) encontrei.’

⁶⁸ Mais tarde, o mesmo autor trata esse tipo de construção como “oração relativa de núcleo externo”

- (66) a. [Watashi-ga atta no]-wa Mari-chan da.
 b. [Watashi-ga atta hito]-wa Mari-chan da.
 (Eu-NOM encontrei que/pessoa]-TÓP Mari-menina CÓP.)
 ‘***Com quem/a pessoa que** eu encontrei é a (menina) Mari.’
- (67) a. [Watashi-ga atta no]-wa Mari-chan-ni da.
 b. *[Watashi-ga atta hito]-wa Mari-chan-ni da.
 (Eu-NOM encontrei *que/pessoa]-TÓP Mari-menina-GEN CÓP)
 ‘É com a (menina) Mari **que/*a pessoa que** eu (me) encontrei.’

A (a)gramaticalidade de (64) e (65) pode, com o auxílio da linguagem polida do Japonês, explicar as diferenças entre construção clivada e pseudoclivada. O que difere (64a,b) de (65a,b) é a presença ou ausência da marca de caso gramatical do constituinte *Tanaka-sensei* (o professor Tanaka). Essa diferença faz com que a agramaticalidade seja diferente entre as duas sentenças.

A sentença em (64a), em que o constituinte *Tanaka-sensei* (o professor Tanaka) não tem marca de caso realizado, é ambígua entre interpretação predicacional e especificacional. Quando predicacional, o núcleo da oração encaixada */-no/* é interpretado como *kata* (a pessoa/ a pessoa que, em sua forma polida), como aparece em (64b), para concordar com o seu predicado – que possui um status respeitável de *sensei* (professor). Já quando (64a) é especificacional, */-no/* é um “nominalizing complementizer”, e o constituinte *Tanaka-sensei* (o professor Tanaka) é o foco. A concordância de “status respeitável” é satisfeita na relação entre o tratamento *sensei* (professor) e o verbo em sua forma de respeito *o-ai-shita* (honorífico-encontrar-pass), concordância esta que, como já vimos, não precisa ocorrer entre a cópula e o verbo: a cópula está em sua forma *default*, conhecida como informal e de asserção, */-da/*, diferentemente do verbo *o-ai-shita* (honorífico-encontrar-pass).

O mesmo ocorre com a sentença em (65a), na qual */-no/* aparece na posição de núcleo. Quando a expressão */-no/* é interpretado como pronome relativo, a sentença é agramatical. A sentença em (65a) é uma sentença clivada, cujo constituinte foco *Tanaka-sensei* (o professor Tanaka) aparece marcado pelo morfema de caso genitivo */-ni/*. Já em (65b), a presença do Caso genitivo bloqueia a predicação simples.

Por um lado, a sentença clivada em (65a) e (67a) mostra que a expressão /-no/ nem sempre pode ser substituída por um nome com traços [+pessoa], mesmo quando há concordância entre o verbo e a pessoa com traços [-honorífico]. Esse fato pode ser fortalecido pela visão de que o foco da clivada tem sua função gramatical atribuída dentro do IP encaixado. Por outro lado, as pseudoclivadas em (64a) e (66a) podem ter a expressão /-no/ substituída por um nome com traços [+pessoa] (como pode ser conferido em (64b) e (66b)), independentemente de o traço [-honorífico] estar presente ou não.

Apresentamos, ainda, um dado retirado de uma canção em Japonês, que só pode ser uma pseudoclivada mas não uma clivada. O CP dessa pseudoclivada tem um núcleo /-no/ que não pode ser substituído pelo pronome relativo semanticamente correspondente ao foco:

- (68) a. [[Hiroshima-no sora-e muka-tte uta-no]-to kime-ta -no]-wa [_F sono toki] da-tta.
 b. *[[Hiroshima-no sora-e muka-tte uta-no]-to kime-ta -toki]-wa [_F sono toki] da-tta.
 ([[Hiroshima-GEN-céu direcionar- cantar-1^a.pess]-C decidir-pass.
 -C/*momeno]-TÓP [_F esse momento] CÓP-pass.)
 ‘Quando decidi cantar para o céu de Hiroshima foi naquele momento’
- (69) a. *[[Hiroshima-no sora-e muka-tte uta-ou]-to kime-ta -no]-wa [_F sono toki-ni] da-tta.
 b. *[[Hiroshima-no sora-e muka-tte uta-ou]-to kime-ta -toki]-wa [_F sono toki-ni] da-tta.
 ([[Hiroshima-GEN-céu direcionar- cantar-voc1^a.pess]-C decidir-pass.
 -C/*momeno]-TÓP [_F esse momento-GEN] CÓP-pass.)
 ‘Foi naquele momento que decidi cantar para o céu de Hiroshima’

Os dados apresentados nesta seção sugerem que, nas sentenças clivadas, a expressão /-no/ é um complementizador mas não nominalizador. Vimos que nas pseudoclivadas a expressão /-no/ pode ser (mas nem sempre) de dois tipos (o que pode ser nominalizado e o que não pode ser nominalizado), uma vez que nem sempre a agramaticalidade é condicionada pela presença ou ausência da marca de

Caso do foco. Assim, para o /-no/ das pseudoclivadas, mas não para as clivadas, podemos adotar a terminologia *nominalizing complementizer*, atribuída por Kuroda (1976).

3.5.2 O Estatuto da Oração Encaixada das Clivadas e Pseudoclivadas

Uma vez explicitadas as diferenças entre a expressão /-no/ das clivadas e das pseudoclivadas, tratamos do estatuto das orações encaixadas das construções de clivagem, levando-se em conta o conceito de clivagem, a função do foco e os dados do Japonês abordados nas seções anteriores.

Nas sentenças clivadas, como vimos, a expressão /-no/ é apenas um complementizador, mas não nominalizador. Ou melhor, se uma construção com sequência linear idêntica a de uma sentença clivada, tiver sua oração inicial interpretada como oração relativa cujo núcleo é um nominalizador /-no/, trata-se, na verdade, de uma simples sentença de predicação e não uma sentença clivada. Isso confirma os argumentos de Resenes (2009) que, na esteira de Mito e Negrão (2007), defende que o CP das sentenças clivadas não é do tipo relativo.

Com relação à oração encaixada das pseudoclivadas, Resenes (2014) estuda a oração wh das pseudoclivadas do Português Brasileiro e sugere uma análise bioracional. Isto é, ela propõe, na esteira de Den Dikken et al (2000), que há duas opções disponíveis: ou ela é uma interrogativa, ou ela é uma relativa livre. Se a oração encaixada da pseudoclivada é uma interrogativa, a pseudoclivada é denominada do Tipo A e, se é uma relativa livre, do Tipo B. (p.95) Segundo esse estudo, a oração wh da pseudoclivada canônica (aquela com oração-wh inicial) só pode ser uma interrogativa e, nesse caso, a pseudoclivada é do Tipo A.

Para assumir essa proposta para as pseudoclivadas do Japonês, tratamos brevemente dos conceitos de relativa livre. Marchesan (2012) define as Relativas Livres como orações que não têm um núcleo nominal explícito.

[No Português Brasileiro, elas] são introduzidas pelos pronomes relativos especificados *quem, o que, quanto, quando, onde e como* que incorporam semanticamente o nome que seria o núcleo nominal de uma relativa (*pessoa, coisa, quantia, tempo, lugar e modo*, respectivamente). (2012, p. 16).

Assim, a Relativa Livre se diferencia das Relativas com Núcleo: esta última apresenta um núcleo nominal que é compartilhado com a sentença matriz e, a primeira, não. Ainda segundo a autora, ao contrário das Relativas com Núcleo, as Relativas Livres estão sujeitas ao Requerimento de Compatibilidade, de acordo com o qual, essas relativas devem respeitar, simultaneamente, os requisitos de caso ou categoria de um núcleo da sentença matriz e, também, da sentença encaixada.

As orações encaixadas das construções de clivagem do Japonês parecem ser um tipo de Relativa Livre. Porém, a Relativa Livre no Japonês, se assim a chamarmos, são diferentes das Relativas Livres de línguas que têm movimento wh como o Português Brasileiro (no Japonês, a posição canônica da expressão wh nas sentenças interrogativas é *in-situ*). Devido às diferenças entre as línguas, Kuroda (1976) não chama de Relativas Livres, mas de “*No-Relatives*” (Relativas com /-no/).

Komagata (1996) considera que existem Relativas Livres no Japonês e que a sua estrutura interna é relativamente livre, mas há uma forte restrição na distribuição externa. Para ele, as Relativas Livres que aparecem na primeira posição antes da cópula são gramaticais (como exemplificados em (71) abaixo), mas as de segunda posição, nem sempre. Segundo o autor, as Relativas com Núcleo contêm núcleos lexicais de classe aberta como em (70) abaixo, diferentemente das Relativas Livres, em que o núcleo do NP (-no) não deve ser lexical:

- (70) a. [[*t* Naomi-o tazuneta]_{CP}–**hito-ga**]_{NP} reino gorufaa-da.
 [[(suj)Naomi-ACC visitou] **pessoa-NOM**] aquele golfista-COP.
 ‘A pessoa que visitou Naomi é aquele golfista.’
- b. [[Ken-ga *t* tabeta]_{CP} –**mono-ga**]_{NP} reino mango-da.
 [[Ken-NOM (obj) comeu] **coisa-NOM**] aquela manga-COP.
 ‘A coisa que Ken comeu é aquela manga.’
- (71) a. [[*t* Ken-o tazuneta]_{CP} –**no-ga**]_{NP} reino gorufaa-da.
 [[(suj)Ken-ACC visitou] **NML-NOM**] aquele golfista-COP.
 ‘Quem visitou Ken é aquele golfista.’
- b. [[Ken-ga *t* tabeta]_{CP} –**no-ga**]_{NP} reino mango-da.
 [[Ken-NOM (obj) comeu] **NML-NOM**] aquela manga-COP.

‘O que Ken comeu é aquela manga.’

Contudo, na posição copular, algumas são agramaticais. Komagata (1996) ilustra exemplos como em (72a,b) e afirma que, nessa posição, as Relativas Livres só são aceitáveis se corresponderem às relativas encabeçadas por *-mono* (coisa), como mostra sentença bem formada em (72a):

- (72) a. Kore-ga [Ken-ga ryourishita] **mono/no**-da.
 Isto-NOM [Ken-NOM cozinhou] **coisa/o que** -COP.
‘Isso é a coisa que/o que Ken cozinhou.’
- b. Kare-ga [Ken-o tazuneta] **hito/*no**-da.
 Ele-NOM [Ken-ACC visitou] pessoa/quem -COP.
‘Ele é a pessoa que/quem visitou Ken.’

Com relação às Interrogativas Encaixadas, Marchesan (2012) demonstra que ela se assemelha às Relativas Livres no que se refere ao núcleo da relativa (que mantém uma relação sintática e semântica com a posição vazia da sentença encaixada). A autora considera, também, que os pronomes-Wh que constroem as Relativas Livres e as Interrogativas encaixadas são os mesmos.

No Japonês, por sua vez, as expressões wh que constroem uma sentença interrogativa nessa língua – tais como *nani* (o que), *dare* (quem), *doko* (onde), *itsu* (quando) entre outros – não são os que aparecem nas ditas Relativas Livres (ou Relativas com *-no*). Isto é, diferentemente do que se verifica em muitas línguas, uma interrogativa encaixada do Japonês como (73) abaixo parece não se manifestar na oração encaixada das pseudoclivadas do Japonês, como mostram (74a,b):

- (73) Joan-wa [Maria-ga **nani**-o ryourishita (no) ka] (wa) shira-nai.
 ([João-top [Maria-NOM o-quê_{wh}-ACC preparou (C) ?_{interrog}] (TOP) saber-neg.])
‘João não sabe [o que a Maria cozinhou ____].’
- (74) a. *[Maria-ga **nani**-o ryourishita (no) (ka)] (wa) piza da.
 ([Maria-NOM o-quê_{wh}-ACC cozinhou (C)?_{interrog}]-TOP pizza COP)
‘[O que a Maria cozinhou] foi uma pizza.’

- b. [Maria-ga ryourishita **no**]-wa piza da.
 ([Maria-NOM cozinhou NML/C]-TOP pizza COP.)
 ‘[O que a Maria cozinhou] foi uma pizza.’

Cabe, porém, considerar em investigações futuras que uma construção pseudoclivada como (74.b) acima, pode ter sua oração *wh* usada como pergunta em forma reduzida, como em (75):

- (75) [Maria-ga ryourishita **no**]-wa (nani/nan (da))?.
 ([Maria-NOM cozinhou NML/C]-TOP (o quê (CÓP))?)
 ‘(O que) a Maria cozinhou ((é) o quê)?’

Uma vez que o pronome interrogativo *nani* (oque) pode ser apagada em (75), ocupando, quando realizado, a posição do foco, (75) é uma sentença que poderia ser analisada como algum tipo de pseudoclivada reduzida⁶⁹.

3.6 A SINTAXE DA SENTENÇA CLIVADA

O tipo de foco que a sentença clivada veicula parece sugerir propostas diferentes quanto à sua sintaxe. Para Kiss (1998), que considera que todo foco da sentença clivada tem interpretação exaustiva, esse foco é movido para a periferia esquerda da sentença, como mencionamos no capítulo 2.

Para Belletti (2008), as clivadas que têm um sujeito foco de informação apresentam, como complemento da cópula, uma SC (*small clause*) que é um CP. Este *small-CP* tem um traço para ser satisfeito pelo EPP (Princípio de Projeção Extendida), e isso ocorre quando o sujeito se torna argumento dessa SC. Esse sujeito, para ser interpretado como foco de informação, é movido da sua posição interna ao *small-CP* para *Spec* de FocP na periferia da cópula, como mostra (76b).

- (76) a. Foi um rapaz que falou.
 b. [TP *pro*_{expl} Foi ...[Top [Foc um rapaz]_j [Top [_{vP} t_i [SC/CP t_j [CP t_j que falou]]]]]]].]

⁶⁹ Resenes (2014) trata as sentenças de ‘*wh-drop*’ e ‘*pro-wh*’ do holandês, quando se refere a um subgrupo de semiclivadas, analisando-as como pseudoclivadas reduzidas.

Ao mesmo tempo que a proposta de Belletti (2008) acima dá conta da gramaticalidade da sentença clivada com sujeito foco de informação, é válida também para explicar a agramaticalidade do objeto foco de informação nesse tipo de sentença.

Em (76) acima, o sujeito tem o traço EPP checado na posição mais alta dentro do CP *small*, que é uma posição A (argumental); depois se move para *Spec* de FocP na periferia da cópula para ser interpretado como foco de informação.

Contudo, se for um objeto, o seu movimento para a posição mais alta dentro do CP é barrado pela restrição da Minimalidade Relativizada (RIZZI, 1990), pois há a intervenção do sujeito. Dessa forma, o único lugar que resta para o constituinte objeto ocupar é o *Spec* de FocP na periferia esquerda do CP complemento da cópula, como mostra (77b).

(77) a. Foi o bolo que o João comeu.

b. [_{IP} Foi [_{SC} [_{DP} o bolo]_i [_{SC} [_{CP} OP que o João comeu] t_i].]

(RESENES, 2009)⁷⁰

Essa posição *Spec* de FocP na periferia esquerda do CP complemento da cópula está associada aos traços de contraste ou correção, por ser uma posição A-barrada (não argumental).

Por esses motivos, a clivada com um objeto como foco só é apropriada quando a função da sentença clivada veicula um foco contrastivo ou de identificação.

Como já mencionado, a assimetria observada por Belletti (2008) entre a clivada com um objeto e a clivada sujeito na posição de foco da periferia da cópula não pode ser verificada no Japonês, pois nessa língua tanto sujeito quando objeto na posição de foco é agramatical – agramaticalidade essa que parece ser provocada pela presença da partícula de caso⁷¹. Dentre os casos gramaticais, são gramaticais no Japonês as clivadas em que o segundo argumento interno do verbo aparecer como foco.

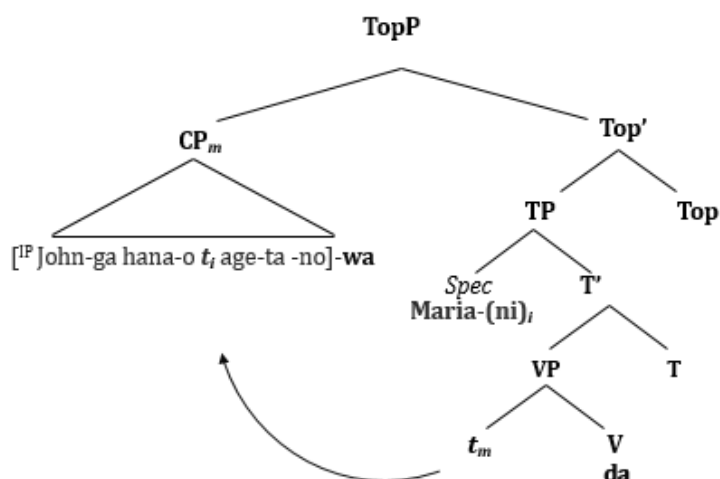
⁷⁰ A autora apresenta também a proposta de Costa e Duarte (2006), mostrando que, para esses autores, as posições do CP encaixado e do constituinte focalizado na SC de uma clivada é o contrário da proposta de Belletti (2008). (p.60)

⁷¹ A justificativa sintática para essa agramaticalidade é um assunto para estudos futuros. Porém, a inaceitabilidade de um nominativo ou acusativo na posição de foco é comprovada em testes de julgamento apresentados em Endo (2007).

Com relação à estrutura sintática dessas sentenças no Japonês, apresentamos algumas das propostas da literatura. Matsuda (1997)⁷² propôs que o NP ou o XP focalizado das construções de clivagem do Japonês (foco sem marca de caso gramatical e foco com caso marcado, respectivamente) têm o mesmo comportamento sintático. Para ele, esse foco é gerado na base, em VP, e é movido para uma posição mais alta. Apresentamos em (79) abaixo a derivação de Matsuda (1997) para uma sentença como (78)⁷³:

- (78) [John-ga hana-o age-ta -no]-wa Maria-(ni) da.
 ([John-NOM flor-ACC dar-pass. C]-TÓP Maria-(GEN) CÓP.
 'Foi (para) a Maria que João deu uma flor.'

(79)



Para Matsuda (1997), a oração pressuposta nasce como CP irmão de VP, de onde é movido o constituinte foco para *Spec-TP*⁷⁴. Em seguida, esse CP é movido para *Spec-TopP* e recebe a marca de tópico /-wa/. O que licencia essa marca é a *aboutness condition* postulada por Kuno (1973) - uma relação de *aboutness* que o tópico tem com o restante da sentença.

Contudo, se o foco é gerado na base, não há como explicar o apagamento da sua marca de caso gramatical, uma vez que essa proposta parece ser válida tanto para foco com seu caso gramatical realizado quanto para o caso não realizado.

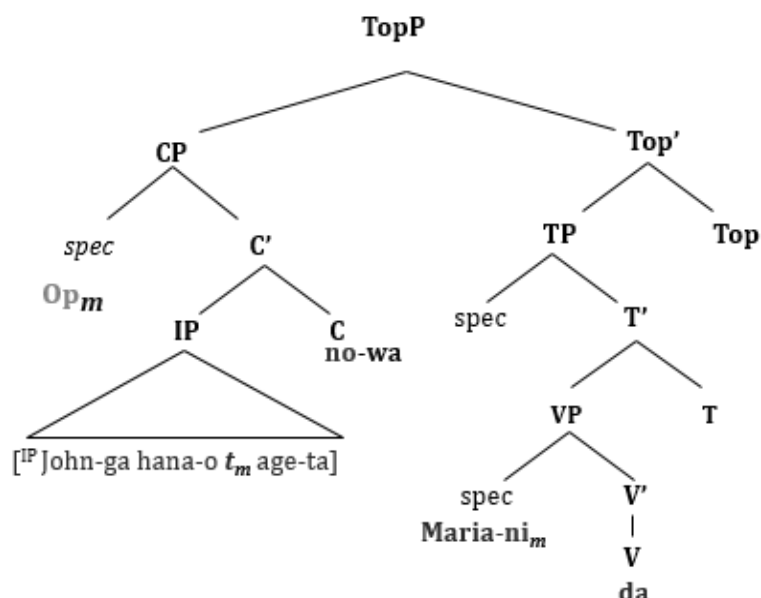
⁷² *Apud.* Kizu (2005) e Hiraiwa & Ishihara (2012)

⁷³ Dado nosso, aplicado em árvore proposta por Matsuda (1997) para as construções de clivagem (com foco marcado por caso ou não – isto é, a análise é unificada para o que diferenciamos como sentenças clivada e pseudo-clivada).

⁷⁴ Note que o autor não assume o FocP interno ao CP expandido de Rizzi, publicado no mesmo ano de Matsuda (1997).

Kizu (2005) propõe uma análise que se diferencia de Matsuda (1997) em dois aspectos. Como mostramos em (80) abaixo, a primeira diferença é que Kizu propõe que o XP foco é gerado em sua posição interna de VP, e nela permanece, como irmã da cópula. A segunda diferença é que Kizu, na esteira de Hoji (1990), assume que o tópico das construções clivadas não é licenciado pela *aboutness condition*. Para ela, há apenas um movimento que ocorre dentro do CP topicalizado: há um operador nulo interno ao IP, coindexado com o constituinte foco, que sofre movimento para *Spec-CP*.

(80)



Sendo o foco gerado na base, na posição de predicado, e o tópico gerado em posição de especificador de TopP, não há uma ligação direta entre o XP foco e a categoria vazia interna ao CP, a não ser pela co-indexação. Um dos problemas para essa proposta é que ela não explica o licenciamento da marca de caso gramatical do foco. A preocupação de Kizu (2005), porém, está na importância do movimento do operador nulo como ocorre nos fenômenos de topicalização: a categoria vazia interna ao IP que corresponde ao XP foco é um *vestígio* deixado pelo operador nulo.

Para Hoji (1990)⁷⁵ a sentença clivada do Japonês tem sua oração inicial CP gerada na base, isto é, em *spec-TopP*. O sintagma foco nas construções clivadas é

⁷⁵ *Apud.* Kizu (2005).

gerado em uma posição de predicado de forma subjacente⁷⁶. Sendo gerado na base, não há uma ligação direta entre o XP foco (que permanece dentro do VP) e o operador nulo (ou qualquer que seja a categoria vazia) na posição inicial de CP, exceto pela coindexação.

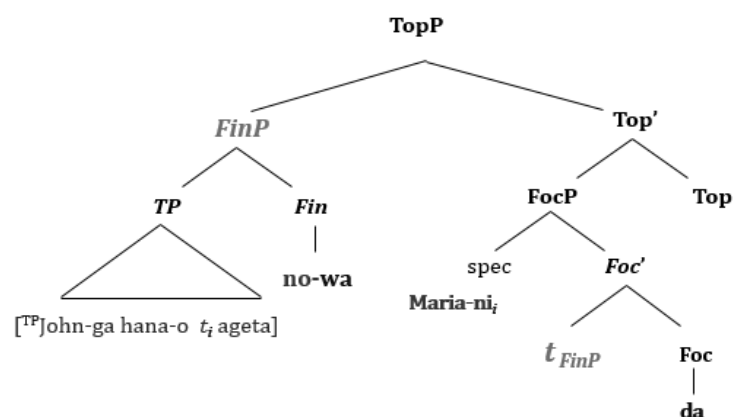
A proposta de Kizu explica a aparente violação de subjacência na topicalização e, portanto, também na topicalização das construções clivadas. Isso a leva a afirmar que construções com tópico e de clivagem no Japonês envolvem movimento de um sujeito maior, exceto para tópicos genuínos.

Hoji (1990) argumenta que a real diferença entre movimento e geração na base no constituinte tópico depende da questão se sintagmas foco contém sua marca de caso ou não. Para ela, a clivagem que não tem foco marcado pelo caso não envolve movimento porque não obedecem à subjacência.

(81) [NP [IP ...*pro*...]] [NP *no*]_i]-wa NP_i da.

Hiraiwa & Ishihara (2012), por sua vez, sugerem que a clivada do Japonês é derivada da construção de ‘Focalização *in-situ*’ como em (82) abaixo. E, então, para derivar a sentença clivada, o XP foco se submete a movimento para *spec-FocP*, encabeçado pela cópula núcleo do foco */-da/*. Em seguida, o *remnant nominalized FinP* é topicalizado para *spec-TopP* e acrescido do marcador de tópico */-wa/*.

82)



Hiraiwa & Ishihara (2012) defendem que o XP-foco é movido diretamente de sua posição inicial para a posição de foco, isto é, não há um movimento de operador,

⁷⁶ Propriedade de movimento de um operador nulo nas orações pressupostas, segundo Kizu (2005).

nem a geração na base. Dessa forma, ao contrário da proposta de Hoji (1990) e Kizu (2005), o aparecimento da marca de caso é naturalmente esperado. Contudo, nessa proposta dos autores, não fica claro o que motiva a marca de tópico /-wa/ ser inserido como núcleo de FinP, além de ele ser licenciado pela relação *aboutness* – pois, nessa inserção, ele estaria competindo com o núcleo /-no/. Além disso, seria necessário um estudo mais acurado sobre a cópula /-da/ para que ela seja gerada em Foc, embora tenhamos observado que a cópula /-da/ carrega, em algum nível, traço de exaustividade.

Como apontado, todas as propostas parecem ter problemas. Cabe a trabalhos futuros investigar e avaliar melhor o potencial da proposta de Hiraiwa e Ishihara (2012). Um dos problemas da proposta desses autores é a realização do morfema /-wa/ em núcleo de FinP – quando este é topicalizado –, competindo com o núcleo /-no/. Mesmo que /-wa/ seja entendido como uma marca que surge só em PF, como a realização de um núcleo funcional por exemplo, restaria esclarecer que núcleo seria esse, já que o núcleo funcional alto, seja ele Fin (da proposta de Hiraiwa e Ishihara (2012)) ou C (da proposta de Kizu (2005)) já está preenchido por /-no/.

3.7 A SINTAXE DA SENTENÇA PSEUDOCLIVADA

3.7.1 A Estrutura da Sentença Predicativa

Kato e Mito (2009) consideram as situações propostas por Higgins (1973) em que a ambiguidade das construções pseudoclivadas não se instaura. Porém, a partir da concepção de que a clivagem é um processo sintático para focalizar constituintes, que identifica (ou especifica) o valor de uma variável, descartaremos o rótulo de pseudoclivada para as sentenças de interpretação predicacional, como o fazem Resenes (2009) e Kato e Mito (2009).

Os autores propõem, ainda, que em uma sentença predicacional (como o exemplo apresentado em (83.b)) de seqüência [oração relativa]+ser+[adjetivo], o foco pode ser tanto o AP como a relativa – oração esta que os autores tratam como Relativa Livre. Os contextos em (83) ilustram esse fato:

- (83) a. A Maria é o quê? = [O que a Maria é] é [_F escandaloso].
 b. O que é escandaloso? = [_F O que a Maria é] é [escandaloso].

Quanto à derivação, os autores sugerem (84.a) como *input* e assumem uma *small clause* como complemento da cópula.

- (84) a. [IP é [SC [RL o que_i a Maria é t_i]] [escandaloso]]
 b. [IP [RL o que_i a Maria é t_i]]_j é [SC [RL t_j]] [escandaloso]]
 b'. O que a Maria é é escandaloso

A relativa livre [RL o que_i a Maria é t_i] é o sujeito da *small clause*, e *escandaloso* é o seu predicado. A relativa livre será movida para Spec do IP, como representada em (84.b). Nessas sentenças predicacionais, a cópula pode ter tempo independente, ser “modificada” por verbos auxiliares ou pela negação, o que não se verifica nas pseudoclivadas especificacionais, como mostrado desde trabalhos como o de Higgins (1973).

3.7.2 A Estrutura da Sentença Especificacional

Na literatura há diferentes posições a respeito da estrutura da sentença pseudoclivada. Kato e Mito (2009) propõem derivações de sentenças pseudoclivadas (somente as de interpretação especificacional), que reproduzimos abaixo. Os autores tomam (85a) como o *input*⁷⁷ dessas derivações:

- (85) a. [IP A Maria é [SC t_{a Maria} [AP o que escandalosa]]]
 b. [FinP o que [IP a Maria é [SC t_{a Maria} [t_{o que} escandalosa]]]]
 c. [FocP é[FinP o que [IP a Maria é [SC t_{a Maria} [t_{o que} escandalosa]]]]]
 d. [FocP escandalosa é[FinP o que [IP a Maria é [SC t_{a Maria} [t_{o que} t_{escandalosa}]]]]]
 d'. Escandalosa é o que a Maria é. = *pseudoclivada invertida*.
 e. [TopP é [FocP escandalosa [FinP o que [IP a Maria é [SC t_{a Maria} [t_{o que} t_{escandalosa}]]]]]]

⁷⁷ Os grifos são dos autores e se referem a itens inseridos ou movidos.

e'. É escandalosa o que a Maria é. = *pseudoclivada extraposta*.

f. [_{TopP} [_{FinP} o que [_{IP} a Maria é [_{SC} t_a Maria [_{t_o que} t_{escandalosa}]]]]] é [_{FocP} escandalosa t_{FinP}]]

f'. O que a Maria é é escandalosa. = *pseudoclivada canônica*

Os autores assumem que o AP de (85a) é um constituinte complexo, formado pelo elemento *wh* (“*o que*”, de natureza anafórica/resumptiva) e o adjetivo *escandalosa*⁷⁸. Esse constituinte complexo, é predicado de uma *small clause* que tem como sujeito o DP *a Maria*. Eles observam que, nesse estágio, há condições para que o antecedente *c*-comande o que vai ser o contrapeso (o sintagma-foco) das pseudoclivadas. Para derivar sentenças pseudoclivadas, então, os autores propõem:

- i) Movimento do item *Wh o que* para *FinP*, como em (85.b); e,
- ii) Inserção da cópula em *Foc°* (como em (85.c)) e, movimento do contrapeso *escandalosa* para *FocP* (como mostra (85.d));= esse passo deriva a sentença pseudoclivada invertida (como em (85.d'))
- iii) Inserção da cópula em *Top°* (como em (85.e)) = Esse passo deriva a pseudoclivada extraposta (como em 85.e');
- iv) Movimento de *FinP* para *TopP* (*GroundP*) (como mostra (85.f)) = Este último passo deriva a pseudoclivada canônica (85.f').

Menuzzi (2010) aponta pontos positivos e negativos a respeito dessa proposta, em especial no que se refere à geração da cópula em *Foc°* ou em *Top°*. Segundo a proposta de Kato e Mito (2009), a inserção da cópula na periferia esquerda da sentença (e não em *Infl*) é justificada por ela não ter tempo independente. De acordo com os autores, além desse passo justificar a concordância temporal da cópula, aponta o motivo pelo qual a cópula não pode ser ‘modificada’ por verbos auxiliares nem pela negação. O questionamento de Menuzzi (2010) quanto à especificação

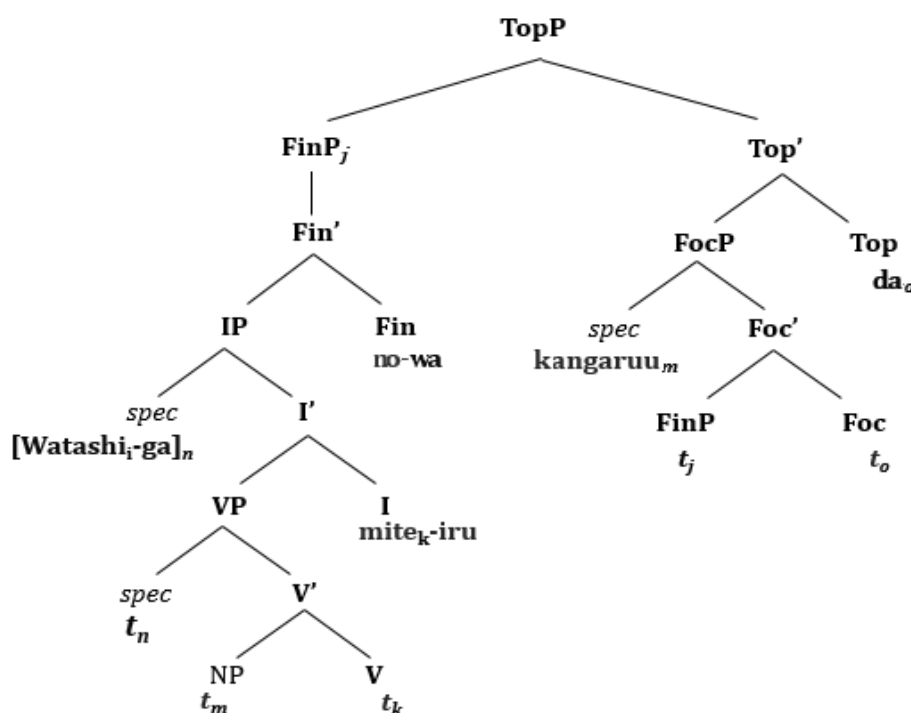
⁷⁸ Contudo, não é claro que tipo de constituinte complexo é esse.

funcional da inserção da cópula é interessante porque a cópula do Japonês parece não se comportar como instrumento puramente gramatical.

Se adotássemos a proposta de Kato & Mito (2009) para as pseudoclivadas do Japonês, a construção de interpretação especificacional da sentença em (86) seria representada em árvore sintática como em (87) abaixo:

- (86) [Watashi-ga mite-iru no]-wa [kangaroo] da.
 ([Eu –NOM ver-estar C/NML]-TÓP [canguru] CÓP.)
 'O que eu estou vendo] é [(um) canguru].'

(87)



Para que seja possível adotar a proposta de derivação da pseudoclivada de Kato e Mito (2009) para o Japonês, o primeiro passo sugerido pelos autores não seria necessário acontecer: para os autores, o Português Brasileiro envolveria um movimento do elemento *wh* que, no exemplo dado, nasce dentro do AP, junto de *escandalosa*. No caso do Japonês, seria a expressão */-no/*, um *nominalizer complementizing*, nos termos de Kuroda (1976), segundo o qual é um núcleo de FinP que introduz uma sentença finita.

Assim, os passos da derivação para o Japonês segundo a proposta de Kato e Mioto (2009) poderiam ser:

- i) inserção a cópula *da* em Foc^o e, mover o contrapeso *kangaroo* (canguru) para FocP (como mostram os vestígios t_o e t_m respectivamente);
- ii) movimento da cópula de Foc^o para Top^o;
- ii) movimento de FinP [*Watashi-ga mite-iru -no*] (O que eu estou vendo) para Spec de TopP – aqui, este tópico receberia a afixação do morfema */-wa/*.

Nessa derivação, pelo menos uma questão crucial permaneceria sem solução: como explicar o apagamento do Caso gramatical do foco (o acusativo */-o/*) no processo de movimento da sua posição inicial de argumento do verbo para a posição de Spec-FocP? Há uma outra questão em aberto, que já foi mencionado também para as propostas da estrutura das clivadas – uma explicação mais acurada sobre a efixação de */-wa/* no núcleo Fin, onde já está ocupado por */-no/*. Além disso, diferentemente do Português Brasileiro, os passos não derivariam sentenças gramaticais (pseudoclivada invertida e extraposta, na derivação de Kato e Mioto, 2009), por causa da falta de Caso do foco.

Uma possibilidade seria explicar que o foco é gerado na posição onde é interpretado como foco e não na posição de argumento do verbo. Contudo, isso parece exigir uma configuração diferente para o VP, envolvendo alguma categoria vazia interna ao IP e sua sintaxe, tal como sugerem Kizu (2005), Hoji (1990)⁷⁹ ou Hiraiwa&Ishihara (2012).

Nesse sentido, a proposta de Resenes (2014) para as pseudoclivadas que ela chama de tipo B⁸⁰, seria interessante no sentido de que o elemento que é interpretado como foco é gerado sem o Caso gramatical que teria como argumento interno à chamada oração *wh* – o que não precisaria de uma motivação para perder tal marca.

Na análise bioracional de Resenes, que segue Den Dikken (2006), são considerados dois Ts na sentença: um deles contém o verbo copular e o outro

⁷⁹ *Apud.* Kizu (2005).

⁸⁰ Na esteira de Den Dikken (2006), Resenes (2014) separa as pseudoclivadas do português brasileiro em dois tipos, Tipo A e Tipo B, e propõe uma análise bioracional – que não pudemos explorar neste trabalho, porém, como aponto no parágrafo a seguir, é uma das propostas que devem ser exploradas em trabalhos futuros sobre o Japonês, pois, nessa análise, não haveria o problema de explicar a ausência de Caso do foco.

contém o verbo lexical. Assim, a estrutura de base das pseudoclivadas que a autora chama de Tipo B portaria uma *small clause*, nucleada por um relator, tendo a relativa livre como predicado e o foco como sujeito. Isso quer dizer que o foco é gerado de modo independente, fora da oração encaixada.

Se o foco é gerado de forma independente, ele não portaria um Caso gramatical e, dessa forma, não teríamos o problema de explicar a ausência de Caso do foco nas pseudoclivadas do Japonês – problema esse que não é resolvido (ou não esclarecido) nas propostas apresentadas de Kizu (2005), Hoji (1990)⁸¹, Hiraiwa&Ishihara (2012), nem de Kato e Mito (2009) se aplicada ao Japonês.

Através dos fenômenos aqui expostos, com variadas análises da literatura que foram apresentadas de forma breve, vemos que ainda há muitas questões a serem estudadas e esclarecidas em pesquisas posteriores.

3.8 RESUMO DO CAPÍTULO 3

Neste último capítulo tratamos das construções de clivagem do Japonês, abordando a sentença clivada e a sentença pseudoclivada, ditas canônicas. A clivagem foi conceituada como um recurso sintático de separar uma parte da sentença para destacar um constituinte como foco. Esse processo sintático de focalização produz uma sentença complexa, formada por uma parte que é foco e outra que é pressuposição – uma oração encaixada. Para isso, a clivagem faz uso de itens específicos: a cópula (verbo *ser*) e o complementizador *que* ou um elemento *wh* (*quem, o que, quando, etc*), no caso do Português Brasileiro. No Japonês, esses itens são a cópula */-da/* e o “complementizador nominalizante” */-no/* – podendo este último ser ambíguo entre complementizador e nominalizador. Vimos que nas sentenças clivadas ele é apenas um complementizador e que nas pseudoclivadas ele é, quase sempre, ambíguo. No caso de ser um nominalizador, ele pode ser interpretado como pronome relativo, com traços [+humano] ou [-humano] ou [+lugar] etc, formando uma relativa livre. Diferentemente do Português Brasileiro, que apresenta muitos tipos de clivagem, o Japonês parece apresentar apenas os dois: *clivadas* e *pseudoclivadas*.

⁸¹ *Apud.* Kizu (2005).

Identificamos que a sentença clivada do Português Brasileiro apresenta a sequência [Cópula + XP_(foco) + CP_(que+IP)] enquanto o Japonês apresenta a ordem [CP_(IP+no+wa) + XP-*case*_(foco) + Cópula], com a presença do morfema de tópico /-wa/ na oração encaixada e a marca de Caso gramatical no XP foco. Vimos que essa marca de Caso do foco são indícios para confirmar que o foco tem sua função gramatical atribuída dentro do IP encaixado. Ilustramos que, quando isso não ocorre, a sentença não é uma clivada. Identificamos também a sequência da sentença pseudoclivada: no Português Brasileiro, ela apresenta a sequência [CP_(wh...) + Cópula + XP_(foco)] e, no Japonês, a sequência [CP_(IP+no+wa) + XP-∅_(foco) + Cópula]. Como se nota, a ordem linear da clivada e da pseudoclivada do Japonês é a mesma. Aparentemente, a pseudoclivada do Japonês se difere da clivada apenas em um aspecto: o elemento pré-copular que na clivada é um XP-*case* e, na pseudoclivada é um XP-∅. O foco da pseudoclivada é assim representado porque ele não apresenta o Caso gramatical, como ocorre nas clivadas. Porém, para mostrar que a simples ordem linear não é suficiente para identificar o que é uma clivada/pseudoclivada, e também para diferenciar os dois tipos de sentenças, tratamos de suas propriedades gramaticais, com atenção especial em: função da clivada e pseudoclivada, ambiguidade, propriedades do complementizador / nominalizador /-no/ do Japonês e, por fim, a diferença estrutural entre as sentenças.

Do ponto de vista da função da clivada e pseudoclivada, mostramos que elas veiculam, de modo geral, os três tipos de foco apresentados no capítulo 2 em termos de interpretação: foco de informação, foco de identificação e foco contrastivo. Vimos que as clivadas do Português Brasileiro podem veicular foco contrastivo, foco de identificação e, apenas nos casos de foco sujeito (mas não objeto), pode ser também um foco de informação. No Japonês, as clivadas podem veicular os três tipos de foco de modo uniforme, porém, não é possível formar clivadas com foco sujeito nem com foco objeto, em qualquer das interpretações. De alguma forma, a presença de marca de Caso dessas duas categorias – sujeito e objeto – torna a sentença agramatical. Enquanto isso, as sentenças pseudoclivadas, tanto do Português Brasileiro quanto do Japonês, veiculam todas as três interpretações de foco. Ilustramos dados do Japonês que mostram que qualquer tipo de categoria – sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjuntos – na posição de foco pode formar uma pseudoclivada.

Também vimos que as construções de clivagem facultam duas interpretações em termos de sequência linear: predicacional ou especificacional, tanto no Português Brasileiro quanto no Japonês. Tratamos da ambiguidade das pseudoclivadas. A interpretação predicacional é aquela em que o constituinte da periferia da cópula predica toda a oração relativa. Já a especificacional é aquela em que o constituinte da periferia da cópula é um foco que atribui um valor à variável presente na oração encaixada, que representa a pressuposição. O Japonês, assim como o Português Brasileiro, apresenta essa ambiguidade – porém, apenas nas construções com DP na posição de foco. Conforme Resenes (2009), assumimos apenas a interpretação especificacional como uma pseudoclivada genuína, considerando-se a concepção de clivagem – um processo sintático de focalizar constituintes que especificam o valor da variável instaurada na oração encaixada. Vimos também que as construções ambíguas mais discutidas na literatura sobre o Português Brasileiro, a saber, aquelas cuja oração encaixada é uma copular, são agramaticais no Japonês, devido às propriedades da cópula */-da/*. Para entender o dado negativo, apontamos restrições para o aparecimento da cópula */-da/* nas orações encaixadas nucleadas por */-no/*. Ademais, vimos brevemente casos de conectividade sintática nas construções de clivagem, que resultam em construções gramaticais, apesar de não se atestar a relação de c-comando entre os termos relevantes em cada caso.

Discutimos também sobre o CP das construções de clivagem do Japonês para verificar diferenças entre clivadas e pseudoclivadas, além da marca de Caso do foco e das propriedades acima mencionadas. A oração encaixada que contém a informação pressuposta na clivada ou pseudoclivada no Japonês, é marcada morfologicamente pelo morfema */-wa/*, morfologia que sugere a interpretação do sintagma como tópico. Sendo um tópico, vem à tona a discussão da literatura sobre o Japonês acerca da sintaxe do tópico: se ele é movido para o Spec de TopP, ou se ele é gerado na base – neste último caso, com movimento de operador nulo dentro do constituinte tópico, de modo que não haja violação de ilha.

Por fim, apresentamos análises da literatura sobre a sintaxe da sentença clivada e pseudoclivada. Para o Português Brasileiro, Belletti (2008) propõe, nos moldes do modelo cartográfico, uma análise que permite capturar a assimetria entre clivadas de sujeito e clivadas de objeto, sendo somente as primeiras capazes de veicular um foco de informação. Para o Japonês, que não apresenta essa assimetria

sujeito/objeto, foi possível ilustrar algumas propostas da literatura, sem ainda aderir às diferenças na sintaxe quanto à interpretação do foco. Matsuda (1997) apresenta uma análise unificada para as construções de clivagem (sem diferenciação entre clivada e pseudoclivada): para ele, o foco dessas construções é gerado na base, em VP, e é movido para uma posição mais alta; em seguida, o CP complemento da cópula é movido para Spec de TopP. Já Kizu (2005) propõe que, nas clivadas, o XP foco é gerado em sua posição interna de VP, e nele permanece, como irmã da cópula. Kizu assume, na esteira de Hoji (1990), que o tópico dessas construções clivadas é gerado na base, mas há um movimento que ocorre dentro do CP topicalizado: há um operador nulo interno ao IP, coindexado com o constituinte foco, que sofre movimento para Spec de CP. Já para Hiraiwa e Ishihara (2012), a oração encaixada das clivadas é um FinP que nasce como complemento do núcleo Foc. Para esses autores, após o foco ser movido para Spec de FocP, o FinP complemento de Foc é movido para a posição de tópico via *Remnant Topicalization*, para receber sua interpretação e morfologia de tópico. Notamos que as propostas de Matsuda (1997) e Hiraiwa e Ishihara (2012), para as quais o foco é gerado na base, justificam a marca de Caso do foco e, portanto, mostram que a função gramatical do foco é atribuída dentro do IP encaixado. E, por outro lado, a proposta de Kizu (2005) visa explicar que, na topicalização da oração encaixada das clivadas, a violação de ilha não acontece.

Para a estrutura sintática das pseudoclivadas do Japonês, apresentamos a proposta que Kato e Mito (2009) sugerem para o Português Brasileiro e mostramos como seria se aplicada ao Japonês, uma vez que as pseudoclivadas não são exploradas na literatura a qual tivemos acesso. Os autores propõem que as pseudoclivadas apresentam um processo de derivação, no qual, antes de formar uma pseudoclivada canônica, formam as pseudoclivadas invertida e, ainda, a extraposta. Para os autores, que trabalham com uma pseudoclivada cuja oração wh é copular, a derivação dispõe de uma *small clause*, cuja posição de sujeito é ocupada pelo sujeito semântico da sentença e o predicado é um constituinte complexo – que contém a expressão wh e o conteúdo que será interpretado como foco na derivação. Nesse processo, a expressão wh é movida para FinP e, em seguida há uma inserção da cópula em Foc e o movimento do contrapeso para Spec de FocP – nessa etapa da derivação, constrói-se a pseudoclivada invertida. Em seguida, há uma inserção da cópula em Top, para a derivação da pseudoclivada

extraposta. E, por fim, para derivar a pseudoclivada canônica, o FinP, complemento do núcleo Foc, é movido para TopP. A *small clause*, tal como ela é proposta nesta estrutura, permite que o antecedente c-comande o que vai ser o contrapeso das pseudoclivadas e estabeleça a concordância entre eles. Mostramos uma tentativa de aplicar essa proposta para a pseudoclivada do Japonês – porém com uma sentença com oração encaixada não-copular, que é a estrutura bem formada de pseudoclivada nessa língua. Ao aplicar, vimos que essa derivação é mais ou menos na linha proposta por Hiraiwa e Ishihara (2012) para as clivadas, que também fazem bastante uso da periferia esquerda, com a diferença de que a oração encaixada (FinP) é movida e não gerada na base e, que a cópula não é inserida em Top, mas em Foc. Notamos que essas propostas, seja de Kato e Mito (2009), seja de Hiraiwa e Ishihara (2012), não dão conta de pelo menos dois problemas principais, se aplicadas às pseudoclivadas do Japonês: i) a “perda” (ou ausência) da marca de Caso do foco não pode ser explicada e, ii) o ganho do morfema de tópico /-wa/ precisa ser melhor explorado, para que justifique a afixação do mesmo ao núcleo de Fin, já ocupado pelo complementizador nominalizante /-no/. Este último problema também não é resolvido nas análises apresentadas para as clivadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo principal identificar e descrever as construções de clivagem do Japonês, tendo como base as teorias da Gramática Gerativa. Mais especificamente, buscamos investigar sobre o modo como determinadas propriedades da língua interagem com a sintaxe da clivagem. Para que essas propriedades se tornassem visíveis, lançamos mão da comparação do Japonês com o Português Brasileiro e tomamos como referência alguns estudos na abordagem cartográfica. Como as construções de clivagem envolvem categorias de foco e tópico no Japonês e elas são facilmente confundidas nessa língua, vimos a necessidade de discuti-las nos dois primeiros capítulos para, então, no terceiro e último capítulo, tratar das construções de clivagem – as sentenças que passam por um processo sintático específico de focalizar constituintes.

No capítulo 1, conceituamos o tópico como a informação pressuposta da sentença, que se articula numa relação tópico-comentário e que introduz um referente como assunto dentro de uma dada sentença. Identificamos que, no Japonês, o tópico é marcado pelo morfema /-wa/ e, se deslocado à esquerda, é retomado somente por uma categoria vazia, diferentemente do Português Brasileiro que pode ser retomado por um pronome. Vimos que há uma relação muito próxima entre sujeito e tópico e, então, averiguamos a possibilidade de um sintagma tópico ter uma caracterização categorial semelhante ao de sujeito (cf. KATO, 1989). Vimos, contudo, que no Japonês pode haver mais de um sintagma marcado por /-wa/ em uma sentença e que, nesse caso, eles não devem ser do mesmo tipo. Descrevemos, então, que há interpretações diferentes de tópico: contrastivo e não-contrastivo. Este último, foi subclassificado em dois: *familiar topic* e tópico temático (ou de função *aboutness*). Além disso, também vimos que pode haver um constituinte marcado por /-wa/ que não é um tópico, mas um constituinte com interpretação de “listagem anti-exaustiva” (KURODA, 2005), que pode responder a uma pergunta wh.

Este trabalho não tomou como escopo de pesquisa o *familiar topic*, da classificação de Frascarelli e Hinterhölzl (2007), pois seguimos a proposta de Reinhart (1981) de que uma descrição acerca do tópico deve separar o tópico sintático do tópico discursivo, devido à possibilidade de este último ser muito abstrato, abrangendo um discurso difícil de ser recuperado. Entretanto, o abarcamos como um subtipo de tópico não-contrastivo, por não poder ignorá-lo por completo:

mostramos dados em que parece ser possível o aparecimento de três sintagmas tópico no Japonês, dentre elas, o tópico que pode ser *familiar topic*. Percebemos, assim, que ele merece um estudo mais acurado para o Japonês em pesquisas futuras, principalmente no que diz respeito à proposta cartográfica de projeção sintática específica para sua interpretação. Com relação à possibilidade de desconsiderar a divisão entre sujeito e tópico, sugerida por Kato (1989), seria necessário restringir essa possibilidade a apenas um tipo de tópico, visto que uma sentença pode apresentar mais de um sintagma /-wa/ e não há como interpretar mais de um constituinte como sujeito. Arriscamos sugerir que esse tópico deve ser o tópico temático, pois os dados apresentados pela autora parecem ser desse tipo.

Apresentamos, ainda no mesmo capítulo, uma breve discussão de como a literatura sobre o Japonês trata o tópico na sintaxe. Desde Kuroda (1970) considerou-se que um tópico que é digno desse nome não é gerado na base, mas é movido de dentro do IP para uma posição mais alta – na teoria atual, essa posição seria TopP, da proposta do CP explodido de Rizzi (1997). Contudo, Hoji (1985), Saito (1985), Kizu (2005) e Hiraiwa & Ishihara (2012) sugerem que pode haver tópico gerado na base, quando este pode ser licenciado pela relação de *aboutness*. Para muitos deles, somente o tópico contrastivo realizado na primeira posição é derivado por movimento. No capítulo 3, retomamos esse assunto porque a oração encaixada das construções de clivagem do Japonês é sempre acompanhada do morfema /-wa/. Uma vez que o conteúdo dessa oração encaixada das construções de clivagem é uma informação pressuposta, tal como deve ser um tópico, podemos excluir da análise a possibilidade de essa oração ter interpretação de “listagem anti-exaustiva” – o tipo apontado por Kuroda (2005) como um sintagma /-wa/ que não é tópico. Sendo um tópico, temático ou contrastivo, vem à tona a discussão sobre as construções de clivagem do Japonês acerca da sintaxe do tópico. De acordo com a literatura, ele pode ser movido para o Spec de TopP, ou ser gerado na base – neste último caso, com movimento de operador nulo dentro do constituinte tópico, de modo que não haja violação de ilha. Retomamos o assunto mais tarde, após a identificação das construções de clivagem e a sintaxe proposta para elas.

No capítulo 2, definimos o foco como um elemento que representa a informação não-pressuposta de uma dada sentença e se articula numa relação foco-pressuposição. Essa pressuposição é dependente de contexto e, portanto, de nível pragmático, tal como o tópico. Vimos que o foco pode ser de dois tipos em termos de

forma: foco estreito ou foco amplo. Em termos de interpretação semântica, ele pode ser de três tipos: foco de informação, foco de identificação e foco contrastivo. Na abordagem cartográfica, esses tipos de foco que são dependentes do contexto discursivo, têm projeções específicas. Tanto no Japonês quanto no Português Brasileiro, o foco pode aparecer em diversas posições na sentença. Se é sentença simples, o foco pode aparecer *in situ* – onde pode veicular foco de informação, de identificação, e contrastivo – ou deslocado à esquerda – onde podem figurar apenas o foco contrastivo/exaustivo. Mostramos que o morfema /-ga/ do Japonês, não é um marcador de foco, como se costuma postular. Esse morfema é a marca de nominativo e acompanha um constituinte cuja função é de sujeito apenas quando o sujeito é o foco da sentença ou quando a sentença inteira é o foco. Nos demais casos, o constituinte foco é marcado pelo seu morfema de Caso gramatical. No capítulo 3, mostramos, ainda, que em sentenças complexas como a da clivagem, o foco pode ou não aparecer com sua marca de Caso gramatical. Aliás, essa é uma das propriedades da língua que motivam a classificação das construções de clivagem em clivadas e pseudoclivadas. Na construção de clivagem, não pode haver foco marcado por /-ga/, nem por /-o/ quando o constituinte é simples: sujeito e objeto com Caso marcado são, de modo geral, agramaticais nas construções de clivagem. Pelos diversos motivos mencionados, a realização do morfema /-ga/ não motiva uma projeção para o foco.

Ainda no capítulo 2, procuramos traçar distinções entre essas categorias foco e tópico que, em Japonês, é facilmente confundido. Mostramos que as relações tópico-comentário é de sujeito e predicado, e a relação foco-suposição é de quantificação, na qual o foco é o valor atribuído à variável. Contudo, o dado problematizado por Kuroda (2005) tem um sintagma /-wa/, supostamente tópico, que responde a uma pergunta-wh – ocupando, portanto, uma posição e interpretação de foco. Cabe a estudos futuros investigar e atribuir uma classificação para esse caso de “listagem anti-exaustiva” porque, não raro, o foco contrastivo é confundido com tópico contrastivo, junto a esse caso mencionado. Por ora, devido a esse dado, consideramos que a realização do morfema /-wa/ não é suficiente para se estipular uma projeção do tópico no Japonês, embora todo tópico seja marcado por /-wa/.

Vimos também que, na sintaxe, o constituinte interpretado como foco é movido para o Spec de FocP, atendendo à compatibilidade de traço [+Foc] na relação Spec/núcleo, como propõe Rizzi (1997). Mostramos que, na abordagem cartográfica,

há uma projeção diferente de FocP para cada tipo de interpretação do foco. O foco de informação não passa por uma reordenação sintática da sentença e permanece *in situ*, isto é, este constituinte foco ocupa a posição de especificador da categoria FocP internamente ao IP via movimento (cf. BELLETTI, 2001; MIOTO, 2003). Já o foco contrastivo e o foco de identificação, que possuem o traço [+exaustivo] em comum, e que são deslocados à esquerda, são movidos de dentro do IP encaixado para Spec de FocP (cf. RIZZI, 1997). Verificamos como essas propostas poderiam ser aplicadas no Japonês: haveria um movimento adicional, do sujeito da sentença que seria movido para a posição de Spec de TopP para receber o morfema de tópico. Essa diferença entre projeções de foco de informação e foco contrastivo é mantida para a análise das clivadas do Português Brasileiro (cf. MIOTO 2003; GUESSER e QUAREZEMIN, 2013; QUAREZEMIN, 2009, 2014). No capítulo 3, apresentamos apenas a proposta de Belletti (2008) que segue a mesma linha adotada para análises das clivadas do Português Brasileiro sob abordagem cartográfica.

Por fim, no capítulo 3, conceituamos clivagem como um recurso sintático de separar uma parte da sentença para destacar um constituinte como foco. A sentença complexa formada nesse processo é constituída de uma parte que é foco e outra que é pressuposição – oração encaixada que, como mencionamos acima, é marcado por /-wa/ e interpretado como tópico. Vimos que esse processo de clivagem faz uso de itens específicos que, no Japonês, são a cópula /-da/ e o “complementizador nominalizante” /-no/. Mencionamos que o Japonês parece apresentar apenas os dois tipos canônicos de clivagem – sentenças clivadas e pseudoclivadas –, enquanto o Português Brasileiro apresenta uma rica gama de construções. Ao final do capítulo, entretanto, verificamos que pode haver sentenças interrogativas que podem ser um tipo de pseudoclivada reduzida. Deixamos, então, para estudos futuros verificar de modo mais acurado a natureza da cópula nessa língua e testar se não há, ainda, outras variantes da cópula /-da/ que mostrem um comportamento diferente de /-da/ nessas construções de clivagem. Isso porque a natureza da cópula do Japonês parece ser a responsável por restringir as opções de clivagem a apenas duas, visto que, como apontamos no decorrer do capítulo, ela parece apresentar muitas restrições de realização em orações encaixadas.

Identificamos que a sentença clivada do Português Brasileiro apresenta a sequência [Cópula + XP_(foco) + CP_(que+IP)] e, o Japonês, a ordem [CP_(IP+no+wa) + XP_{-case(foco)} + Cópula]. Vimos que o foco apresenta marca de Caso e isso é um indício

para confirmar que o foco tem sua função gramatical atribuída dentro do IP encaixado. Identificamos também a sequência da pseudoclivada: no Português Brasileiro, ela apresenta a sequência [CP_(wh...) + Cópula + XP_(foco)] e, no Japonês, a sequência [CP_(IP+no+wa) + XP-∅_(foco) + Cópula]. Como se nota, a ordem linear do Português Brasileiro é diferente entre as construções *mas*, a no Japonês a ordem é a mesma. Aparentemente, a pseudoclivada do Japonês se difere da clivada apenas em um aspecto: o elemento pré-copular que na clivada é um XP com marca de Caso, na pseudoclivada é um XP sem a marca de Caso gramatical. Porém, mostramos que a simples ordem linear não é suficiente para identificar o que é uma clivada e pseudoclivada, diferenciando-as através da descrição de suas propriedades gramaticais.

Uma das propriedades dessas construções, é a função da sentença, em termos de tipo de foco que elas veiculam. De modo geral, elas veiculam todos os três tipos de foco apresentados no capítulo 2. As clivadas do Português Brasileiro podem veicular foco contrastivo, foco de identificação e, apenas nos casos de foco sujeito (*mas não objeto*), pode ser também um foco de informação. No Japonês, as clivadas podem veicular os três tipos de foco de modo uniforme, porém, não é possível formar clivadas com foco sujeito nem com foco objeto, em qualquer das interpretações. Enquanto isso, as pseudoclivadas, em ambas as línguas, veiculam todas as três interpretações de foco. Ilustramos dados do Japonês que mostram que qualquer tipo de categoria – sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjuntos – na posição de foco pode formar uma pseudoclivada. Então, de alguma forma, a presença de marca de Caso das categorias sujeito e objeto no Japonês parece tornar a sentença agramatical. Assim, fica em aberto, para ser averiguada em estudos futuros, a questão de o por que a morfologia de Caso inviabiliza a formação de clivadas de sujeito e objeto no Japonês.

Também vimos que as pseudoclivadas facultam duas interpretações em termos de sequência linear: predicacional ou especificacional. A interpretação predicacional é aquela em que o constituinte da periferia da cópula predica toda a oração relativa, e a especificacional é aquela em que o constituinte da periferia da cópula é um foco que atribui um valor à variável presente na oração encaixada. Assumimos apenas a interpretação especificacional como uma pseudoclivada genuína, considerando-se a concepção de clivagem. Ambas as línguas apresentam essa ambiguidade, porém, as construções mais discutidas na literatura sobre o Português Brasileiro – aquelas

cuja oração encaixada é uma copular – são agramaticais no Japonês, certamente devido às propriedades da cópula */-da/*. Para entender o dado negativo, apontamos restrições para o aparecimento dessa cópula nas orações encaixadas nucleadas por */-no/*. Ademais, vimos brevemente casos de conectividade sintática nas construções de clivagem, que resultam em construções gramaticais, apesar de não se atestar a relação de c-comando entre os termos relevantes em cada caso. Outros dados, tais como os que apresentam o constituinte foco mais complexo, com e sem marca de Caso do NP, devem ser testados para estudar melhor essa relação de c-comando nas construções de clivagem do Japonês.

Discutimos também sobre a oração encaixada das construções de clivagem do Japonês. Como mencionamos, ele é marcado por */-wa/* e trata-se de um tópico. As análises que propõem geração na base (cf. KIZU, 2005), assumem um movimento que ocorre dentro do CP (ou FinP) topicalizado: um operador nulo interno ao IP, coindexado com o constituinte foco, sofre movimento para Spec de CP. Percebemos que esse tipo de análise visa explicar que, na topicalização da oração encaixada das construções de clivagem, a violação de ilha não acontece. Já as análises que propõem movimento do tópico para Spec de TopP, visam explicar a realização da marca de Caso do foco – se este for gerado na base, dentro do VP, ele recebe Caso e, quando movido para receber a interpretação de foco, o Caso é movido junto. Essa análise pode ser adequada para as clivadas, mas não para as pseudoclivadas. Contudo, nenhuma das análises apontadas nesta dissertação para as clivadas e pseudoclivadas parece dar conta da afixação de */-wa/* no núcleo de CP (ou FinP), que já está ocupado pelo complementizador nominalizante */-no/*. Assim, cabe aos estudos futuros averiguar melhor sobre a projeção de */-wa/*. Além disso, se a abordagem é cartográfica, seria relevante que esse estudo apresente uma análise distinta para cada tipo de interpretação de tópico possível: temático e contrastivo.

Propusemos, ainda, o estatuto da expressão */-no/* – núcleo da oração encaixada – de acordo com o tipo de clivagem. Embora essa expressão já tenha um estatuto na literatura, denominado “*nominalizing complementizer*” (cf. KURODA, 1976), sugerimos, de acordo com os dados verificados nas construções de clivagem, que: i) nas clivadas a expressão */-no/* é apenas um complementizador, uma vez que quando interpretada como nominalizador a sentença é agramatical e; ii) nas pseudoclivadas o */-no/* é um “complementizador nominalizante”, conforme apontado por Kuroda (1976), já que nessas sentenças ele é quase sempre ambíguo entre

complementizador e nominalizador. No caso de ser um nominalizador, ele pode ser interpretado como pronome relativo, com traços [+humano] ou [-humano] ou [+lugar] etc, formando uma relativa livre.

Por fim, apresentamos análises da literatura sobre a sintaxe da sentença clivada e pseudoclivada. Belletti (2008) propõe, nos moldes do modelo cartográfico, uma análise que permite capturar a assimetria entre clivadas de sujeito e clivadas de objeto, sendo só as primeiras capazes de veicular um foco de informação. Para o Japonês, que não apresenta essa assimetria sujeito/objeto, foi possível ilustrar algumas propostas da literatura, mas sem ainda aderir às diferenças quanto à interpretação do foco na sintaxe. Matsuda (1997) apresenta uma análise unificada para as construções de clivagem (sem diferenciação entre clivada e pseudoclivada): para ele, o foco dessas construções é gerado na base, em VP, e é movido para uma posição mais alta; em seguida, o CP complemento da cópula é movido para Spec de TopP. Já Kizu (2005) propõe que, nas clivadas, o XP foco é gerado em sua posição interna de VP, e nele permanece, como irmã da cópula. Kizu assume, na esteira de Hoji (1990), que o tópico dessas construções clivadas é gerado na base, e que um movimento de operador nulo ocorre dentro do CP topicalizado. Já para Hiraiwa e Ishihara (2012), a oração encaixada das clivadas é um FinP que nasce como complemento do núcleo Foc. Para esses autores, após o foco ser movido para Spec de FocP, o FinP complemento de Foc é movido para a posição de tópico via *Remnant Topicalization*, para receber sua interpretação e morfologia de tópico. Notamos que as propostas de Matsuda (1997) e Hiraiwa e Ishihara (2012), para os quais o foco é gerado na base, justificam a marca de Caso do foco e, portanto, mostram que a função gramatical do foco é atribuída dentro do IP encaixado. E, a proposta de Kizu (2005) parece explicar que, na topicalização da oração encaixada das clivadas, a violação de ilha não acontece. Porém, ela não dá conta da presença da marca de Caso do foco nas clivadas.

Para a estrutura sintática das pseudoclivadas do Japonês, apresentamos a proposta que Kato e Mito (2009) sugerem para o Português Brasileiro e mostramos como seria se aplicada ao Japonês, uma vez que as pseudoclivadas não são exploradas na literatura ao qual tivemos acesso. Os autores propõem que uma pseudoclivada cuja oração wh é copular e, para eles, o *input* da derivação dispõe de uma *small clause*, cuja posição de sujeito é ocupada pelo sujeito semântico da sentença e o predicado é um constituinte complexo, do qual faz parte o constituinte

que será interpretado como foco. Ao aplicar, vimos que a derivação é mais ou menos na linha proposta por Hiraiwa e Ishihara (2012) para as clivadas, com a diferença de que a oração encaixada (FinP) é movida, e não gerada na base, e, que a cópula não é inserida em Top. Notamos que nessas propostas, seja de Kato e Mioto (2009), seja de Hiraiwa e Ishihara (2012), há pelo menos dois problemas não resolvidos, se aplicadas às pseudoclivadas do Japonês: i) a “perda” da marca de Caso do foco não pode ser explicada e, ii) o ganho do morfema de tópico */-wa/* precisa ser melhor explorada, para que justifique a afixação da mesma ao núcleo Fin, já ocupado pelo complementizador nominalizante */-no/*. Este último problema também não é resolvido nas análises apresentadas para as clivadas.

Notamos que a literatura sobre a clivagem do Japonês não se preocupa muito em apresentar um tratamento diferenciado para as construções de clivagem. Os autores acima mencionados têm como objetivo descrever as sentenças clivadas. Mas, ao caracterizá-las como clivadas, e não como pseudoclivadas, as diferenças de propriedades dessas sentenças não são abordadas de modo refinado. Muitos sugerem uma estrutura sintática para as pseudoclivadas semelhante das atribuídas às clivadas, tendo como base a semelhança da ordem linear dos constituintes dessas construções. Contudo, dadas as propriedades das clivadas e pseudoclivadas estudadas brevemente nesta dissertação, percebemos a necessidade de pelo menos duas análises sintáticas distintas: uma para dar conta da clivada, cujo foco tem seu Caso gramatical marcado, e outra para a pseudoclivada, cujo foco aparece sem marca de Caso. Para a construção que figura o foco com marca de Caso, seria compatível uma análise em que o foco seja gerado internamente à oração encaixada, para poder checar seu Caso localmente, como a análise de Hiraiwa e Ishihara (2012). Já para a construção que figura o foco sem a marca de Caso gramatical, o foco deve ser gerado independente do constituinte em que está seu atribuidor de Caso e, para tanto, seria compatível uma análise como a que Resenes (2014) faz para as pseudoclivadas que ela chama de “Tipo B”, cuja estrutura de base portaria uma *small clause*, nucleada por um relator, tendo a relativa livre como predicado e o foco como sujeito, ou como a de Kizu (2005), embora a proposta dessa autora se refira às clivadas. Nessas propostas, o foco é gerado de modo independente, fora da oração encaixada, o que justificaria a ausência da marca de Caso.

Esta dissertação buscou descrever algumas das propriedades básicas do Japonês, em especial, do processo sintático conhecido como clivagem, e procurou

traçar diferenças entre clivadas e pseudoclivadas. Apresentamos as análises propostas pela literatura na tentativa de capturar essas diferenças. Mesmo assim, muitas questões permanecem em aberto para melhor estabelecer as propriedades das clivadas e pseudoclivadas e dos elementos que as compõem, algumas das quais apontamos nessas considerações finais.

REFERÊNCIAS

- AKMAJIAN, A. On deriving cleft sentences from pseudocleft sentences. In: *Linguistic Inquiry*, v.1: 149-168, 1970.
- BELLETTI, A. Aspects of the low IP area. In: *The Structure of IP and CP. The Cartography of Syntactic Structures*. v. 2, Luigi Rizzi (ed.). Ney York: Oxford University Press, 2004.
- _____. *The CP of cleft*. Revista STiL- Studies in Linguistics – CISCL Working Papers on Language and Cognition, v. 2, 2008c. p. 7-18.
- BOSCOVIC, Z. Pseudoclefts. In: *Studia Lingüística*.v.51.n.3, p.253-277, 1997.
- ENDO, Y. *Locality and Information Structure: A cartographic approach to Japanese*. Philadelphia: John Benjamins B.V., 2007. 235p.
- FUCHS, C. Y. M. *Os Marcadores –GA e –WA em Japonês: Um estudo dos traços morfossintáticos e semânticos para a inserção vocabular*. 2009. 173 f. Tese de Doutorado. Universidade de Santa Catarina, Florianópolis.
- GUESSER, S. *Soggetto Nullo e Focalizzazione del Soggetto in Pottoguese Brasiliano*. 2007. Dissertação de Mestrado. Università di Siena, Siena.
- GUESSER, Q.; QUAREZEMIN, S. Focalização, cartografia e sentenças clivadas do Português Brasileiro. *Revista Linguística/Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, vol. 9, n. 1, 2013. p. 188-208.
- HEYCOCK, C. Focus Projection in Japanese. In: González, M. (ed.) *Proceedings of NELS*, 24, Amherst, GLSA, p.159-187, 1993a.
- HIGGINS, J. R. *The pseudo-cleft construction in English*. 1973. 361 f. Doctoral Dissertation, MIT. Reproduced by the Indiana University Linguistics Club.
- HIRAIWA & ISHIHARA. Missing Links: Cleft, Sluicing, and ‘No Da’ Construction in Japanese. In: *Linguistics*. v.43, p. 35-54, 2002.
- HOSHI, K. ‘No’ as the Licensor of Null Nominal Complement Constructions in Japanese. 2005. Disponível em: <

http://koara.lib.keio.ac.jp/xoonips/modules/xoonips/download.php?file_id=10647>.

Acesso em: 03 nov. 2012.

KATO, Mary. Tópico e Sujeito: duas categorias na sintaxe? In: *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 17, p.109-131, jul./dez. 1989.

KATO, M.; MIOTO, C. *Pseudo-clivadas e os efeitos de conectividade*. Trabalho apresentado no Encontro Nacional do Grupo de Trabalho Teoria da Gramática (GT-TG) da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL). UnB/Brasília. 2009.

KATO, Masahiro. *Functions of Japanese ga-clefts in discourse: A relevance theoretic approach*. (200?) Disponível no site:

<<http://www.phon.ucl.ac.uk/publications/WPL/00papers/kato.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2010.

KISS, K. E. Identificational Focus versus Information Focus. *Language*, v. 74, n. 2, p. 245-273, 1998.

KIZU, Mika. *Cleft Constructions in Japanese Syntax*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

KOMAGATA, N. Pseudoclefts in Japanese. Paper submitted for *LING555*, Workshop in Syntax/Semantics, 1996. Disponível em:

<<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.37.5862&rep=rep1&type=pdf>> Acesso em: 02 nov. 2012.

KUNO, S. *The Structure of Japanese Language*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1973.

KURODA, S. –Y. *Generative Grammatical Studies in The Japanese Language*. 1965. 234 f. PhD Dissertation. MIT. Disponível em:

<http://dspace.mit.edu/handle/1721.1/13006>. Acesso em: 30 jul. 2013.

_____. Pivot-Independent Relativization in Japanese. In _____ (ed.), *Japanese Syntax and Semantics: Collected Papers*. Netherlands: Kluwer, p. 114-174, 1992.

_____. Whether we agree or not: A comparative syntax of English and Japanese. In _____ (ed.), *Japanese Syntax and Semantics: Collected Papers*. Netherlands: Kluwer, p. 315–357, 1992.

_____. Headless Relative Clauses in Modern Japanese and the Relevancy Condition. In: *Proceedings of the 2nd Annual Meeting of the Berkley Linguistics Society*, 2, p.269-279, 1976.

_____. Focusing on the Matter of a Topic: a study of *wa* and *ga* in Japanese. *Journal of East Asian Linguistics*, 14, p.1-58, 2005.

_____. . Shubunaizaikankeisetsu. In: Kuroda, S.-Y. and Nakamura, M. (eds.), *Kotoba no Kaku to Syuuen*. Tokyo: Kurosio, p. 27–104, 1999.

LAMBRECHT, K. A framework for the analysis of cleft constructions. In: *Linguistics*, v. 39, n. 3, p. 463-516, 2001.

MARCHESAN, A. *As relativas livres em Português Brasileiro*. 2012. 219f. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MENUZZI, S. Comentários sobre o Artigo “Pseudoclivadas e os Efeitos de Conectividade”, de Mary Kato e Carlos Miotto. In: NAVES e SALLES (orgs.). *Estudos Formais da Gramática das Línguas Naturais*. Goiânia: Cãnone, 2011. p. 61-83.

MIOTO, C. *Focalização e Quantificação*. In: Revista Letras. Curitiba, n. 61, p. 169-189, 2003.

_____. *Pseudo-clivadas*. Palestra apresentada na USP, São Paulo: USP, 2009.

_____. Interrogativas Wh no Português Brasileiro Europeu e no Português Brasileiro. In: PIRES DE OLIVEIRA, R; MIOTO, C. (orgs). *Percursos em Teoria da Gramática*. Florianópolis: UFSC, p.43-72, 2011.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M.C.; LOPES, R.E.V. *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.

MIOTO, C.; NEGRÃO, E. V. As sentenças clivadas não contêm uma relativa. In: CASTILHO, A.T. de; TORRES DE MORAIS, M. A., LOPES, R.E.V.; CYRINO, S.M.L. (orgs). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. São Paulo, FAPESP; Campinas, Pontes, p. 159-183, 2007.

QUAREZEMIN, S. *Estratégias de Focalização em Português Brasileiro – Uma Abordagem Cartográfica*. 2009. 289 f. Tese de Doutorado. Universidade de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. *Assimetria sujeito-objeto focalizados nas sentenças clivadas e pseudoclivadas*. In: Revista Veredas: Sintaxe das Línguas Brasileiras. Vol.18/1, p. 60-78, 2014. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/07/04-Quarezemin.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2014.

RIZZI, L. The fine structure of left periphery of the clause. In: Haegeman, L. (ed) *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer, p. 281-337, 1997.

REINHART, T. Pragmatics and Linguistics: an analysis of sentence topics. In: *Philosophica*, 27, p.53-94, 1981 (1).

RESENES, M. S. *Sentenças Pseudoclivadas do Português Brasileiro*. 2009. 137 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. *A Sintaxe das Construções Semiclivadas e Pseudoclivadas do Português Brasileiro*. 2014. 284 f. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.

SAITO, M. Ellipsis and Pronominal Reference in Japanese Clefts. *Linguistics 1: Research Results and Activities 2003*. Nanzan, 2004. Disponível em: <<http://www.ic.nanzan-u.ac.jp/LINGUISTICS/publication/pdf/NL1-2-saito.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2012.

WATANABE, A. Wh and Operator constructions in Japanese. In: *Língua*, v. 113, p. 519-558, 2002.

ZUBIZARRETA, M. L. *Prosody, Focus and Word Order*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, p.2-7, 1998.